

A 655796

DUPL

CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

JOHN G. WHITE COLLECTION
REFERENCE DEPARTMENT

No.

ALL persons are entitled to the benefits of the Library unless debarred by transgressing the rules. Perfect quiet must be maintained. No use of books will be allowed to persons with unclean hands; neither will it be permitted to handle books roughly.

Any injury, mutilation, or defacement of books or other property of the Library, is a violation of the following statute of the State of Ohio:

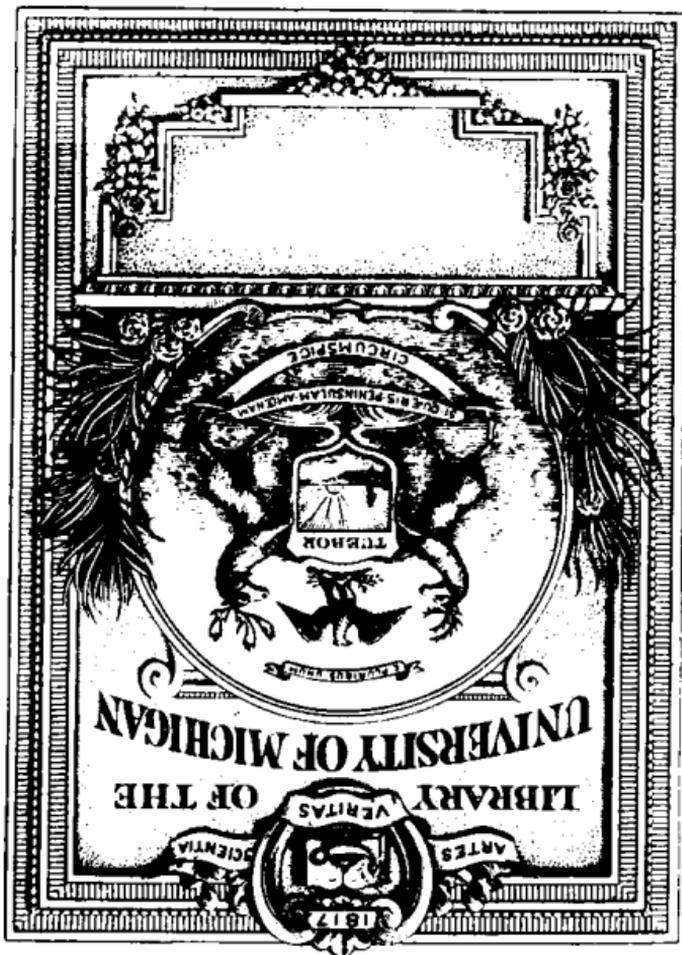
"Section 6863. Whoever maliciously destroys or injures any property not his own, shall, if the value of the thing destroyed, or the injury done, is one hundred dollars or more, be imprisoned in the penitentiary not more than seven years, or less than one year, or, if the value is less than that sum, be fined not more than five hundred dollars or imprisoned not more than thirty days, or both."

C. F.

5-11.

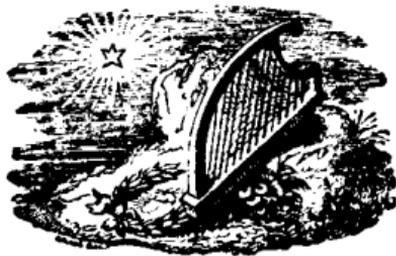
869.8
B242
1849

RECEIVED IN EXCHANGE
FROM
Cleveland
Public Library



Barcellos, Pedro, conde de

**TROVAS E CANTARES DE UM CODICE
DO XIV SEculo: OU ANTES,
MUI PROVAVELMENTE,
« O LIVRO DAS CANTIGAS »
DO CONDE DE
BARCELLOS:**



(COM DOIS FAC-SIMILES).

M. A. L. P. J. D.

MDCCCXLIX.

WASHINGTON

NO. 1

APR 18 1913

Na imprensa de D. Alexandro Gomes Fuentenebro, rua de
las Urosas, n.º 40.

Exch.
Cleveland Pub. Lib.
1-22-1932

INTRODUÇÃO.

- I. Titulo e auctor deste livro. — II. Noticias do codice e desta edição'. — III. Appreciação' destas poesias. — IV. Sua linguagem. —

I.

As venerandas rimas que publicamos não' tinham titulo: devendo tel-o este livro puzemos toda a reserva na redacção' do que lhe demos, e a exposição' que passamos a fazer do seu conteúdo nos servirá ao mesmo tempo de justificação'.

Trovas, cantares ou tambem cantigas são' os nomes dados no proprio texto a cada uma das peças de poesia, que por espirito de ordem e para facilitar as citaçoens, tomámos a liberdade de numerar.

Do seculo 14.º é sem duvida o codice existente em Lisboa que nos transmite as mesmas poesias, e de que damos dois fragmentos por *fac-simile*; e não' so por essa lettra como principalmente pela de certas emendas e adiçoens em cursivo, que

jv

existem no codice, se decide ser este do seculo 14.^o; graças á paleografia que revela taes mysterios aos nella iniciados, do mesmo modo que o simples lavor da pedra descobre ao entendedor em architectura a epoca em que foi a obra fabricada.

Assim na primeira parte do titulo cremos haver procedido com tanta reserva que sua exactidao' pode quasi raiar pela infalibilidade mathematica. Outro tanto nao' succede á segunda que por isso mesmo acompanhámos de uma clausula conjectural, que trataremos de justificar, combinando o texto das mesmas poesias do codice, com factos e noticias contemporaneas a elle, que chegaram ao nosso conhecimento.

A leitura attenta das poesias nao' só deixa no espirito a persuasao' de que ellas pertencem todas a um só, e nao' a diversos auctores *, como faz ver que ellas se dirigiam quasi exclusivamente a certa dama da Corte portuguesa, que como sabemos muitas vezes estava entao' em Santarem: diz o trovador que a tal dama era sua parenta e sua natural, e se lembra de a ter visto com sua mai em um estrado, e tambem junto a Barcellos **.

* J. P. Ribeiro, *Reflexoens Filologicas*, Coimbra, 4856, pag. 48.

** Cantigas 45, 64, 70, 449, 420, 424, 423, 456, 244 e 246.

Mas ella era bella, e bem nascida, «mansa e de bom falar» e nao' tardon muito que nao' houvesse quem a pedisse em casamento. Entao' o trovador de ordem de sua dama e senhora, e por ventura em quanto se negocia o casamento, ausenta-se della, indo correr terras. Mas, nao' podendo ser superior á ausencia, volta pouco depois. Porem deve ella partir para realizar o dito casamento, com o qual ia elevar-se. Por essa occasiao', ao que parece, veem-se muito contentes os d' Hespanha, que ali estao', por voltarem á sua terra, donde acabava de sair elle trovador *. Realizada tal partida, o pobre amante fica-se lamentando; até que por um homem que veio da terra donde ella estava, vê modo de a ir ver. Assim o projecta e põe por obra. Dirige-se a Segovia e ahi a vê, e lhe fala **.

Quanto á sua bella diz-nos que tinha olhos verdes, e que seu nome era um dos tres, Joana, Sancha ou Maria ***; nota-se porem predi-

* Cant. 72, 80, 93, 114, 118, 152, 153, 154 y 208 e fragm. (m). Neste ultimo, salvo de uma das guardas do codice, se lê:

... » vos foron daqui fillar

A guisa de vos *elevar*»

** Cant. 168, 170, 175, 176, 203, 246, 247 e 248.

*** Cant. 237, 197, 211, 212 e 215.

lecção' pelo ultimo, pois o guarda para o fim do verso; nao' só tal vez por se comprazer em buscar-lhe as rimas, como porque ao cantal-o poderia deter-se mais nelle, modulando e prolongando a voz. E uma vez (Cant. 246) depois de pronunciar o nome de Maria parece fazer alarde de ter revelado seu segredo. Confessamos porem que nao' entendemos o sentido que quiz dar á expressao' «*filha de Maria.*» *.

Depois desta agradavel visita a Segovia que por parte do trovador nao' teria fim, foi elle obrigado, pela propria dama, a separar-se d' ella. Ao retirar-se por mar, compara este a el rei de Castella e Leon; porque, diz, todos temem um e outro, e ninguem os conquista, convindo delles desconfiar quando parecem mansos, etc. **.

Tudo induz a crer que a tal dama era nada menos do que a rainha D. Maria, filha de Afonso IV de Portugal, nascida em 1313, pedida em casamento pelos embaixadores de Alonso XI em 1327. ***, e com este enlaçada definitivamente no anno seguinte. Em tal caso ao mesmo rei alude a citada comparação' ao mar,

* Maria se chamava, da que desconfiamos, nao' sua mai, mas sua sogra.

** Cant 272, 275, 281 e 286.

*** Souza. Hist. Gen. T. 4.º, p. 520. — Torre do Tombo, G. 47, m. 6, doc. 23.

a qual podia revelar ser o tal rei furioso em seus zelos, apesar da preferencia que sempre deu a Leonor de Gusmao';—preferencia de que com represalias tomava vingança a sua rainha, segundo a opiniao' de Mariana, Argaiç e Ayala, sendo que este ultimo cita até o favor de que junto della gosava certo cavalheiro portuguez.

Contribue a fortificar as suspeitas de ser essa rainha a dama de que se trata, a circumstancia de que justamente é seu parente e seu natural o poeta contemporaneo, a quem já antes das consideraçoes que ora fazemos, se attribuiam por outros motivos taes poesias. Referimo-nos ao Conde de Barcellos, filho d' el rei D. Diniz, tio da dita rainha D. Maria, e com boas provas, reputado auctor de um «*Livro de Cantigas*» que no seu testamento, feito em Lalim aos 30 de Março de 1350, legou ao mesmo rei de Castella, talvez para assim deixar á sua bella, esposa deste, occasiao' de ler as poesias que ella inspirára. Até agora desconflava-se de que o mesmo Conde de Barcellos era o auctor

* A Monarchia Lusitana e Barboza no Catalogo das Rainhas occupam-se mui louvavelmente em pugnar pelo credito da rainha portugueza.

** «Item mando o meu livro das Cantigas a El rei de Castella.» (Souz. Hist. G. T. 4.º)

destas poesias, nao' só porque no original se acham ellas juntas no mesmo volume, com folhas do mesmo formato e lettra, a um livro de linhagens, que o Sr. A. Herculano crê ser o original do Nobiliario do mesmo Conde, que mui adulterado publicaram Faria e Lavanha, como pela circumstancia de se mencionar no texto a residencia que tivera o poeta em Barcellos, etc.

O Senhor Bellerman, que foi quem mais estudou estas poesias, previu taes suspeitas, que hoje, julgamos, nao' pouco apparecem corroboradas. Nem faça duvida o dizer o poeta que antes queria a sua dama que ser «rei, nem seu filho, nem emperador», quando expressoens analogas, imitadas dos outros trovadores, encontramos nas poesias del rei D. Diniz, sendo ali muito mais dignas de reparo, por quanto o Conde D. Pedro se bem que filho de rei, podia ter que desejar nessa mesma condiçao', por nao' ser legitimo. Sendo pois estas as poesias do Conde de Barcellos, deve fixar-se a epoca em que foram escriptas desde algum tempo antes do casamento da dita rainha D. Maria até alguns annos depois; pertencendo por tanto ao fim do primeiro terço do seculo 14.º Já entao' o Conde teria enviuvado de sua primeira mulher D. Branca, o que vai em harmonia com o que diz a cantiga 214 que é como a continuação' da 207, ambas compostas tal vez á morte da mesma D. Bran-

ca *, se acaso nao' devemos considerar uma e outra, como mais um disfarce ardiloso de que se serviria o trovador para occultar melhor os seus amores, virtude esta de que elle tanto se presava.

Segunda vez veio o Conde a cazar com certa viuva aragoneza D. Maria Ximenes Coronel: e ainda que o nome de Maria poderia dar alguma suspeita a favor de ser esta a dama por quem trovava, todas as mais circumstancias sao' contra; pois que nao' era sua parenta; nem tao' pouco sua natural, nem a teria visto com sua mai em um estrado etc. **.

E se bem que com ella se cazasse, cremos que a poesia dos antigos amores conservou sempre a favor da rainha, á vista do legado do seu livro das Cantigas, legado que tal vez nunca se chegasse a realizar, por quanto el rei D. Alonso acabava de morrer em Gibraltar em 26 de

* Cant. 36, 107, 114 &c.—O lugar em que no codice se acham copiadas essas ou outras cantigas nao' deve fazer argumento em pro nem em contra. Adiante diremos como isso provavelmente procedeu do amanuense.

** Souza attribue ao Conde um 3.º consorcio com uma D. Theresa, que para nós é muito duvidoso. Nao' só no dois testamentos nenhum se dá mutuamente por esposo, apesar de se deixarem bens &c.; mas até o Conde por sua parte faz mencao' da Condessa D. Maria, o que prova que esta ainda vivia quando o fez.

X

Março de 1350, iste é com tres dias de differença anteriores á data do testamento, que só se abria depois do fallecimento do Conde em 1354. *

De tal modo achamos curiosos e cheios de poesia os factos, que assim se nos apresentam, que julgando a combinaçao' delles um verdadeiro romance historico, nos propozemos a escrevel-o com a singeleza e naturalidade que podemos, e pedimos venia para neste livro o publicarmos, tanto mais quando, com pouca differença, elle resume quanto fica dito (Vej. App. 1.º, pag. 321).

II.

Dadas as explicaçoens que julgáramos necessarias acerca do titulo, epoca das poesias e de quem temos por auctor dellas, cumpre-nos o dever de todo editor fiel de dar a conhecer o manuscripto original, maior ou menor confiança que offerece o seu texto, e até que ponto chegou o respeito que lhe guardámos.

E' o codice um livro de pergaminho em folio maximo com 18 pollegadas d' alto e 12 de lar-

* Hist. Gen. T. 4.º p. 263.

go, escripto em duas columnas no caracter de letra que se vê dois *fac-similes*. O começo de cada uma das cantigas está escripto com linhas mui distantes, indicando evidentemente que havia intençaõ' de pautar os intervalos e escrever-lhe (o que nao' se chegou a fazer) a musica que devia servir para as outras estrophes da mesma cantiga. Cada uma destas começa por uma letra mainscula de côres, sendo as daquellas tambem de cores; mas de menor dimensao'. Algumas vezes faltam no codice estas letras, naturalmente porque o amanuense as guardava para as pintar depois com esmero. Os dois pedaços de *fac-simile* que juntamos, sao' um do começo da cantiga 66; e outro do começo de uma copia da 65; e demos estes, e nao' outros, pela simples razao' de possuirmos já 'delles copia fielmente gravada, e nao' nos chegar a tempo uma que pedimos da primeira pagina que publicamos. Como dissemos, as folhas que contem poesias estão encadernadas conjunctamente com outras do nobiliario contemporaneo, e do mesmo formato e caracter de letra, em uma capa de taboas forradas de bezerro lavrado.

A maneira como tal encadernação se fez parece ter sido por assim dizer ao acaso, sem attender-se á ordem e seguimento das folhas.— Quasi se pode assegurar que estas antes de encadernar-se se haviam baralhado, tal vez caindo

••

accidentalmente no chao', donde se levantaram e reuniram sem ordem. E nao' só esta desordem, este chaos, se manifesta pelo assumpto de algumas cantigas, que postas em outra disposiçao', fazem sentido, como até, muita vez, pelo modo como certas cantigas se interrompem, ficando evidentemente sem principio as que começam (segundo a paginação' de lord Stuart) as folhas 41, 47, 49, 65, 69 etc., e sem continuação' os finais dos versos das folhas 43, 46, 53, 89, 90, 107 etc., alem d' outros logares onde a interrupção' nao' é tao' manifesta. Taes fragmentos de principios e de finais, a que nao' podemos encontrar a ligação', separámos para o fim, e constituem os supplementos 2.º e 3.º. Neste ultimo se podiam comprehender ainda algumas composições que vao' no texto; no 2.º comprehendemos os fragmentos *m* e *n*, a que faltam, nao' os principios nem os finais, mas versos intermedios; para nao' fazer só por elles uma nova divisao'.

Logo que nos convencemos de que a ordem, ou antes a desordem, nascida de uma nova especie de cataclysmo, que seguiam as folhas, era quasi casual, e que o estudo do livro poderia dispol-as melhor do que o ignorante livreiro

* Vej. pag. 308 e 315 deste livro.

que as juntou, pregando até por guardas do mesmo livro duas de suas folhas escriptas, resolvemos a separar em grupos as folhas cujos versos se nao' ligavam; e repetindo muita vez sua leitura, começando cada dia em ponto diferente, as juntamos ja pelos assumptos e encaidamento das situaçoens, já pela propria ligação dos versos. Assim a ordem em que vao' as cantigas é mais filha de algum estudo que do acaso. Nao' é seguramente ainda a mais natural e acertada: para chegar a um resultado seguro necessita se mais tempo e o trabalho combinado de varias pessoas. Pela nossa parte como editor nao' ousámos dar uma ordem arbitraria ás cantigas, cada uma de per si; mas somente tratámos de dispor os cadernos ou grupos dellas segundo nos pareceu mais natural, á vista dos factos e conjecturas que acima deixamos mencionadas ácerca do auctor, dos seus amores, e do desenvolvimento natural que pertence a qualquer novella amorosa, cujos factos se nos dao', bem que desordenados: para quando nao' soubermos a collocação de algum grupo, ou encon-

* De uma destas guardas, depois de descolada, se aproveitaram as cantigas 25, 26, 27 e os primeiros 14 versos da 28. A outra produziu os fragmentos (m), (n) e (o) que vao' de pag. 310 a 312, do primeiro dos quaes aproveitamos a importante circumstancia que citamos na nota atraz pag. v.

:

trámos alguma cantiga estranha ao assumpto geral das outras, destinámos o 1.º Supplemento, que começa na pag. 297: a elle nao' nos atrevemos a condemnar as 146 e 147 que sao' feitas a Guiomar Affonso Gata, por nao' termos antes para isso os motivos que hoje temos; motivos que nos fazem apressar a declararmos aquí que as consideramos alheias á novella, e comprehendidas no dito Supplemento. E' claro que muito mais facil nos fora imprimir o livro tal qual está, mas alem de que houve já quem tomasse esse trabalho, sem que daí resultasse grande vantagem, pelo illegivel que ficou, nao' quisemos sacrificar á um escrupulo de bibliophilo os impulsos da consciencia e a convicção, de que produziámos assim livro mais util e comprehensivel.

A edição' a que nos referimos, e que nunca

* E estamos na persuasão' que melhor ficará quando perdida a esperança de restaurar a ordem do MS. antigo, haja quem se decida a dispor as cantigas uma a uma segundo o seu assumpto, e talvez mesmo fiquem em melhor ordem do que quando as copiara o amanuense. Para fazer um ensaio, fizemos já tirar, com esta edição' um exemplar com as cantigas uma por uma em papel separado, o que muito nos facilitará ordenal-as; só haverá que excluir uma ou outra que nao' tenha relação' com o assumpto ou que se prove ser de outro auctor, embora talvez por este adoptada, e feita sua pelo seu canto.

se proporcionou ao publico, fez-se em 1823 * quando o Codice ainda pertencia á bibliotheca do extincto Collegio dos Nobres de Lisboa. Depois disso descobriu em Evora o Sr. Rivara varias folhas mais, que já se acham unidas ao codice fundamental, que se conserva na Bibliotheca Real d' Ajuda. Dessas folhas, que hoje se publicam pela primeira vez, devemos a copia que possuímos á amizade do Sr. Herculano. Dellas sao aproveitadas, alem de outras, as primeiras 24 cantigas, e destinamos-lhe esse logar pela primeira dellas; em que se começa com certa invocação a modo de principio de poema. Se com effeito fosse a primeira do manuscripto, teriamos comprovado que tao' pouco nelle seguiu o copista muita ordem pois que a 3.ª refere-se logo ao assumpto do apartamento do poeta, que só verosimilmente teria logar depois de outras muitas trovas. A ordem em que vao' essas primeiras 24 cantigas é a mesma que se segue em tres das ditas folhas inéditas, cujo nexó conseguimos achar.

Conservamos lembrança de que, ha annos, pessoa que parecia bem informada nos revelou a

* «Fragments de hum cancionero inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso a custa de Carlos Stuart, socio da Academia Real de Lisboa. Em Paris, No Paço de Sua Magestade Britannica. MDCCCXIII.»

existencia de algumas outras folhas, que devem parar hoje em Coimbra. Se assim é envidamos a pessoa que as possa ter a que as nao' guarde escondidas por mais tempo, em prejuizo das letras, do auctor, da ordem destas cantigas, e das que passavam com isso a ficar completas.

Aos escrupulosos, que queiram reconstruir o MS., damos a Tabella (App. 2.º) de comparacao' da ordem de nossas cantigas com as folhas de Stuart; a qual servirá de todo o auxilio aos que queiram, nao' só comparar alguma cantiga com o original que está em Lisboa, como tambem confrontar as edicoens *.

Somos porem obrigados a confessar que se houve um encadernador que baralhou as folhas do antigo codico, manifestamente, houvera antes um copista, que nem sempre entendera o original, errando palavras, deixando claros, e até co-

* A primeira folha da de Stuart começa na syllaba *guer* do 1.º verso, da nossa Cant. 65; que seguramente è a 2.ª da palavra *prouguer*; tambem cremos nao' julgarao' mai outro o principio do verso os que se acostumem ao estyllo e modismos do nosso poeta, que ainda na Cant. 62 tem quasi desse modo começado Sao' pois de nossa idea, ou antes de nossa persuasao', as palavras que vao' abi em italico, e que quando muito poderao' variar em se dizer *Nostro Señor* ou *Señor Deus* em vez de *Meu Señor*. Em todo caso pedimos mil perdõens pela liberdade que tomamos de intentar restaurar a que até agora se considerava 1.ª Cantiga entre as existentes no codico.

piando duas vezes a mesma cantiga, como succedeu v. gr. com a 278 que no MS. segue outra vez repetida depois da 283.

Nesta repetição bem como na dos *rondeis* ou *estribilhos*, é que verdadeiramente podemos bem confirmar o que acima asseveramos de haver o copista errado muitas palavras, ou pelo menos sua orthographia, a ponto de mudar a pronúncia. Muita vez parece até que aquelle era estrangeiro, e nao' admira que fosse francez, de cuja nação n' outro tempo exercitavam por toda a Europa muitos individuos o officio de amanuense com tanta generalidade como hoje succede aos seus cabelleiros e modistas.

Alguna vez, como nos casos mencionados de repetição dos versos, tomamos o cuidado de seguir só a lição que fazia sentido; mas em geral fomos antes mais que menos escrupulosos em seguir o mesmo manuscripto. Porem na orthographia, para facilitar a leitura, adoptamos um certo systema que se fará mais palpavel apresentando a confrontação seguinte de alguns versos dois *fac-similes*, com os competentes no nosso texto:

Orthographia	Ca mia fazauer tal moller
do MS. *	que nunca mia ren de fazer
	per q'eu ia possa pder.

* (Vid. 4.º *fac-simile*.)

xviii

Texto nesta
edição'.
(pag. 61.)

Ca mi a faz aver tal moller ,
Que nunca mi á ren de fazer
Per que eu ja possa perder;

do mesmo modo a respeito dos seguintes :

Orthographia
do MS. *

Sennor fremosa grand en ue
ia ei eu atod ome que ueio morrer.

Texto nesta
edição'.
(pag. 63.)

Señor fremosa grand' enveja ei eu
A tod' ome que vejo morrer

Assim o systema que adoptamos se reduz ás seguintes clausulas :

1.^a Escrevemos sempre os versos , como versos, e nao' á maneira de solfa como estavam na primeira copla de cada cantiga , do mesmo modo que vemos nas de Alonso Sabio.

2.^a Visto que nao' se trata de cantar por solfa, mas sim de publicar as poesias, nao' conservamos separadas, como estavam muitas vezes, syllabas d' uma só palavra, nem unidas as syllabas de palavras differentes.

3.^a Para uniformisar empregamos sempre a letra ñ, que naquella epoca (e assim succede no

* (Vid. 2.^o fac-simile)

Qua mia faz a uer tal mo uer
que nunca mia rem de fazer
per qem ra polla per



Enoz femosa grand en we

la ei eu adod ome que uelo mozer

nosso MS.) se empregava indifferentemente com os *nn* para representar o *ñ* castelhano e *nh* portuguez, escrevendo *Señor* e *Sennor*; e couservamos como estava no MS. os *ll* para representar o *lh* do portuguez actual. A respeito da primeira letra só a exceptuamos na palavra *connoscer*, que, por duvidarmos de sua pronuncia, deixamos sempre segundo a encontrámos.

4.ª Igualmente por duvida deixamos escripto *ua* e *boa* se hem que o til, que em geral teem uma e outra destas palavras, possa dar a entender que entao' se pronunciavam *una* e *bona*. Deste ultimo modo achamos a palavra escripta nua so vez. A letra *u* (*ou* francez e *ubi* latino) equivalente ao adverbio *onde* puzemos accentuada (*ü*), sempre que o nao' fazel-o podia obscurecer o sentido.

5.ª Introduzimos em geral a pontuaçao' moderna.

6.ª Desfizemos todos os breves; para evitar aos loitores o trabalho de lembrar-se a cada instante se *pz* era *praz* ou *prez*, se *uq* era *vos* ou *vós* etc.

7.ª Tratamos de destacar as diferentes coplas de cada uma das cantigas, * e o mesmo fize-

* Neste ponto dois enganos advertimos depois da impressao' que aqui notamos.—1.º Pertence á 2.ª copla da pag. 36 o verso 46.º desta; 2.º Na cantiga 68 pertence ao principio da 4.ª copla o verso que está junto ao fim da 3.ª

mos aos *rondes* ou estribilhos, cuja repetição apenas indicamos suprimindo o resto com etc.

8.^a Suprimos com reticencia, o que nao' podemos, e alguma vez, o que nao' soubemos ler.

Abster-nos-hemos de mais explicaçoens. Poderiam ellas ser tomadas como uma apologia de quanto trabalhámos para esta edição, que nao' fizemos por nos fazer valer, porem só por um impulso irresistivel de verificar persuasoens que temos. Assim nao' iremos tao' pouco, para recomendar nosso trabalho, analysar palavra por palavra os erros de leitura que cometteu o copista de que se serviu o nobre Stuart. Em vez de tal proceder ingrato accete aqui este illustre inglez um testemunho de nosso reconhecimento, pois senao' houvesse reproduzido sua copia, talvez nao' publicariamos hoje esta edição, em que tambem algum erro ou má intelligencia nos haverá escapado, apesar de todo nosso esmero e boa vontade. Assim estaremos no caso de, algum dia, o que hoje damos pedir a futuro escriptor, a quem nosso trabalho nunca será de todo inutil; pois vai nada menos que contribuir para que se estude mais facilmente o livro. Pela nossa parte, repetimos, seguimos o methodo que nos dictou a consciencia como melhor para conciliar a utilidade da publicação' com o possivel respeito ao codice. De antemao' sabemos que vamos incorrer na censura de muitos dos que

acham senocens em tudo quanto nao' é por elles feito. Talvez que em quanto um escrupuloso em demasia nos censure as liberdades que tomamos, algum outro estranhe acaso nao' haveremos seguido inteiramente o caminho opposto; dando ordem rasoavel ás cantigas, e reduzindo absolutamente a orthografia áquella que hoje se usa, etc. Responderemos que com a impossibilidade de contentar a todos, quisemos ao menos contentarmo-nos a nós mesmos.

III.

Para melhor avaliarmos estas cantigas, como composiçao' litteraria, convem que nos lembremos que ellas pertencem ainda á epoca dos trovadores, e que trovador é o seu auctor.

Sem nos occuparmos da questao' de quem foram na idade media os que mais se dedicaram á poesia, e vulgarisaram o uso da rima, basta nos ter presente que os Provençaes, cantando no seu laude em lingua *d'oc*, crearam uma communi-
 dade que cultivava a arte de poetar, que elles chamavam *gaia sciencia*. Essa comunidade se foi extendendo pela Europa, e ja no seculo 12 contava na Peninsula distinctos cultores, graças á protecçao' que encontraram em Affonso II de Aragoa'; mas foi verdadeiramente no seculo seguinte que a *gaia sciencia* e o gosto de trovar

se propagaram pelas diferentes cortes da Hespanha. A poesia erotica era quasi a unica que entao' se cultivava. O trovador escolhia uma dama, como D. Quixote a sua Dulcinéa, e encarregava-se de a louvar. Era de bom gosto que o poeta, á maneira de cavalleiro andante, emprehendesse pela que *filhàra* por senhora, peregrinaçoens e viagens perigosas, e os sofrimentos d' ausencia com os requebros da presença constituíam, para cada um, uma novella d' amores, como a que nos deixou Petrarcha. E melhor trovador era, nao' tanto o que fazia mais limados versos, como o que mais engeuho e energia tinha para provar seu amor, e melhor cantar ao laude pensamentos muita vez alheios. Assim o romance *de la Rose*,

«Ou l' art d' amour est toute enclose»,

aproveitou a muitos que delle copiavam. Succedia porem nao' poucas vezes que o trovador que começava a fazer versos a sangue frio, tendo para seguir nesse caminho que pensar exclusivamente na sua dama, ficava deveras enamorado e perdido d' amores por ella. Nesta situação' tornava-se elle mais original, pois seu fim principal era desafogar o que sentia. Alem de que, a imitação' serve de estudo aos poetas como aos grandes pintores, que começaram por copiar o

exemplar que lhes apresentara o mestre. Catalaens e Valencianos como foram Mataplana, Berguedam, Montaner e Mola, sao' os mais antigos trovadores que conhecemos na Peninsula. Delles ha poesias nos codices da Vaticana numeros 3204, 3205 e 3207. Alguns portuguezes anteriores ou contemporaneos do Conde de Barcellos tambem chegaram ate nós, graças ao codice n.º 4803 da mesma, que nos ministrou já as poesias d' el rei D. Diniz, e contem as de muitos outros, cujos nomes fôra longo enumerar.

Quanto a estas rimas, que como dissemos julgamos serem do Conde de Barcellos, sao' todas ellas evidentemente eroticas, pois que allusoens eroticas se devem a nosso ver descobrir até na cantiga 286 que tracta d' el rei de Castella e Leon, a qual era a unica sobre que podia versar duvida. Cremos que o trovador estava de veras apaixonado. e o que igualmente o esteja será disso o melhor interprete. Em todo caso sao' manifestamente nascidas de uma verdadeira paixao' as cantigas 277 e 282. O poeta chorava de continuo, e se por acaso era no mais mínimo correspondido, amava e respeitava bastante o seu ideal para nao' o denunciar.—A quem nao' saiba o que e' o amor parecerao' estas cantigas uma lamuria monotona, apresentada sem arte e com repeticoes frequentes dos mesmos pensamen-

los: mas tal se manifesta no seu mais alto grau a paixao' em quo se cifra o maior goso da terra. Alem do que, o *sentimental* é como innato aos povos occidentaes da Hespanha. O poeta portuguez e o gallego geme e lamenta-se: a *saudade*, palavra que só elles tem, está-lhes sempre n' alma ao criar suas sentidas composicoens. E o mais particular é que este caracter nao' só da sua poesia, como até de seus naturaes, era ja conhecido no tempo dos romanos, quando Silio Italico disse que no exercito os galuchos gallegos cantavam suas lamurias:

... « Misit dives Gallœcia pubem,
Barbara nunc patriis *ululantem* carmina linguis. »

Ainda hoje no exercito hespanhol nao' ha que contar muito com os gallegos fóra do seu paiz, por adoecerem em grande parte de nostalgia.

Do assumpto das poesias reunidas resulta uma novella amorosa cujos factos geraes enumeramos no primeira parte desta introducçao' (p. iv e segg.)

E para prevenir que alguem nao' diga que essa novella a composemos nós e o nosso romance, devemos esperar que nao' se faça tal accusaçao' sem se nos dizer como sem a produzir se poderao' combinar os factos que constam das

poesias, a que so procurámos dar methodo. Leiam-se porem as cantigas em qualquer ordem diferente que sempre ellas subministrarao' os factos que menciouamos, nos quaes está a idea da novella.

Nao' faltam nas cautigas pensamentos felizes e com tal ou qual originalidade; mas no geral repetem-se aquelles muito, o que por certo nao' prova grande riqueza delles. O nosso trovador, como os mais, começou por imitar o pouco que teria por modello. Comparando estas suas cantigas com as de D. Alonso Sabio, com as de D. Diniz, algumas que conhecemos do Cancioneiro de Baena, e outras portuguezas ou gallegas contemporaneas, encontramos até as mesmas expressoens e modismos, etc.

Do mesmo modo este trovador, como os seus contemporaneos, usa frequentemente das locuções *per boa fé, máo pecado, se Deus vos perdon, fremosa mia Señor*, e parece ter firme crença no fatalismo astrologico sobre o dia natalicio, v. gr. *en grave dia eu nasci, ou fui nado* etc.

E o que dizemos dos pensamentos applicamos ás rimas, cujo dictionario era entao' mui limitado, segundo se deprehende ao ler ao acaso no livro duas ou tres paginas: Señor, pavor e amor; reu, ben, sen, e poren; al e mal; affau e pran; Deus e meus; razon, coração, perdon e non; y, mi o aqui; e os differentes tempos dos

verbos, constituem todo o peculio rithmico do trovador, que nesta parte se contentou como o que achou de seus predecessores e contemporaneos. Tambem vemos que se podia fazer rima repetindo a palavra; e isso ás vezes se leva a exagacao' como nas cant. 53, 112, 195. Nesta ultima cada sete versos da mesma setima rimam com a mesma palavra; na segunda, em cada novena, ha cinco versos d' uma rima e quatro d' outra; na primeira a combinaçao' è muito mais particular; pois a mesma rima que se repete nos dois primeiros versos torna a repetir-se nos hemistichios do 5.º, e depois no fim do 6.º verso, rimando de outra maneira os dois hemistichios do 3.º

Outras vezes, nos tempos compostos dos verbos, faz-se a rima com o infinito delles, e o resto da palavra se deixa para o verso seguinte, como se vê nas cantigas 48, 95 e 133; tudo o que está longe da perfeiçao'. Outro tanto nao' podemos dizer pelo que respeita aos metros, e ao ajuntamento e combinaçao' das coplas e *bordoens*; os versos sao' sim pela maior parte agudos, o que resulta da natureza das rimas empregadas, ou de que talvez assim fora necessario ao canto; mas quanto á sua medida, ainda que na maior parte sejam segundo o estylo provençal os versos

* Temos a certeza de serem d' introducçao' provençal ou limosina os versos de endecasyllabos, sem ter d' arte

grandes ou heroicos, nao' faltam versos máximos * como se distinguem na cantiga 4; nao' se notam os verdadeiros d' arte maior; ** mas ha os de nona e oitava syllaba accentuadas, alem de perfeitos redondilhos maiores.

Quanto ao ajuste das coplas vemos empregadas as rimas pareadas, os tercetos, quartetos, quintilhas, sextinas; e com os metros provençaes as septimas e ate as oitavas, se bem

maior. El rei D. Diniz assim nolo diz nas suas cantigas 45 e 49 (numerando-as destacadas como devem estar); que são nesse metro:

«Quer' en en maneira de proençal
Fazer agora un cantar d' amor.»

e

«Provençaes soen mui ben trovar.»

Santillana o confirma nas seguintes palavras de sua bem conhecida carta:

«Usaron el decir en coplas de diez sillabas a la manera de los limosis.» etc.

* Podemos chamar assim os maiores versos que temos, resultantes de dois hemistichios de 6.^a longa o que dará ao ver o 16 syllabas quando os ditos dois hemistichios sejam esdruxulos, 15 quando só um o for; 14 quando forem graves ou inteirosos dois hemistichios, 13 quando só um, 12 quando forem agudos os dois.

** Cada um destes versos d' arte maior eram verdadeiramente formados de dois hemistichios de 5.^a longa, ou de dois *lyricos menores*, o que é o mesmo.

que estos com outra combinaçao' differente da das estancias. O fragmento (v) na pag. 317 dá até amostra de uma combinaçao' de nove versos endecasyllabos.

Alguna vez ha cantigas dialogadas: deste numero sao' as 35, 238, 248, 279 e tal vez alguma outra em que acaso nao' adverteriamos o estylo dialogal.

O trovador com o mayor desembaraço abusava do que hoje se chama liberdade poetica; dizendo v. gr. quando lhe parecia, só para ter uma syllaba menos *oy* por *oje* (Cant. 91, vers. ult.), e por convir á rima *aveer* por *avir* (Cant. 93.)

Tambem fazia frequentemente uso da synalefa e da paragoge, só para dar ao verso uma syllaba de menos ou de mais. As vezes depois de soffrer a palavra uma synalefa, lhe applicavam os trovadores a anthitese; por quanto segundo uma regra do livro da *Gaya* de Vilhena o *d* no fim da dicçao' devia converter-se em *t*, v. gr. *brevadat*. Tambem ha que considerar como liberdade poetica contar os dipthongos (de que segundo Vilhena havia 8 recebidos como *reaes*) como proprios ou como duas syllabas: assim o leitor será prudente se, antes de condemnar algum verso, o ler mais de uma vez, e tal vez descobrirá como imaginou o poeta que nao' commettia erro.

IV.

Como monumento de linguagem é este livro da mais alta importancia, pois que junto ás obras de D. Diniz, e seus contemporaneos encontradas no codice 4803 da Vaticana, nao' só nos revela o gráu de polimento da lingua naquella epocha, como serve de novo testemunho ao facto para nós averiguado de que os differentes dialectos e linguas da Peninsula ainda nesse tempo eram mais parecidos entre si do que hoje. Comparem-se as poesias contemporaneas de qualquer desses entao' dialectos e se confirmará o que dizemos. No velho castelhano do Fuero Juzgo, de Berceo, do Infante D. Juan Manuel, e do Arcipreste de Hita, no Leones ou meio-asturiano do poema «Alexandro» por Segura, no gallego d' Alonso Sabio, no valenciano de Jorge Roiz, e no portuguez de D. Diniz ou deste livro se notará palpitante este facto. E esta semelhança se adverte sem metter em conta algumas frases e palavras, latinas umas e outras africanas, introduzidas tal vez pelos provençaes, que eram communmente empregadas pelos poetas em seus differentes idiomas, das quaes se bem que Duarte Nunes diga que nos ficaram muitas,

:

outras desapareceram com a decadencia dos trovadores.

Cumpre-nos advertir que acima mencionamos como gallegas as cantigas d' Alonso Sabio, nao' por termos a convicção de que o sejam, mas por nao' levantar questocens, quando nao' ha occasiao' de dar provas. E neste ponto ás provas decisivas só poderao' servir de base as mesmas cantigas quando saíam á luz. Por uma copia dellas que possuímos, tirada do exemplar de Toledo, e por nós ahi confrontada ainda este anno, mais que pelos fragmentos que publicam Zuniga e Castro, vemos que a sua linguagem é a mesma destas poesias, das d' el rei D. Diniz e mais contemporaneos portuguezes. — Por ventura eram entao' as duas linguas ainda absolutamente a mesma, ou deixam de ser em gallego as cantigas? Os criticos quando ellas se imprimam o decidiraõ. Os que partilharem a ultima opiniao' encontraraõ em seu favor o empregarem-se nellas muitas palavras que já nao' sao' hoje gallegas, nem o eram no tempo d' Alonso Sabio, v. gr. crérigo, menino, muito etc., as quaes por documentos gallegos dessa epoca e até anteriores (o Foro dos Cregos) sabemos se diziam, como hoje, crégo, neno, moito etc.

Os trovadores querendo bem destacar sua poesia da prosa, e nao' o sabendo fazer só pela poesia do pensamento, para nobreza do estyllo, adop-

tavam o systema das expressoens raras e ainda de linguas cultas, que foi alem disso systema dos poetas de todos os tempos, incluindo os latinos, que tomavam dos gregos. Por ventura Camoens nao' introduziu tambem muitas expressoens latinas? — E apezar dellas e apezar de quanto differe a linguagem de Camoens da das leis extravagantes, e da dos testamentos contemporaneos nao' se podera dizer que Camoens nao' poetava no portuguez do seu tempo, quando' ainda a poesia hoje desdenha muitas frases e termos só pelo motivo de serem triviaes.

Outra razao' do uso de taes expressoens era a mesma pobreza que havia de rima; pois com a introducçao' de tantas palavras que já tinham consoantes sabidos tornava-se mais facil o trovar.

E se bem averiguamos estas palavras limitadas á poesia eram em pequeno numero; pois ainda quando nao' se encontram em documentos de menos monta, rara será a que se nao' acha empregada no *Fuero Juzgo*.

Mas postas de parte essas frases e palavras privilegiadas para o uso dos trovadores (palavras que ás vezes até se inventavam, modificando outras só porque isso dava a medida ou a rima que necessitava o trovador) ficavam extremes os verdadeiros dialectos que elles falavam, os quaes, repetimos, quanto a nós, tinham

entao' na Peninsula , muito mais semelhança entre si do que vieram a ter depois que elementos de natureza differente influiram nos idiomas de cada um dos paizes que iam florecendo como estados independentes.

A tal ponto temos esta persuasao' que chegamos a crer que quanto mais nos remontassemos ao fim do dominio godo, durante o qual toda a Peninsula era já governada por um só codigo dictado naturalmente em uma só lingua, mais homogeneidade e semelhança devia ter a linguagem em toda a extensao' dos dominios hispano-godos.

Para nos fazermos melhor entender daremos uma breve idea do systema como imaginamos que podiam originar-se e desenvolver-se na Peninsula os differentes dialectos *romanicos* ou *romanceados*.

Nao' somos de opiniao' que em tempo algum a populaçao' rustica da Hespanha falasse o latim propriamente dito; e cremos até que este em qualquer tempo apenas se falaria bem no Lacio e quando muito entre a gente illustrada dos paizes que pouco a pouco foram sendo conquistas ou colonias de Roma.

Na epocha da colonisaçao' romana devia passar-se quasi o mesmo o que em nossos dias estamos presenceando nas colonias dos Europeos nas differentes partes do mundo. A lingua da

metropole passa com os que vao' levar a vida agricola, e fixar a populaçao que abandona a vida nomada e caçadora, mas na sua aclimação modifica-se, já na pronuncia já em modismos, que se nao' desterram mais sobre tudo das classes inferiores no paiz, a cujo clima ou indole uma vez se adoptou. Ora se isto succede hoje que por toda a parte ha escollas, que a frequencia da navegaçao' facilita o trato, que ha a imprensa e que as linguas se estudam pelos livros originados das metropoles, os quaes nao' desamparam a lingua ao acaso, como nos devemos admirar que o latim rustico dos colonos hispanos fosse differente do polido falar dos finos romanos, a nao' exceptuarmos algum que ia a Roma estudal-o, como succederia aos escriptores, e aos chefes que chegaram a ser imperadores. Tudo quanto dizemos, fundado em inducçoens que cremos de bom senso, é porem confirmado por infinidade de trechos de escriptores latinos e de Estrabo recopiladas na obra de Mayans, os quaes nos confirmam o máu latim, que falavam os hispanos, o que se reduz á idéa de que ja usavam dialectos romanicos. Quanto aos Gallegos, acima citamos um logar de Silio Italico, em que lhes dá uma linguagem propria na qual rosnavam suas cantigas. Cremos que se essas cantigas tivessem chegado ate nós qualquer gallego as entenderia hoje, tanto imaginamos que este dia-

lecto, — como de paiz montuoso *, alheio quasi ao trato estrangeiro —, se tem conservado estacionario, segundo por documentos temos provas que tem acontecido desde o seculo 12. — Porque depois de colonizado e agricultado o paiz, nao' é facil a qualquer conquistador ou dominador introduzir outra lingua. Assim succederia aos romanos nas Provincias Vascongadas; assim succede ainda hoje com o Castelhana na Catalunha e Galliza; assim succedeu com os normandos na Inglaterra, etc. Por tanto quanto a nós nem os Godos nem os Suevos poderam substituir suas linguas pelos dialectos romanicos que aqui se falavam, ea opiniao' do erudito Feijó de que as idiomas Portuguez e Gallego devem sua origem ao dominio Suevo, é de tal modo gratuita que nem nos occuparemos em refuta-la, em quanto nao' se nos diga quaes sao' as articulaçoens, modismos ou paridades grammaticaes que nelles se encontram identicas á lingua dos mesmos Suevos, e qua se nao' notam nos outros dialectos da Peninsula. Para mudar-se uma lingua, depois de povoado o paiz em habitaçoens

* Assim vemos que succede ao Vasconense, como temos prova no seu canto de guerra contra os romanos:

Lelol il Lelol
etc.

fixas, requer-se tempo e muitos colonos da nova lingua em proporção dos habitantes existentes. Quanto aos godos sabemos que procurando antes conservar e propagar a lingua latina, que estender a sua, como diz Aldrete, adoptaram aquella por lingua official, como unico representante culto e com escripta dos dialectos romanceados. Esta nova necessidade de estudar o latim, e a extensao que tomou o dominio godo por toda a Hespanha. deviam muito concorrer para que todos os seus dialectos se homogenisassem, ou pelo menos se criasse outro novo, um pouco godo talvez, mas ao mesmo tempo mais analogo ao latim escripto, que servisse de lingua franca, a que fosse a lingua, digamos assim, dominadora.

Esta lingua, se bem que ficasse mais ou menos espalhada pela Peninsula durante o tolerante dominio árabe, devia acompanhar os dominadores godos e mais povos que se refugiaram ás Asturias. E como estes nao' seriam inferiores em numero ao desse pequeno paiz, e ahi se estabeleceram, guardaram a sua lingua, se é que ja nao' era quasi a mesma que ahi se falava, como cremos. Com o estenderem-se as conquistas sobre os territorios occupados pelos árabes, essa linguagem d' Oviedo seria sempre a dominadora, pois que nas Asturias eram nascidos os conquistadores. Assim o asturiano antigo (nao'

acastelhanado como vai ficando) * era o romance geral existente na epoca em que, ainda mais que o dominio arabe, a população' mourisca (que os christaos deixaram, com louvavel politica e tolerancia, ficar no territorio) com negação' ou defeito organico para pronunciar certas articulações latinas principalmente o l e o j (latino) formaram o castelhano, cujo principal caracteristico eufonico como idioma romanico é a articulação' gutural do j. Marina attribue á lingua arabiga um quarto da castelhana: quanto a nós o verdadeiro arabismo do castelhano nao' está nas raizes das palavras, nem na syntaxe, está na pronuncia. Um habitante do antigo Lacio que hoje visse escripta, com a orthografia etymologica, nos varios idiomas da Peninsula, uma mesma composição', chegaria talvez a achar ser o castelhano o mais alatinado de todos; mas mudaria de opiniao' se, em vez de ler, ouvisse ler da bocca de um nacional. essa mesma composição'. O' maior sabor d' arabismo da lingua hespanhola, seja embora numeroso o

* «Desde el siglo 47 varias causas concurrieron a la corrupcion de este idioma, conforme fué mayor el roce de los asturianos con los naturales de las demas provincias. En la guerra de la independencia, convertidos una gran parte de nuestros labradores en soldados castellanizaron infinitos vocablos de su idioma.» etc.

Introd. do Sr. Caveda, p. 59.

glossario de palavras arabes, existe na pronuncia arabisada de certas lettras em palavras puramente latinas. *Oj* pronunciado guturalmente e o *f* convertido em *h* aspirado saõ' as duas articulaçoens que mais arabisam o castelhano.— Porque meios isso se executou nao' é deste lugar averiguar, e nos limitamos a remetter o leitor a consultar a tal respeito o trabalho do academico Marina *. Para nós é facto averiguado que, até á conquista de Granada o castelhano quanto mais antigo, menos tinha de arabe, e notamos até, v. gr. em Berceo e no *Fuero Juzgo* muitas palavras que ainda hoje saõ' asturianas, gallegas ou portuguezas **, e que deixaram de ser

* «Fué necesario que el idioma arábigo se propagase y estendiese rápidamente entre los castellanos, y efectivamente logró tanta reputacion para con ellos que se gloriaban escribir en esa lengua.»

Marina, p. 39.

«Los monumentos de nuestra historia muestran claramente que el romance castellano debe su origen á la ignorancia, negligencia y descuido de los españoles en cultivar su antigua lengua latina, y que fué un efecto necesario del trastorno que experimentaron sus ideas, pensamientos y opiniones, desde que los árabes asentaron en España.»

Idem, p. 20.

** Em prova do que dizemos pomos aqui mais de 60 destas palavras: Abelha, Achar, Afficar, Beico, Ben, Boi, Carcere, Cedo, Concello, Corpo, Corvo, Daqui, Daquelles, Defeso, Demais, Depois, Dizer, Duas, Egus,

castelhanas. Assim esta lingua que tanto admiramos pela sua nobreza, energia, e quer-que-é d' orgulho varonil, é das da Peninsula, a que pelos vestigios mais representa o dominio arabe, mas está longe de ser a mais legitima representante do dominio romano ou godo. Esta prerogativa pertence a um daquelles tres idiomas entre si parecidissimos, e como dois sao' dialectos, cabe ao portuguez pela razao' de ter litteratura propria, e nao' pouco rica, nem pouco culta.

E em verdade o portuguez, quanto mais antigo o encontramos, mais nos parece um conjuncto dos dialectos de Galliza e Asturias. Ainda hoje ha' muita mais irmandade nesses dois dialectos com a lingua portugueza, que com a castelhana, apczar de ser esta a dominante como lingua official. Uma tal irmandade nota-se sobre tudo na maneira de pronunciar como *y* ou *us*

Escuro, Fala, Fillo, Fogo, Folgar, Fóra, Frade, Furtar, Inferno, Jogo, Juiz, Leigo, Medo, Membro, Mese, Mingua, Morrer, Muller, Nen, Nora, Nove, Ollo, Orto, Pedra, Paiz, Polegar, Pouco, Remir, Rogo, Sabença, Sabor, Seu, Sinal, Soldo, Tardar, Trinta, Vão, Vencer, Viver, Volta, Xaga, Xagar, Xegar; alem dos artigos *o*, *a*, e seus compostos *no*, *na*, &c.

Sabemos que ha' varios provincialismos nestes dois dialectos, do mesmo modo que os ha' no portuguez e no castelhano: para o nosso fim nao' necessitamos descer a taes particularidades.

muitas syllabas que em castelhana se escrevem e pronunciam com *o* e *os*. Ora esta falta, que comettem geralmente tanto os asturianos como os gallegos e portuguezes, quando começam a falar o castelhana, provêm justamente de um titulo que elles tem em seu idioma de mais proximidade á lingua latina. Assim v. gr. dizem *cantamus*, *amemus*, do mesmo modo que em latim *.

Quanto ao dialecto gallego ainda elle boje conserva muita semelhança com o portuguez. Nesse ponto está concorde a opiniao dos castelhanos ** e a de *** Duarte Nunes; mas como sabemos haver em Portugal litteratos que repugnam em admittil-a, daremos para prova (Appendice 3.º pag. 328) duas poesias gallegas contemporaneas, em que a maior parte dos versos saõ ao mesmo tempo portuguezes.

Pelo que respeita ao asturiano a invasão rapida que nelle vai fazendo o castelhana, segundo

* Julgamos que no portuguez se devia em taes casos seguir a orthographia latina, e se iria conforme com as duas regras de pronuncia e etymologia.

** «El portuguez en el qual comprehendo el gallego, considerando aquel como principal porque tiene libros i dominio aparte; i dejando ahora de disputer cual viene de cual.» etc. — *Mayans, Orig. de la Leng. Esp.*

*** As quaes ambas eram antigamente quasi uma mesma nas palavras, e nos diphthongos e pronunciação, etc. *Nunes, Orig. da Ling. Port.*

o testemunho do Sr. Caveda, tem o feito crer ascendente mais proximo do castelhano que de qualquer outra lingua da Peninsula. Porem é certo que apezar dessa invasão ainda conserva esse dialecto muito do que o portuguez delle recebeu e guarda, a ponto de nos fazer crer este seu descendente mais legitimo. — E bem que não falem palavras identicas ou parecidas, não é nellas que fundaremos nossos argumentos; mas principalmente será na Syntaxe que nos deteremos. Assim vemos que no asturiano como no portuguez é mui frequente nos verbos o emprego da figura prothese, dizendo-se v. gr. *a baxar* por *baxar*; *ajuntar* por *juntar*; assim usam do mesmo modo a aferese dizendo v. gr. *n' outro* em vez de *em outro*; assim empregam a anthiteses nas palavras que terminam em *r* mudando esta letra para mais eufonia em *l*, quando se lhe segue uma vogal; v. gr. *pintal-o* em vez de *pintar-o*, *pelo* em vez de *per o*; assim finalmente empregam a synalefa, dizendo *daqui*, *da-*

• Pai (Padre) e Mai (Madre) dizem os Asturianos (Coll. do Sr. Cav., p. 48.) Pá e Má. Ao *jantar* para que não ha palavra em castellano dizem *jantar*. Alem disso são portuguezas as palavras *home*, *ceo*, *fado*, *tornar*, *ingir*, *morrer*, *amizado*, *corajoso*, *estrada*, *faia*, *fumo*, *andaron* (cast. *anduvieron*), *verdascar*, *comnosco*, *comvosco*, e outras muitas, que fora longo enumerar, e que não são castelhanas.

li, dantes por *de aqui*, *de ali*, *de antes* etc. Em asturiano (como em portuguez), nao' tem som gutural o j, que nas palavras latinas se pronuncia forte com em francez e portuguez; e n' outros casos em que o emprega o castelhano, e que em portuguez se convertem em th, converteram-no elles em y, v. gr. *migalha*, *palha*, *semelhante*, *aparelhar*, *milho*, dizem *migaya*, *semeyante*, *paya*, *apareyar*, *thiyu* etc., uso este que tambem encontramos no poema de Segura, e algumas vezes no *Fuero Juzgo*. Pelo que respeita á Prosodia contentar-nos-hemos de citar a formaçao' dos diminutivos em *ino* ou *iño*, diferentes no castelhano; e a dos adjectivos acrescentando *ento* a qualquer substantivo igualmente desconhecida nesta lingua.

O que fica dito é bastante para indicar quanto o portuguez conserva mais no fundo do dialecto antigo asturiano do que o castelhano, o que, repetimos, deve fazer considerar aquella lingua como a verdadeira representante do idioma dos filhos de algo das Asturias. As poesias que ora vulgarisamos, e outras cantigas provam que ainda mais d' asturiano tinha o portuguez, antes que pela restauração classica no seculo 16 Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes e sobretudo Camoens o alatinassem mais com a introdução' dos superlativos etc.

Aqueste, *escaescer*, *macar* (ou *magar*) e

outras muitas palavras se acham neste livro que deixaram de ser portuguezas, e são ainda asturianas. O uso da prothese no emprego da particula *a* antes dos verbos no infinito é sobretudo excessivo nas cantigas, embora muitas vezes se veja no nosso texto a dita particula separada.

Concluiremos declarando que a medo houveramos enunciado algumas de nossas opinioens, sabendo quao' poderosas autoridades tem contra si, se nos nao' animasse, entre outros, o nosso bom amigo o Sr. D. Agustin Duran. A este Sr. tao' litterato, como cavalheiro, tao' superior em talento e bom juizo, quao' prudente amigo d' analyse, devemos o haver tido o animo necessario para aventar ideas, em parte tal vez contrarias ás suas, as quaes tomadas friamente em consideração por jurados estranhos, que nao' tenham por ellas nem o amor de pai, nem as prevençoes de desherdado, poderao' algum dia alcançar um verdicto imparcial, a que desde hoje nos sujeitamos.

Madrid 40 de Julho de 1849.

TROVAS E CANTARES.

Nostro Señor, que me a min faz amar
A mellor dona de quantas el fez,
E mais fremosa e de mellor prez,
E á que fez mais fremoso falar;
El me dê la ben, se lle prouguer, *d'ela D*
Ou mia morte, se m' aquesto non der,
Me dê, por m' en de gran cuita quitar.

E se m' el aquesto non quiser dar,
Que ll' o eu rogo, rogá-ll'-ei assi
Que lle possa com' ela quer á mi
Querer, ca esto me pode guardar
Da mui gran coita que eu ei d' amor;
E se m' esto non der nostro Señor,
Por que me fez el tal Señor fillar?

Ben o sei eu; fez me o por se vengar
 De mi, per esto e non per outra ren,
 Se ll' algun tempo fiz pesar; por en
 Me leix' assi desenparad' andar,
 E non me quer contra ela valer;
 Por me fazer mayor coita soffrer
 Me faz tod' est', e non me quer matar.

2.

En grave dia, Señor, que vos vi,
 Por mi e por quantos me queren ben,
 E por deus, Señor, que vos non pes' en:
 E direi vos quanto per vós perdi:
 Perdi o mund' e perdi me con deus;
 E perdi me con estes ollos meus;
 E meus amigos perden, Señor, min.

E mia Señor, mal dia eu naci
 Por tod' este mal que me por vós ven,
 Ca per vós perdi tod' est', e o sen;
 E quisera morrer e non morri;
 Ca me non quiso deus leixar morrer,
 Por me fazer mayor coita soffrer,
 Por muito mal que me ll' eu mereci

En a mia coita, pero vos pesar
 Seja, Señor, ja que vos falarei
 Ca non sei se me vos ar veerei,
 Tanto me vej' en mui gran cuit' andar
 Que morrerei por vós ù non jaz al;
 Catade Señor por vós este mal,
 Ca polo meu non vos veñ' eu rogar.

E ar quero vos ora consellar,
 Per boa fe, o mellor que eu sei;
 Metede mentes no que vos direi:
 Quem me vos assi vir desamparar
 E morrer por vós, pois eu morto for,
 Tan ben vos dirá por mi traedor
 Come á mi' por vós, se vos matar.

E de tal preço guarde vos deus,
 Señor e lume destes ollos meus:
 Se vos vós en non quiserdes guardar.

3.

Meus amigos que sabor haveria
 Da mui gran coit' an que vivo dizer,
 En un cantar que queria ora fazer;
 E pero direi vos como queria,
 Se deus quisesse dizel-o assi

Ta'n D
 29

Que ouvessem todos dó de min,
E non soubessen por quen no dizia:

E por esto rog' a Sancta Maria
Que m' ajud' y , e que me dê poder
Per que eu torne na terr' a viver
Ú mia Señor vi en tan grave dia ,
Sen outras coitas que depois soffri ,
Ca non vivera ren do que vivi
Senon cuidando com' y tornaria.

Mas cautiv' eu de mellor que querria
De poder eu na terra guarecer
Ú a cuidafse eu a poder ver ,
Dos mil dias ùa vez en un dia :
Ja eu est' ouve , perdi-o per min ,
Mas tan mal dia ante non perdi
Os ollos , e quant' al no mund' avia ,
Ca par deus meor mingua me faria.

4.

Pero m' eu ei amigos , non ei niun amigo
Con que falar ousasse a coita que comigo
Ei, nen ar ei a quen ous' en mais dizer, e digo
De muy bon grado querria a un lugar ir
E nunca m' end' ar viir.

Vi eu viver coitados, mas nunca tan coitado
 Viveu com oj' eu vivo, nen o viu ome nado
 Des quando fui ù fui, e a que volo recado
 De mui bon grado &c.

(prenda,

A coita que eu prendo non sei quen a tal
 Que me faz fazersenpre dano de mia fazenda;
 Tod' aquest' eu entendo, e quen mais quiser
 De mui bon grado &c.

(entenda.

(m'ia

De cousas me nouguardo, mas pero guardar
 De soffrer a gran coita que sofri del-o dia
 Des que vi o que vi, e mais non vos en diria:
 De mui bon grado &c.

5.

Eu me coidei, ù me deus fez veer
 Esta Señor contra quen me non val,
 Que nunca me dela veria mal,
 Tanto a vi (*de?*) fremoso parecer
 E falar mans' e fremos', e tan ben,
 E tan de bon prez, e tan de bon sen,
 Que nunca dela mal cuidei prender.

Esto tiv' eu que m' avia valer
 Contra ela, e todo me ora fal,

6

E de mais deus , e viv' en coita tal
Qual poderedes muy ced' entender,
Per mia morte, ca moiro e praze m' en;
E d' al me praz : que non saben por quen,
Nen o poden ja mais por mi saber.

Pero vos eu seu ben queira dizer
Todo non sei; pero convosqu' en al
Nunca falei : mais fezo a deus qual
El mellor soube no mundo fazer :
Ainda vos al direi que ll' aven :
Todas as outras donas non son ren
Contra ela, nen an ja de seer.

6.

e/ Esta dona poil-o non souber
Non lle poden , se torto non ouver,
Deus non as gentes culpa poer.
Guai la mia ventura! e aquestes meus
Ollos an y gran culpa e deus,
Que me fezeron tal dona veer !

7.

Ja non sei no mundo que fazer,
Nen ei consello, nen me o quis deus dar,

Ca non quis el , ù me non quis guardar ,
 E non ouv' eu de me guardar poder ;
 Ca dix' eu ca morria por alguen ;
 E, dereit' ei , de lazerar por en.

Ca non fora tan gran cousa dizer
 Se se mi a min ben ouvess' a parar
 A mia fazenda ; mas quen deus guardar
 Non quer , non pode guardado scer.
 Ca dix' eu &c.

E mal dia eu enton non morri
 Quando esto dix'e , quando vi os seus
 Ollos , pero non dixi mais par deus ,
 E esto dixi en mal dia por min.
 Ca dix' eu &c.

Ca des aquel dia 'n que a eu vi
 Que non visse d' aquestes ollos meus ;
 Non perdi coita , ca non quiso deus ,
 Nen perderei , ca eu mi o mercci.
 Ca dix' eu &c.

8.

Pelos meus ollos ouv' eu muito mal ,
 E pesar tant' e tan pouco prazer ,

[v St. 9] ⁸
Que me valera mais non os aver,
Nen veer nunca mia Señor, nen al.
E non mi á prol de queixar m'end' assi;
Mais mal dia eu dos meus ollos vi;

Ca per eles ouv' eu mui pouco ben;
E o pesar que me fazen soffrer,
E a gran coita, non é de dizer,
E queixar me; a mais non ei a quem;
E non mi á prol &c.

Ca, Señor, que me foron mostrar
De quantas donas deus quiso fazer
De falar ben e de ben parecer;
E por que moiro non ll' ouso falar;
E non mi á prol &c.

9.

Non me soub' eu dos meus ollos mellor
Per nulla ren vingar, ca me vinguei;
E direi vos que mal que os matei
Levei os d' ù veyan sa Señor:
E fiz seu mal, e do meu coração,
Por me vengar deles, e por al non.

Ca me non podiam per nulla ren,
 Sen veel-o mui bon parecer seu.
 Fazer gran mal mas que lles ar fiz eu:
 Levei os d' ù a viian por en.
 E fiz seu mal &c.

E na sazon que lles eu entendi
 Que eles aviam de a veer
 Mayor sabor per ome de fazer,
 Muy grave foy; levei os dali
 E fiz seu mal &c.

E na vengança que deles preendi
 Gran mal perfiz a eles e a min. † 9

10.

Nunca coitas de tantas guisas vi
 Como me fazedes, Señor, soffrer;
 E non vos queredes de min doer;
 E vel, por deus, doede vos de mi;
 Ca Señor moir' e vedes que me aven.
 Se vos alguen ben quer, quero ll' eu mal;
 E quero mal quantos vos queren ben.

E os meus ollos con que vos eu vi
 Mal quer', e deus que me vos fez veer,

E a morte que me deixa viver,
 E mal o mundo, por quant' y naci.
 Ca Señor moir' &c.

A' mia ventura quer' eu mal,
 E quero mal ao meu coração;
 E tod' aquesto Señor coitas son:
 E quero mal deus; por que me non val.
 Ca Señor moir' &c.

E teño que fazo dereite sen
 En querer mal quen vos quer mal e ben.

11.

A tal vej' eu aqui ama chamada,
 Que dé-lo dia en que eu naci
 Nunca tan desguisada cousa vi.
 Se por ùa destas duas non é
 Por aver nom' assi, per boa fé;
 Ou se ll' o dizen por que est amada,

Ou por fremosa ou por ben tallada,
 Se por aquest' ama deva seer,
 E' o ela podede-lo creer;
 Ou se o e' pola eu muit' amar

Ca ben lle quer', e posso ben jurar,
Poil-a vi, nunca vi tan amada;

E nunca vi cousa tan desguisada
 De chamar om' ama tal moller;
 Tan pastorie sello non du... er.

D

Por tod' esto que eu, sei que ll' aven;
 Por que a vej' a todos querer ben,
Ou por que do mund' é mais amada,
 E o de como vos eu disser,
 Que pero me deus ben fazer quiser,
 Sen ela non me pode fazer nada.

12.

As graves coitas a quen as deus dar
 Quer, e o mal d' amor gran ben faria
 Se lle desse, pero non lle daria
 Con quen ousasse en sas coitas falar;
 En tal guisa que ll' o non entendesse
 Con quen o falasse, e que se doesse del;
 Mais non sei deus se poderia.

Pero sei ben, á quant' le' meu coidar, a/le'
 A quen esto desse, ca lle daria
 Mais longa vida e que ll' y faria

D' aquellas coitas aver mais vagar ;
 E non sei al per que sen non perdesse ,
 Que mais ouvesse , e cedo non morresse ;
 E per esto cuido que viviria .

E estas coitas eu podia falar ,
 Come quen as padece cada dia ;
 Mas non é tempo , ja me valrria
 Mais garde se quen se poder guardar ;
 E non s' esforçe en Señor que pre..e..e
 A mellor nen mellor pareceesse
 Deste mundo , ca peor ll' y faria .

13.

En tan grave dia Señor fillei
 A que nunca Señor chamar ousei
 E esta coita nunca eu vi mayor
 Morrer , e non ll' ousar dizer Señor ;
 Ca de pran moiro , querendo lle ben .
 Pero non ll' ous' en dizer nulla ren ;
 Ca dizel-o cuidei , ò a morrer ,
 E pois la vi non ll' ousei dizer ren ;
 Ca por mais mia prol teño de morrer .

Non poderia outro ome viver,
 Nen eu fezera temp' ay pasado,
 Mais quando cuid' en qual mia Señor vi,
 En tanto viv' e en tanto vivi,
 E teño m' end' as coitas por pagado.

En pero, quand' eu en meu cuidado,
 Cuido nas coitas que me faz aver,
 Coido mia morte, querria morrer;
 E coid' en como fui mal dia nado;
 Mais quand' ar cuido en qual mia Señor vi,
 De quantas coitas por ela soffri,
 Muito m' en teño por aventurado.

En seu ben per mi seer loado
 No á mester de o ende mas dizer,
 Ca deus la fez qual mellor fazer
 Soub' en o mund', e ben maravillado
 Será quen vir a Señor que eu vi,
 Pelo seu ben, e ben dirá per mi
 Que ben devi end' a deus a dar bom grado

De quantas coitas por ela soffri,
 Se deus mi a mostre como a ja vi,
 Sendo con sa madre en un estrado.

16.

Desmentido m' á 'qui un trovador
 Do que dixi da ama sen razon,
 De cousas pero, e de cousas non;
 Mais ù menty quero mi o eu dizer
 Ú non dixi o meo do parecer
 Que ll' y mui bon deu nostro Señor.

Ca de pran a fez parecer mellor
 De quantas outras no mundo son,
 E muy mais mansa, e mais com razon
 Falar e riir e tod' al fazer;
 E fezo lle tan muito ben saber
 Que en todo ben é mui sabedor.

E por esto rogo nostro Señor
 Que lle meta en o seu coraçõn
 Que me faza ben, poil-o a ela non
 Ouso rogar, e se m' ela fazer
 Quisesse ben, non querria seer
 Rey, nen seu fillo, nen emperador.

Se per y seu ben ouvesse a perder,
 Ca sen ela non pos' eu ben aver
 En o mundo, nen de nostro Señor.

17.

Señor e lume destes ollos meus,
 Per boa direi vos ùa ren;
 E se vos mentir, non me veña ben
 Nunca de vós, nen d' outri, nen de deus;
 Dè lo dia 'n que vos non vi,
 Mia Señor, nunca despoys vi

Prazer nen ren, nen o averei
 Se non vir-vos en quant' eu vivo for
 Ou mia morte fremosa, mia Señor,
 Ca estou de vós como vos eu direi.
 Dè lo dia &c.

Per boa fe, se mui gran pesar non,
 Ca todo quanto vi me foy pesar,
 E non me soube consello fillar;
 E direi vos des qual sazon
 Dè lo dia &c.

Nen veerei Señor, mentr' eu viver,
 Se non vir-vos, ou mia morte, prazer.

18.

Señor o gran mal e o gran pesar
 E a gran coita e o grand' affan,
 Pois que vos vós non doedes de min,
 Que por vós soffro morte, m' e' de pran,
 E morte m' e' de m' end' assi queixar,
 Tan grave dia Señor que vos vi.

Pois estas coitas eu ei a soffrer
 Que vos dixes, mais ca morte m' e';
 Pois que vos vós non doedes de min
 E morte m' e' Señor per boa fe
 A que vós..... a quen a..... er
 Tan grave dia Señor que vos vi.

Porque vejo que cedo morrerei
 D' aquestas coitas que vos dixi ja,
 Pois que vos vós non doedes de min,
 Vedes Señor mui grave me será
 De o dizer; pero a dizel' ei
 Tan grave dia Señor que vos vi.

19.

N' outro dia quando m' eu espedi
 De mia Señor, e quando mi ouv' a ir .
 E me non falou, nen me quis oyr,
 Tan sen ventura fui que non morri,
 Que, se mil vezes podesse morrer,
 Meor coita me fora de soffrer.

Que eu dixi con graça mia Señor
 Catou me un pouco e teve mi o en desden,
 Porque me non diss o mal nen ben,
 Fiquei coitado e con tan gran pavor
 Que, se mil vezes &c.

E sei muy ben ù me dela quitei
 E m' end' eu fui, e non me quis falar.
 Ca pois ali non morri con pesar,
 Nunca jamais con pesar morrerei.
 Que, se mil vezes &c.

20:

d z Deus que me oj' ù aguisou de vos veer
 E que é da mia coita sabedor

El sab' oje que con muy gran pavor
 Vos digu eu est', e ja é de dizer:
 Moir' eu, e moiro por alguen
 E nunca vos mais direi en.

E mentr' eu vi que podia viver
 Na mui gran coit' an que vivo d' amor *ca 'n 9*
 Non vos dizer ren tive por mellor;
 Mais digu'esto pois me vejo morrer:
 Moir' eu &c.

E non á no mundo filla de rei
 A que d' á tanto de vess' a pesar
 Nen est' era ydad' om' a fillar;
 Por quant' yst' e' que vos ora direi:
 Moir' eu &c.

21.

E a mia Señor que tan mal dia vi
 Como deus sabe, e mais non direi en
 Ora d' aquesto, ca me non conven,
 Nen me dè deus ben dela, nen de si;
 C' oj' eu mais de ben querri' aver
 De saber o mal, e de me teer.

E o céu que mi faz ca doo de mi
 Averia, e saberia ben ·
 Qual é gran coita, ou quen perde sen,
 E non me valla per quen o perdi;
 C' oj' eu &c.

E o céu que me faz que tan pret' está
 De mi mia morte, como veran,
 Muitos que pois mia coita creran,
 E pero no me valla quen mi a dá;
 C' oj' eu &c.

O céu que me faz e' non o saber
 Nunca per mi, nen pelo eu dizer.

22.

Meus amigos, quero vos eu mostrar
 Com' eu queria ben da mia Señor
 E non valla ela, nen amor,
 Nen deus, se vós verdade non jurar:
 Ben querria que me fizesse ben;
 Pero non ben ù perdesse ela ren.

E mais vos direi o que pod' e val
 Me non valla se querria viver

En o mundo, nen ni um ben aver
 D' ela nen d' otri, se fosse seu mal,
 Ben querria &c.

E a mi somella cousa sen razon;
 Pois algun ome mais ama moller
 Ca si, nen al seu ben, por seu mal, quer.
 E por aquest' é si meu coraçon,
 Ben querria &c.

23.

Dizen que digo que vos quero ben
 Señor, e buscan con vusco mal;
 Mas rog' a deus que pod' e val,
 E que o mund' e vós en poder ten:
 Se o dixes mal me leixe morrer
 Senon Señor, quen vol-o foi dizer.

E veñ' a vós chorando destes meus
 Ollos, con vergoña e con pavor,
 E con coita que ei desto Señor,
 Que vos disseron, e rog' assi a deus
 Se o dixes mal &c.

D' ome sei end' outra guisa salvar;
 Mas nunca o soub' ome nen moller

Per mi nen vós, e deus se lle prouguer,
 Rogu' eu assi quanto posso rogar
 Se o dixe mal &c.

E lle faça tal coita soffrer
 Qual faz a mi, e non o ousou dizer.

24.

Por deus Señor que vos tanto ben fez,
 Que vos fez o parecer e falar
 Mellor Señor, e mellor semellar
 Das outras donas e de mellor prez;
 Avede vós oje doo de min.

E por que son mui ben quitos os meus
 Ollos de nunca vecren prazer,
 U vós Señor non poderen veer.
 Ay mia Señor! por todest' e por deus
 Avede vós oje doo de min.

E por que non á no mund' outra ren,
 Que esta coita ouvesse a soffrer,
 Que eu soffro, que podesse viver,
 E por que sodes meu mal e meu ben,
 Avede vós oje doo de min.

25.

..... e me guisou de viver
 Na mui gran coita mentr' eu vivo for
 Quando querer ben tal Señor,
 Que me non quer sol dos ollos catar;
 Quando a vejo non ll' ousou dizer
 Que lle fiz, ou por que me quer matar.

Non me poss' eu queixar con razon
 D' amor nen d' outre se me ven a ben
 Se non de deus, que me tolle o sen
 En me fazer tal Señor muit' amar,
 Que me non diz en algua sazón
 Que lle fiz, ou por que me quer matar.

E por aquesto nunca perderei
 Ja mui gran coita; pois assi deus quer
 Que eu queira mui gran ben tal moller,
 E' me dizer ja que morrerei.

26.

Ora poss' eu con verdade dizer,
 Señor fremeosa, que faço mal sen

En vos amar ; pois de vós non ei ben ,
 Nen attendo d' al mentr' eu vivo for ,
 Se non ouver de vós ben gran prazer ,
 O que non poss' aver de vós Señor.

Pois se non dol' deus de mi , nen amor ,
 Nen vós Señor , que eu sempre servi ,
 Dè lo dia que vos primeiro vi ,
 Meu mal fiz , e faço de vos amar
 Ca de morrer por vós ei gran pavor
 Da coita que me fazedes levar.

Muy gran dereyto faç' en me queixar
 De vós Señor , e no meu coração ,
 Que me leyxades morrer sen razon
 Por vós , pero me podedes guarir ;
 E por aquesto podedes osmar
 Que muy mal seso faço de vos servir.

Mais non me poss' ende Señor partir
 Quant' ei poder de mia morte fogir.

27.

Señor fremosa ja perdi o sen
 Por vós , e cuido muy ced' a morrer

Ca vos sei mellor d' outra ren querer
 E por boa fé se est' assi for,
 Quantos saben que vos eu quero ben,
 Dirán que vós me matastes Señor.

E de morrer por vós Señor bèn sei
 Que me non posso já per ren partir,
 Pois que me vós non queredes guarir;
 Mays direi vol-o de que ei pavor:
 Quantos saben qual amor vos eu ei
 Dirán que vós &c.

E da t'ul pleyto puñad' en guardar
 Señor fremosa o vosso bon prez;
 Ca se eu moyro por vós esta vez,
 Vedes de que vos faço sabedor:
 Quantos saben que vos sei muit' amar
 Dirán que vós &c.

28.

Señor fremosa ja nunca será
 Ome no mundo que teña por ben
 Se eu por vós moyro, por que o sen
 Perdi, cuidando no bon parecer

Que vos deus deu; poren vos estará
Mal se me ben non quiserdes fazer.

E vós Señor podedes entender
Que est assi que nunca me perdon
Nostro Señor, se mais de coração
Vos pud' amar do que vos sempre amei
Des que vos vi, e amo mais morrer
Cuido por vós, se de vós ben non ei.

E se eu moyro por vós muy bem sei
Que vos acharedes ende pois mal,
E por aquesto mia Señor mais val
De me guarirdes de mort' ao meu
Cuidar, ca per al non guarecerei;
Pois [deus sobre mi tal poder deu.

[vos? 2]

E non teñades que vol-o digu' eu
Por al se non por bem vóss', e por meu.

29.

Des oje mais me quer' eu, mia Señor
Quitar de vos mia fazenda dizer,
Per boa fé se o poder' fazer,
Pois vejo que avedes gran sabor
Que vos non diga quanto mal me ven

Por vós; pero non poderei per ren
Soffrer a coyta en que me ten amor.

Por vós mia Señor c' á muito de pran
Que vos eu dixei toda mia razon,
E quanto mal soffri a gran sazon,
E qual pavor de mort', e quant' affan
Por vós, e nunca fezeistes por mi
Ren; mais non poss' eu soffrer des aqui
Quantas coitas meus cuidados me dan.

Por vós mia Señor que senpr' amarei
Mentr' eu for vivo mais ca min nem al,
Perdi o sen, e soffri muito mal:
E pois vos praz, oje mais soffrerei
De vos non dizer ren; pois pròl non mi á
Que vol-o diga; pero ben sei já
Que desta coyta morte prenderei.

Por vós Señor que vi muyt' á
Prenderei morte; pois que deus non á
Dó de min, nen vós que sempr' ameí.

30.

Señor fremosa querria saber
De vós que sempre puñei de servir ;

Pois vos eu sei mais d' outra ren amar,
 Que diredes a quen vos preguntar:
 Pois me podedes de morte guarir
 Señor por que me leyxades morrer.

Pois que m' assi tenedes en poder,
 Señor fremosa, dized' ùa ren
 Que diredes se vos alguen disser
 Que lle digades se vos aprouguer:
 Pois me podedes guarecer muy bem,
 Señor, por que &c.

Pois m' en tal coyta podedes valer
 Come de morte se deus vos perdon
 Que diredes, fremosa mia Señor,
 U vos aquesto preguntado for:
 Pois vos amo muy de coraçon,
 Señor, por que &c.

Pois vos deus fez muyto ben entender,
 Señor fremosa que sempre servi
 Se vos alguen preguntar esta vez
 Que lle diredes por deus que vos fez:
 Pois vos eu amo muyto mays ca mi,
 Señor, por que &c.

31.

Dizedes vós Señor que vosso mal
 Seria se me fezéssedes ben,
 E non teñ' eu que fazedes bon sen
 En me leyxardes en poder d' amor
 Morrer, poys eu non quero min, nen al,
 A tan gran ben come vós, mia Señor,

Ben me podedes vós leyxar morrer
 Se quiserdes, come Señor que ha
 End' o mais, sabed' ora ja
 Que seria de me guarir mellor;
 Poys eu non sei en o mund' al querer
 A tan gran ben &c.

Sempre vos eu Señor consellarei
 Que me façades ben por me guarir
 De mort', e vós devedes mi o gracir;
 Ca mal será se por vós morto for,
 Poys eu non quis no mund' al, nem quererrei
 A tan gran ben &c.

Ca nunca dona vi nen vëerei
 Con tanto ben come vós, mia Señor.

32.

Tan muyto mal me ven d' amar
 A mia Señor per boa fé
 Meus amigos que assi qu' é
 Ei a dizer con pesar :
 Ao demo comend' amor
 E min, se d' amar ei sabor.

Quando me nenbra quanto mal
 Meus amigos me d' amor ven
 Por qu' eu quero mia Señor ben
 Con pesar digo, non con al:
 Ao demo &c.

Quando me nenbra o prazer,
 Amigos que ouve e perdi,
 Per amor, poys mia Señor vi
 Con gran pesar ei a dizer :
 Ao demo &c.

Pero quero ben mia Señor,
 E querrei mentr' eu vivo for.

33.

Mia Señor quantos en o mundo son
 Que saben como vos quero gran ben,
 E saben o mal que me per vós ven,
 Todos dizen que fill' outra Señor
 E puñe en partir o coraçon
 De vos amar, poys non ei voss' amor.

E mia Señor por vos eu non mentir,
 Sen vosso bem non poss' eu guarecer
 E poys ll' o non ei sen veja prazer: *s'cc 3*
 Todos dizen que fill' outra Señor
 E que me puñe muy bem de partir
 De vos amar, poys non ei voss' amor.

Este consello non poss' eu fillar.
 Pero m' assi vejo, per boa fe
 Morrer per vós, e pero assi é,
 Todos dizen que fill' outra Señor,
 E que me puñe ben de quitar
 De vos amar; poys non ei voss' amor.

Mais esto non quer' eu provar Señor
 De me quitar d' atender voss' amor.

34.

A deus gradesco mia Señor
 Fremosa que me vos mostrou;
 E poys vejo que se nenbrou
 De min en quant' eu vivo for,
 Non quer' outra Señor fillar
 Se non vós se vos non pesar,
 Se tanto de vós poss' aver.

← Que vos non pes' sempr' andarei
 Por voss' om', e servir vos ei
 Ca mentr' eu no mund' viver,
 Non quer' &c.

Tan muyto vos fez deus de ben
 Que se vos prouguer des aqui
 Serei voss' om' e vós de mi
 Seredes Señor; e por en
 Non quer' &c.

Ca non poss' eu desto forçar
 Deus, que me vos faz muyt' amar.

35.

Señor fremosa, pois me vej' aqui,
 Gradesc' a deus, que vos posso dizer
 A coita que me fazedes soffrer,
 E deus nen vós non me valedes y:

»Amigo por meu amor e por mi
 Soffred' a coita que vos por mi ven,
 Ca soffrendo coita se serv' o ben.

Señor fremosa muyto mal levei
 Soffrendo tempo, e atendi mellor,
 E deus e vós fazedes me peor,
 E peor m' e' que quando comecei:

»Amigo por min que vol-a dei
 Soffred' a coita &c.

36.

Pois m' en tal coita ten amor
 Por vós, dizede me Señor:
 Que vos non doedes de min.² 9
 En que grave dia vos vi
 Que vos non doedes de min.²
 3

34

E pois m' el en tal coita ten
Por vós, ay! meu lum' e meu ben,
Que vos non &c.

Ay coita de meu coraçõ!
Dizede ~~me~~ se deus vos perdon: x d 9
Que vos non &c.

Ay lume destes ollos meus!
Dizede mi agora, por deus,
Que vos non &c.

37.

Por deus vos quero rogar mia Señor
Que vos fezo de quantas donas fez
A mais fremosa nen de mellor prez;
Pois todo ben entendedes Señor;
Entendede en qual coita me ten
O voss' amor; por que vos quero ben.

E se o vós mia Señor entender
Esto quiserdes, averedes y
A meu coidar algun dó de mi
Pois vos deus fez tanto ben entender.
Entendede &c.

E mia Señor tempo seria já
 De vos nembrardes de mi non leixar
 En tan gran coita com' eu viv' andar,
 E mia Señor vel por mesura já.
 Entendede &c.

38.

Nunc' assi ome de Señor
 Esteve com' oj' eu estou.
 Ei d' ir ù ela en sabor
 Mais d' outra ren, e pois y vou,
 Non ll' ousó dizer nulla ren;
 Pero lle quero mui gran ben,

E cuido ll' eu sempr' a dizer
 Quando a vir per boa fé,
 A coita que me faz aver;
 E pois que vou ù ela é,
 Non ll' ousó &c.

Quanta coita e quant' affan
 M' ela no mundo faz levar,
 Ben lle cuid' eu dizer de pran;
 Mais pois m' ant' ela vej' estar
 Non ll' ousó &c.

39.

De mia Señor entend' eu ùa ren;
 Ca me quer mal assi deus me perdon;
 Mais pero sei en o meu coraçon
 Ca mi o non quer; por que lle quero ben.
 Ca me non quis nunca nen quer creer
 Per nulla ren que lle sei ben querer.

Mais quer me mal polo que vos direi;
 Porque me dis ca lle faço pesar
 De a veer nunca nen lle falar;
 Ca mi o non quer por al, eu ben o sei.
 Ca me non quis &c.

E des quand' ela fosse sabedor
 Do mui gran ben que ll' eu quis poil-a vi;
 Pero me mal ar quisesse de si
 Terria m' eu que estava mellor.
 Ca me non quis &c.

40.

Quando vos vi fremosa mia Señor
 Logo vos oube tau gran ben querer

Que non coidei que ovesse poder
 Per nulla ren de vos querer mellor.
 E ora já direi vos que mi aven :
 Cada dia vos quero mayor ben.

E por que vos vi fremoso falar
 E parecer, logo vos tant' amei,
 Señor fremosa que assi coidei
 Que nunca vos podesse mais amar.
 E ora já &c.

Amei-vos tant' ù vos primero vi
 Que nunca ome tan de coraçon
 Amou moller; e coidei eu enton
 Que mayor ben non avia já y.
 E ora já &c.

41.

Tan mui' á ja que non vi mia Señor,
 E tan coitado fui poil-a non vi
 Que ùa ren sei eu mui ben de mi;
 Pero me faz muito mal seu amor:
 A mayor coita de quantas oj' ei
 Perderia se a viss' eu sei.

Pero que m' ela nunca fez o ben,
 Nen mi o fará já en quant' eu viver,
 Tan gran sabor ei eu de a veer;
 Que se a visse sei eu ùa ren:
 A mayor coita &c.

E vej' a muitos aqui razoar
 Que a mais grave coita de soffrer
 Veela ome, e ren non lle dizer;
 Mais pero ll' eu non ousasse falar,
 A mayor coita &c.

42.

Un dia que vi mia Señor
 Quis lle dizer lo mui gran ben
 Que ll' eu quer', e como me ten
 Forçad' e preso seu amor.
 E vi a tan ben parecer
 Que lle non pude ren dizer.

Quant' eu puge no coração
 Me fez ela desacordar;
 Ca se ll' eu podesse falar,
 Quisera lle dizer enton.
 E vi a tan ben &c.

Seu medo poil-a vi a tal
 Que ouve me tolleo assi
 Ca lle quisera falar y
 De como me faz muito mal.
 E vi a tan ben &c.

Pero m' ela non ten por seu
 Mui gran verdade vos direi :
 Meu mal est, e quanto ben ei
 E fora pol-o dizer eu.
 E vi a tan ben &c.

* 43.

Tanto faz deus a mia Señor de ben
 Sobre quantas no mundo quis fazer,
 Que vos direi eu ora que mi aven,
 Pero m' eu vejo por ela morrer,
 Non querria das outras a mellor
 Eu querer ben, por aver seu amor.

E no amar mia Señor, que eu vi
 Tan fremosa, e que tan muito val,
 E en que eu tanto ben entendi,
 Pero que puña de me fazer mal,
 Non querria &c.

Pero que dela ni un ben non ei
 E assi moir', e me non teñ' poss' eu,
 Tan muito val sobre quantas eu sei
 Que pois me deus tan boa Señor deu,
 Non querria &c.

Ca me faz deus tan boa don' amar
 Que me val mais veela ùa vez
 Que quanto ben m' outra podia dar,
 E poil-a deus tan boa dona fez
 Non querria &c.

44.

A mia Señor a que eu sei querer
 Mellor ca nunca quis om' a moller,
 Poil-a tant' amo e mi o creer non quer
 Nostro Señor, que á mui gran poder,
 Me dè seu bem se ll' eu quero mellor
 Ca nunca quis no mund' om' a Señor.

E se non é non me leixe prender
 Por ela morte, ca non m' é mester
 D' eu viver mais se seu ben non ouver
 Mais deus que pod' a verdade saber,
 Me dè seu ben &c.

Por que lle fez as do mundo vencer
 De mui bon prez, e do que vos disser,
 De parecer mui ben ù estever
 Deus que lle fez tan muito ben aver,
 Me dè seu ben &c.

45.

Quant' eu mais donas mui ben parecer
 Vej' ù eu and', e entendo ca son
 Mui boas donas, se deus me perdon,
 E quantas donas mais posso veer,
 A tant' eu mais desejo mia Señor,
 E a tant' entendo mais que é mellor:

E mia Señor a quen a deus mostrar,
 U vir das outras as que an mais ben,
 Ben verá que cab' ela non son ren;
 E quant' eu ouç' as outras mas loar;
 A tant' eu mais &c.

E deus Señor que lle tanto ben fez,
 Va juntar con quantas no mund á
 Das mellores, tant' ela mais valrrá;
 E quant' eu vej' as outras mas de prez,
 A tant' eu mais &c.

46.

A mia Señor que mui de coração
 Eu amei senpre des quando a vi,
 Pero me ven por ela mal des y,
 E' tan boa que deus non me perdon,
 Se eu querria no mundo viver
 Por lle non querer ben nen a ver.

[e g] Pero dela non atend' outro ben
 Ergo vél-a mentr' eu vivo for
 Mais por que amo tan boa Señor
 Deus non mi amoſtre quan [poder ten, *[to g]*
 Se eu querria &c.

[e] Por que desejo de vél-os seus
 Ollos tan muito que non guarrei já,
 E por que antre quantas no mund' á,
 Val tan muita que non me valla deus,
 Se eu querria &c.

47.

Os que mui gran pesar viron, assi
 Com' eu vejo da que quero gran ben,

Por que sei eu ca morreron por en,
 Maravillado me faço per mi;
 Pois todo vejo quanto receei,
 Como non moiro, se de morrer ei?!

Da mia Señor e do meu corazón,
 Por que me deus já todo fez ver,
 Per quant' eu logo devèra morrer,
 Maravillo me, e faço gran razon;
 Pois todo vejo &c.

Por que cuidava se visse un pesar
 De quantos vej' ora de mia Señor,
 Que morreria en, pero m' é or
 Dereito, faç' en me maravillar;
 Pois todo vejo &c.

E pois me non pod' a coita que ei
 Nen deus matar, já mais non morrerei.

48.

Que guarir non ei per ren
 Se non vir a que gran ben
 Quero, ca perco o sen:
 Poil-a non vejo me ven

Tanto mal que non sei quen
 Mi o tolla, pero mi al den
 Mais deus mi amostre por en
 Cedo, que a en poder ten.

E se eu mia Señor vir,
 A que me toll' o dormir,
 Se eu ousasse, pedir
 LL' ia logo que guarir
 Me leixass' ù servir
 Podess' eu mais consentir.
 Non mi o querrá nen oyr
 Mais leixar-m' á morrer ir.

49. = 075 153

Qual Señor devia fillar
 Quen a ben soubesse escoller
 Essa faz a min deus amar,
 E essa me tem en poder,
 E essa est a mia Señor en;
 Essa me faz o mayor ben
 Deste mundo desejar.

O seu ben que non ay par
 Tan muito a faz deus valer,

Por bon prez, e por ben falar,
 Per bon sen, e per parecer,
 E da tal dona o seu ben
 Non sei oj' eu no mundo quen
 O podesse saber osmar.

Nen a mia coita meu coidar
 En que m' oj' eu vejo viver
 Ca m' ei da tal dona guardar,
 De qual me or' oystes dizer,
 De a veer, ca se a vir,
 Fará m' ela de si partir,
 Muy trist' e muit' a meu pesar.

Poren non devia quitar,
 Os seus ollos de a veer
 A quen deus quisesse guisar,
 De ll' o querer ela soffrer.
 Por que os quitaria d' y,
 Por tal cuita ver com' é mi
 Ante se devia matar.

50. = 4154

Maravillo m' eu, mia Señor,
 De min como posso soffrer

Quanta cuita me faz aver,
 Des que vos vi, o vosso amor,
 E maravillo me log' y
 De vós por leixardes assi
 Voss' om' en tal cuita viver.

Aquesto dig' eu mia Señor
 Por quanto vos quero dizer
 Por que vos fez deus entender,
 De todo ben sempr' o mellor.
 E a quen deus tanto ben deu,
 Devia s' anenbrar do seu
 Omen cuitad' e a doer.

De tan cuitado mia Señor
 Come oj' eu vivo, que poder
 Non ei de gran cuita perder
 Por al ja se per vós non for,
 E se quiserdes perderei
 Cuita per vós ou morrerei,
 Ca tod' é en vosso prazer.

[a 2

Ja| mia cuita, mia Señor,
 Non vol-a ouvera a dizer.
 Ante me leixára morrer
 Se non por vós que ei pavor

De que teen Señor por mal
De quen a seu ome non val,

E pois podera de lle valer, D
Pois vos outro ben non fal, D
Por deus non façades a tal
Torto qual oyredes dizer.

51.

Nostro Señor como jaço coitado
Morrend' assi en tal poder d' amor,
Que me tolleu o sen, e mal peccado,
Al me tolle de que me faz peor:
Tolle-me vós a que non sei rogar
Pol-a mia cuita, nen vol-a sei mostrar:
Assi me ten end' amor obridado.

E grave dia com amor foi nado,
Que me de cuita sempre soffredor
Fez em ar, faz viver tan alongado. D
D' ù eu os ollos vi da mia Señor
E d' ù eu vi o seu bon parecer,
Se m' est' a mi podess' escaescer,
Logu' eu seria guarid' e cobrado.

E saberia d' algun mandado
 De que oj' eu no soon sabedor ;
 Mais sei que este desej' e cuidado.
 E como morre quen jaz na mayor
 Coita d' amor das que eu nunca vi ;
 E mal pecado moir' oj' eu assi,
 De mia Señor longe e desamparado.

E dereit' ca fui mal consellado,
 Que lle falei, pero m' ovi en sabor,
 Ca entendi que foy tan sen seu grado
 Que lle fogi da terra com pavor,
 Que ouve dela, e fiz mui mal sen ;
 Ca non mi avia dizer nulla ren,
 Ond' eu nen outre fosse despagado.

52. = CM 156

Nunca bon grad' amor aja de min
 Nen d' al, por que me mais leixa viver
 E direi vos por que o dig' assi
 E a gran cuita que me o faz dizer:
 Ei gran pavor de me fazer levar
 Coita longadament, e m' ar matar
 Por me fazer de peor morte prender.

Poren me deixa viver des aqui
 Amor, e ben o pod' ome entender;
 Ca muit' á que ll' eu morte mereci,
 Se dev' ome per amar amorrer.
 Mais non me mata, nen me quer guarir;
 Pero non m' ei del, pois viria partir,
 Non me quer matar a meu prazer.

E d' amor nunca un prazer premdi,
 Por mil pesares que m' el faz soffrer;
 Ca Señor que eu por meu mal vi,
 Non me quer el contra ela valer,
 Nen dar m'esforço que m' era mester;
 Pois m' esto faz, e matar non me quer,
 Por que ll' ei eu tal vida agradecer? *d' a D*

Ca des que m' eu en seu poder meti
 Non desejei ben que podesse aver,
 Se quer mia morte desejei des y,
 Que ant' eu muito soya temer,
 E amor non me mata nen me val;
 Mais matar m' ia se fosse meu mal,
 O eu cuidasse en mia mort' a perder.

50
53.2376 157

Ja mia Señor ni un prazer
Non me fará mui gran prazer,
Sen vosso ben, ca outro ben
Non me fará cuita perder,
Mentr' eu viver, e quen viver
Aver mi-á pois est a creer.

E que mal consello fillei,
Aquel dia en que fillei
Vos por Señor; ca mia Señor
Senpr' eu mia morte desejei:
Meu mal cuidei por que cuidei
D' amar vos, ja mais que farei.

Que farei eu con tanto mal?
Pois vosso ben tod' é meu mal,
Pois est assi, morrer assi
Com om' a que Señor non val
A cuita tal que nunca tal
Ovu outro ome, d' amor nen d' al.

54. = 013 158

Señor fremosa, pois me non queredes
 Creer a cuit' an que me ten amor *ta 'n D*
 Por meu mal, e que tan ben parecedes
 E por meu mal vos fillei por Señor,
 E por meu mal tan muito ben oy
 Dizer de vós, e por meu mal vos vy;
 Pois meu mal e' quanto ben vós avedes.

E pois vos vós da cuita non nenbrades,
 Nen do affan que m' amor faz prender,
 Por meu mal vivo mais ca vós cuidades
 E por meu mal me fezo deus nacer,
 E por meu mal non morri ù cuidei,
 Como vos visse por meu mal fiquei
 Vivo, pois vós por meu mal ren non dades.

Desta cuit' an que me vos tenèdes
 En que oj' eu vivo tan sen sabor
 Que farei eu pois me vós non creedes?
 Que farei eu cativo pecador?
 Que farei eu vivendo senpre assi?
 Que farei eu qu' en mal dia naci?
 Que farei eu pois me vós non valedes?

E pois que deus non quer me vallades,
 Nen me queirades mia coita creer,
 Que farei eu? por deus que mi o digades;
 Que farei eu se logo non morrer?
 Que farei eu se mais a viver ei?
 Que farei eu que consello non sei?
 Que farei eu que vós desamparádes?

55. =

Quanto me nenbra de vós mia Señor
 En qual affan me fazedes viver
 E de qual guisa leixades amor
 Fazer en mi quanto x' el quer fazer
 Enton me cuid' eu de vós aquitar,
 Mais vós pois vós vej' e vos ouço falar
 Outro cuidad' arrei log' a prender.

Por que vos vejo falar mui mellor
 De quantas donas sei, e parecer,
 E cuid' en como sodes sabedor
 De quanto ben dona dev' a saber,
 Este cuidado me faz d' estorvar
 De quant' al cuid', e non me quer leixar
 Partir de vós, nen de vós ben querer.

E quan ar soio cuidar no pavor
 Que me fazedes mia Señor soffrer,
 Enton cuid' eu en quant' eu vivo for
 Que nunca veñ ao vosso poder,
 Mais tolle m' en log' aqieste cuidar
 Vosso bon prez, e vosso semellar;
 E quanto ben de vós ouço dizer.

Mais quen vos ousa mia Señor catar
 Deus como pod' o coraçon quitar
 De vós, nen os ollos de vos veer;
 Nen como pod' al ben desejar,
 Se non de vós, que sol oyr falar
 En quanto ben deus en vós faz aver.

56.

Muitos me veen preguntar,
 Mia Señor, a quen quero ben? 9
 E non lles quer end' eu falar
 Con medo de vos pesar en.
 Nen quer' a verdade dizer,
 Mais jur' e faço lles creer
 Mentira, por vó-lles negar.

E por que me veen coitar
 Do que lles non direi per ren

Ca m' atrev' eu en vos amar;
 E mentr' eu non perder o sen,
 Non vos ~~de~~ devedes atemer; x d L D
 Ca o non pod' ome saber
 Por min, se non adeviñar.

Nen será tan preguntador
 Null' ome que sábia de min
 Ren, por que seja sabedor
 O ben que vos quix, pois vos vi,
 E pois vos praz negal' o ey
 Mentr' o sen non perder; mais sei
 Que mi o tollera voss' amor.

E se por ventur' assi for,
 Que m' ar pregunten des aqui
 Se sodes vós a mia Señor
 Que amei sempre, e servi,
 Vedes como lles mentirei:
 D' outra Señor me lles farei,
 Onde aja mais pouco pavor.

57. = OB 161

O que consell' a min de m' eu quitar
 De mia Señor, por que me non faz ben

E me por tan poderoso ora ten
 De m' en partir, nunca el ouvu amor
 Qual oj' eu ei, nen viu esta Señor
 Con que amor fez a min començar.

Mais non a viu, e vai mi agora dar
 Tal consell', en que perde seu sen;
 Ca se a vir ou lla mostrar alguen,
 Ben me faç' en d' á tanto sabedor
 Que me terá mia morte por mellor
 Ca me partir de seu ben desejar.

Ca se el vir o seu bon semellar
 Desta Señor, por que mi a mí mal ven
 Non mais terá que m' eu possa per ren
 Dela partir en quant' eu vivo for,
 Nen que m' end' eu teña por devedor
 Nen outr' omę que tal Señor amar.

E pois la vir se poder si guardar
 De a veer, com' end' a mí aven;
 Ben terei eu que escapará en;
 Mais d' ùa ren ei ora gran pavor
 Des que a vir este consellador
 De non poder min, nen si, consellar.

En tal poder fremosa mia Señor
Son de vós cual vos ora direi :
Que ben ou mal en quant' eu vivo for
Qual vos prouguer, de vós atendel' ei ;
Ca se me vós Señor fezerdes ben ,
Ben me virá de deus, e d' outra ren ;
E se me vós quiserdes fazer al ,
Amor e deus , log' m' até faran mal.

Que entend' eu fremosa mia Señor ,
Mentr' eu vos vir , que nunca prenderei
Gran ben de deus , nen de vós , nen d' amor ;
Ca pois vos vejo , de tod' eu ben ey :
E direi vos mia Señor que me aven
Amor de deus , por' end' , esforç' , e sen ,
Mentre vos vejo ; mais pois vos non vir ,

Esforç' e sen , e deus an me a falir.

E desenton , fremosa mia Señor ,
Nunca de deus , nen de mi prenderei
Prazer , nen ben de que aja sabor ,
Ca mia Señor de qual guis' averei
Ben deste mundo ; pois me for d' aquen
Ca perderei quanto prazer me ven ;

Pois vos non vir , e perderei des y
Deus , mia Señor , e o seu ben , e mi.

E direi vos , fremosa mia Señor ,
Pois vos non vir quan perdido eu serei: *d D*
Perderei sen , e esforço , e pavor
E des y ben , nen mal , non sentirei.
E mia Señor al vos d' ar direi en :
Non me terrá consello que me den
Dano , nen prol , nen pesar , nen prazer ;
E por qual guissa m' ei mais perder ;

Ca perdud' é Señor a meu cuidar
Quem perde sen , e prazer , e pesar.

59. = 163

Mal consellado que fuy mia Señor
Quando vos fuy primero conoscer ,
Ca nunc' ar pudi gran coita perder ,
Nen perderei já mentr' eu vivo for ,
Nen viss' eu vós , nen quen mi o consellou ,
Nen viss' aquel , que me vos amostrou ,
Nen viss' o dia 'n que vos fuy veer.

Ca des enton me fez o vosso amor
Na mui gran cuit' an qué vivo viver ; *ta' n D*

E por mi a non leixar escaescer
 E mi a fazer cada dia mayor
 Faz me Señor, en vós senpre cuidar ;
 E faz mi a deus por mia morte rogar,
 E faz a vós a mi gran mal fazer.

E quen se fez de mi consellador
 Que viss' o vosso muy bon parecer,
 A quant' eu posso de vós entender,
 De mia mort' ouvu, e de meu mal sabor ;
 E mal peccado non morr' eu poren,
 Nen moyro por que seria meu ben,
 Nen moyro por que queria morrer.

E por que me seria mui mellor
 Morte, ca mais esta coita soffrer ;
 Pois non mi a' prol de vol-a eu dizer,
 Nen vos faz outren por mi sabedor,
 Nen me' val ren de queixar m' end' assi,
 Nen me val coita, que por vós soffri,
 Nen me val deus, nen mi poss' eu valer.

Pero entanto com' eu vivo for
 Queixar m' ei senpre de vós, e d' amor :
 Pois consell' outro non posso prender.

60. = 015 109

Señor, pois deus non quer que min quei-
 Creer la coita que me por vós ven, (rades
 Por deus creede ca vos quero ben,
 E já mais nunca m' outro ben façades,
 E se mi áquesto queredes creer,
 Poderei eu mui gran coita perder;
 E vós Señor non sei que y percades,

En guarirdes vóss' ome que matades,
 E que vos ama mais que outra ren:
 Por min vos digo que non acho quen,
 Me dê consello, nen vós non mi o dades.
 Pero deus sabe quan de coraçõ
 Oj' eu vos amo, e se el me perdon
 Desamo mi, por que me desamades.

Per boa fe, mia Señor, e sabíades
 Ca por aquest' ey perdudo meu sen;
 Mais se deus quiser que vos dig' alguen
 Qual ben vos quero, e que o vós creades,
 Poderei en meu sen cobrar des y;
 E se a vós prouguer que sej' assi,
 Senpre por en boa ventura ajades.

61.

De tal guissa me ven gran mal
 Que nunca de tal guissa vi
 Vyr a outro, pois nasci,
 E direi vos ora de qual
 Guissa, se vos prouguer, me ven:
 Ven me mal, por que quero ben
 Mia Señor e mia natural,

Que am' eu mais ca mi, nen al,
 E teño que ei dereit' y
 D' amar tal Señor mais ca mi,
 E s' eu torto xe se me fal;
 Ca eu non devia perder,
 Por mui gran dereito fazer;
 Mais a mi dereito non val.

E pois dereito, nen Señor,
 Non me val' y, e que farei?
 Quen mi consello dér, terrei
 Que muit' é bon consellador;
 Ca ela non mi o quer y dar,
 Nen mi ar poss' eu dela quitar,
 E qual consell' é 'qui mellor.

Esforçar m' en soffrer pavor
 O mellor consell' é que sei,
 E en lle dizer qual tortar,
 E non ll' o negar pois y for.
 E ela faça como vir,
 De me matar, ou de me' guarir
 E averei de qual quer sabor.

62.

Meu Señor deus, se vos prouguer,
 Tollo' amor de sobre mi,
 E non me leixedes assi
 En tamaña coita viver;
 Ca vós devedes avaler
 A tod' ome que coita ouver.

Ca me sería mais mester,
 Ca me ten oj' el' ma mayor
 Cuit' an que ome ten amor,
 E deus, se vos for en prazer,
 Sacade me de seu poder,
 E pois fazed_L mi al querer. *Le D*

E desde mia Señor non fezer
 A coita que devo levar,
 Deus nunca por outro pesar

Averei sabor de morrer
 O que eu non cuido perder
 Ment'r' amor sobre mi poder.

63.

Quantos entenden mia Señor
 A coita que me por vós ven,
 E quan pouco dades por en,
 Todos maravillados son
 De non poder meu coraçõ
 Per alguna guisa quitar,
 Por tod' esto, de vos amar.

Maravillan se, mia Señor,
 E eu deles, por ni un ben
 Desejar eu de nulla ren
 En o mundo se de vós non,
 Se lles deus alguna sazõ
 Aguisou de vo-ll-es mostrar,
 Ou d' oyren de vós falar.

Ca se us viron mia Señor,
 Ou vos souberon conoser,
 Deus com ar poderon viver,
 Eu o mundo, ja mais des y

Se non coitados come mi
De tal coita qual oj' eu ei
Por vós, qual nunca perderei.

Nen a perdera mia Señor
Quen vir vosso bon parecer,
Mais converrá ll' en a soffrer
Com' eu fiz des quando vos vi.
E o que non fezer assy
Se dixer ca vos viu, ben sei
De mi ca ll' o non creerei.

Mais cree-ll'-ey a quen leixar
Tod' outro ben por desejar
Vós, que senpre desejarei.

64.

Non ouso dizer nulla ren
A mia Señor e sen seu ben,
Non ei mui gran coita a perder:
Vedes que coita de soffrer.

D' amar a quen non ousarei
Falar; pero non perderei
Gran coita sen seu ben fazer:
Vedes que coita de soffrer.

64

Por gran coita per' teñ' a tal
D' amar a quen nunca meu mal,
Nen mia coita, ei a dizer:

Vedes que coita de soffrer.

E vejo que moiro d' amor,
E pero vejo a mia Señor,
Nunca o per mi á saber:

Vedes que coita de soffrer.

65.

Meu Señor, se vós prouguer
Vós me tolledes este poder
Que eu ei de muito viver,
Ca mentr' eu tal poder ouver
De viver, nunca perderei
Esta coita que oj' eu ey
D' amor en o meu coração.

vi | Ca mi a faz aver tal moller,
Que nunca mi á ren de fazer,
Per que eu ja possa perder;
Que en quant' eu tver poder,
Por esto a non poderei

Perder per ren, mais averei
 Dela mais, com mui gran razon.

Ca non este cuita d' amor
 Ua que ome fillar ven,
 Se ome leixa sen seu ben,
 Ou sen morte, ou se faz mellor;
 Mais semella muit' outro mal,
 E quen á esta cuita tal
 Macar se morre non lle praz.

66.

Señor fremosa grand' enveja ei
 Eu a tod' ome que vejo morrer;
 E segund' ora o meu connocer,
 En quant' este faço mui gran razon;
 Ca ei por vós en o meu coração
 Tan gran cuita que mil vezes me ten,
 Señor, sen fala, et sen todo sen,
 E non vos queredes de min doer.

Pero Señor ùa ren vos direi:
 Con tod' est' ora non ei eu poder,
 Per boa fe de null' enveja aver
 A null' ome de quantos vivos son;

Mais faç' eu esto por que sei ca non
 Vive null' ome que de vós mais ben
 Aja de mi, que non ei de vós ren,
 Se non quant' ora me oystes dizer.

E por que sei tan ben per boa fé,
 Que non sei cousa no mundo mellor,
 Que já en tanto com' eu vivo for,
 Nulla cousa non me pode guardar
 D' aquesta coita que levo levar,
 Se eu de vós algun ben non ouver;
 E o que m' ende guardar non poder
 Ja me non pode en al prestar Señor.

Ca esta cuita Señor tan grande, *d' e*
 Com' eu vos dixे já, o é mayor;
 E ben creede que non é menor;
 E ora por deus, que us fez falar
 'Mui ben, Señor, e mui ben semellar,
 Doede-vos de mi se vos prouguer,
 E se o fazedes, já foy moller
 Que xe pensó de sa alma peor.

67.

Señor fremosa, par deus gran sazón Y
 Seria já agora, se en prazer
 Vos caesse de quererdes prender
 Doo de min; ca ben dè-la sazón
 Que vos eu vi e que vusco falei
 Deul-o sabe ca nunca desejei
 Ben deste mundo, se o vosso non.

Ben desejarei no meu coração,
 En quant' eu já en o mundo viver;
 Ca de pran vos ei mayor ben querer,
 De quantas cousas en o mundo son;
 E de mais ùa cousa vos direi:
 No me quitará ren, eu ben o sei,
 E de vos querer assi, se morte non. 1 2

Ca de pran, se m' end' ouvesse a quitar,
 Nulla cousa, sen morte mia Señor
 Quitar-m'end'-ia, o mui gran sabor,
 Que vos vejo aver de m' alongar
 De vós, mui mais ca outr' ome poren
 Mais mia Señor direi vos ùa ren,
 Non vos am' eu por vos ar desamar.

*

Ben o creede, mais por vos buscar
 Muito serviç' en quant' eu vivo for;
 E por que vos fez parecer mellor
 Deus d' outra dona, e mellor falar,
 E el que vos tal fez, se m' algun ben
 Non der de vós, Señor, non me dè sen,
 Nen poder de vos por en desamar.

Ca sci eu ben ù otra ren non jaz,
 Ca me será mia Señor mais mester
 De veer vos, se end' a vós prouguer,
 Ca me será o mayor ben que faz
 Em este mûnd' a ome outra moller.

68.

Quen oge mayor cuita ten
 D' amor en o seu coraçon
 De quantos d' el cuitados son
 Nostro Señor lle pcña y
 Consello, se a el prouguer
 A tal per que ll' a tolla en.

Creed' ora en úa ren
 Ca non é outren se eu non
 Que mi a tive, dè la sazón

Que eu primeiramente vi
 Per boa fe, a tal moller,
 Que dá mui pouco ora porem.

Mais, pero, en quant' eu viver
 Sempre a já mais amarei
 D' outra cousa; e rogarei
 O mais que eu poder rogar,
 A deus que el mi a leixe oyr
 Falar, e mi a leixe veer,
 Se o ele quiser fazer.

E logo eu cuita sentirei,
 Ca inda vos mais direi:
 Log' m' averei a quitar
 De nunca ja cuita sentir
 En os dias que eu viver.

~~~~~

69. = 013 169

Por deus vos rogo mia Señor  
 Que me non leixedes matar,  
 Se vos prouguer, a voss' amor,  
 E se me quiserdes guardar  
 De morte, guardarédes y

Voss' ome se guardades mi,  
E que vos nunca fez pesar.

E se quiserdes mia Señor .  
Min en poder d' amor leixar ,  
Matar m' á el , pois esto for ; .  
Ca quen vos vir desanparar  
Min, que fuy vosso , pois vos vi,  
Terá que farédes assy  
Depois a quen s' a vós tornar.

E se me contra vós gran ben  
Que vos quero prol non tover  
Matar mi á voss' amor por en  
E a mi será muy mester.  
Ca log' eu coita perderei,  
Mas de qual mort' eu morrerei,  
Se guarde quen no ben quiser.

E querrá se guardar mui ben  
De vós quen mia morte souber;  
E teño que fará bon sen.  
E se se guardar non poder,  
Averá de vós , quant' eu ei,  
A tal coita de que ben sei  
Que morrerá quen a ouver.

## 70.

Por deus Señor non me desamparedes  
 A voss' amor, que m' assi quer matar,  
 E valla m' y bon sen, que vós avedes,  
 E deus por que vol' eu veño rogar.  
 E valla me, fremosa mia Señor,  
 Coita que levo por vós e pavor,  
 E valla me quan muito vós valedes.

Valla mi por que non saberedes  
 Que vos eu nunca mereci pesar,  
 De que me vós con dereito queixédes;  
 Ergo se vos pesa de vos amar  
 E non teñ' eu que é torto nen mal  
 D' amar ome sa Señor natural,  
 Ant' é dereit', e vós non l' entendedes.

E mia Señor por deus non me leixedes  
 Se vos prouguer a voss' amor forçar;  
 Ca non poss' eu con el mais poder-m'-edes  
 Vós se quiserdes de forza guardar,  
 De tal guissa como vos eu disser.  
 Señor fremosa, se vos aprouguer,  
 Pois m' el por vós fórça que o forcedes.

E pois vós ambos en poder tenedes  
 Non me leixedes del forçad' andar ;  
 Ca somos ambos vossos e devedes  
 A creer quen vos mellor consellar :  
 E mia Señor cuido que eu serei :  
 Ca senpre vos por consello darei  
 Que o voss' ome de morte guardedes.

E fic' amor como deve ficar  
 Quando vos non quiser augoniar,  
 De vos matar un ome que avedes.

71. = 015 171

Tal ome coitado d' amor  
 Que se non dol' ergo de si  
 Mais d' outra guissa ven a mi,  
 Se me valla nostro Señor,  
 Por gran coita que d' amor ei  
 Já senpre dó averei,  
 De quen dele coitado for.

E de quen fillar tal Señor  
 Que lle non queira valer y  
 Qual eu fillei que poil-a vi,  
 Senpre me teve na mayor

Coita das que no mundo sei,  
 E como me non doerei  
 De quen da tal vir soffredor?

## 72.

Ome que gran ben quer moller  
 Gran dereit' á de trist' andar;  
 Ca se ll' ela non quer prestar  
 Al do mundo non ll' á mester,  
 Mais que mester lle pod' aver  
 O que lle non pode toller  
 Tal cuita como sigo ten.

E se est' om' a que deus quer,  
 Per alguna ment' ir a dar,  
 Dela ben log' acuidar  
 Dev' esto, se scient' ouver,  
 Ca ynda o á de perder,  
 E creo que dev' a morrer,  
 Se o cuidar, con pesar en.

E todo ome, que se poder  
 Per algua guisa guardar  
 De nunca moller muit' amar,  
 Fará bom sen, se o fezer;

Que en os dias que viver  
 Que pesar pode já prender  
 En o mundo per outra ren!

Mais quen se ende ben guardar quiser,  
 Guarde se ben de ir a logar  
 U veja o bon semellar,  
 Da mia Señor, se lle deus der,  
 (Que a tal fez) end' o poder,  
 Ca se o vir logo á d' aver  
 Mui gran cuita sen neum ben.

## 73.

Como vós sodes, mia Señor  
 Mui quite de me ben fazer  
 Assi m' ar quit' eu de querer,  
 Al ben en quant' eu vivo for  
 Se non vós, e sei ùa ren;  
 Se me vós non fazedes ben  
 Nen eu non vos fazo prazer.

E per boa fe, mia Señor,  
 Por quite me teñ' eu d' aver  
 Vosso ben en quant' eu viver,  
 Nen al en que aja sabor.

Mais vós en preito sodes en ;  
 Ca me vos non quit' eu por en  
 De vosso vassalo ser.

E quant' eu prendo, mia Señor,  
 De vós quero vol-o dizer:  
 Ei mui gran cuita de soffrer  
 Ca non prendo de vós mellor ;  
 E pois mi assi de vós aven,  
 Ome seria eu de mal sen,  
 Se non puñass' en vos ver.

## 74.

Vós que mi assi cuitades mia Señor  
 Que eu me quite de vos ben querer  
 De pran cuidades que algun poder  
 Ey eu Señor de me vos en quitar,  
 Ca vós por al non o ides fazer  
 Mais a verdad vos quer' eu dizer:  
 Este poder nunca mi o deus quis dar.

Mais se mi o deus desse ora, mia Señor,  
 E inda me poderia valer ;  
 Ca logo m' eu quitaria d' aver  
 Gran cuita, e de vos fazer pesar ;

Mais o vosso fremoso parecer,  
 Que eu por mi non ouvera veer,  
 Me quitou ja de mi o deus nunca dar.

E quitou-me por senpre, mia Señor,  
 Per boa fé, de nunca eu saber  
 Sen ver-vos Señor, que xe prazer,  
 E Señor non vol-o quer' eu negar,  
 Se vos de mi non quiserdes doer,  
 Veer-m'-édes cedo por vós morrer  
 Ca ja m' end' eu vejo de guis' andar.

E se vos digo pesar mia Señor  
 Non me devedes en culpa poer;  
 Ca en tanto com' eu pude soffrer  
 Mia cuita non vos fuy dela falar,  
 Nen me soub' en deso entrameter;  
 Mais non sei ora consello prender  
 A esta cuit' an que me vejo andar.

## 75.

Se deus me valla, mia Señor,  
 De grado querria saber  
 Se avedes algun sabor

En quanto mal m' ides fazer,  
 Ca se sabor avedes y  
 Gran ben per est' é para mi,  
 Mais poil' eu non sei, que me val?

E sêde ora sabedor  
 Do que vos eu quero dizer,  
 Ca me seria mui mellor  
 De sempre de vós mal prender,  
 Se sabor ouvessedes y  
 Ca de prender ja sempre assi  
 De vós ben, se vos fosse en mal.

E quen mi a mi por de mal sen,  
 Mia Señor, por esto tever,  
 Direi ll' eu que faça por en  
 Non faç' assi se non quiser;  
 Ca ja eu sempre guardar m' ei  
 D' aver mais ben do que oj' ei  
 Se per vosso mandado non.

E deus nunca me neun ben  
 Dè, se ende a vós non prouguer  
 Ca nen fará per nulla ren  
 Se o ante eu saber poder;  
 Ca de tal ben eu guardar-m' ei,

**E com mia cuita me querrei  
Compoer co meu coraçõn.**

## 76.

**Se cuita grande, e de pesar  
Non á oj' o meu coraçõn  
Nulla mingua, si deus m' anpar,  
E vedes Señor por que non?  
Por que vos vejo en mi perder  
Mesura, que tanto valer  
Sol' sempre a quen a deus quer dar.**

**E Señor mais vos direi en  
Esso pouco, que eu poder  
Viver no mundo, se quiser  
Deus, assi viverei por en  
(E tan mal dia eu naci)  
Por que vós fazedes por mi  
Cousa que vos non está ben.**

**E creo que fará mal sen  
Quen nunca gran fiuz' ouver  
En mesura d' outra moller,  
E direi vos por que mi aven,  
Por que me leixades assi**

Morrer, e non catades y  
 Mesura, nen deus, nen al ren.

E mia Señor, a meu cuidar,  
 Cousa faria sen razon,  
 Eu se mi assi fuesse cuitar,  
 Con mia mort' en esta sazon  
 Que me vós fazedes morrer,  
 Se podess' en guissa ser  
 Que mal non vos podesse estar.

## 77.

Que sen consello que vós mia Señor,  
 Me en este mundo fazedes viver!  
 E non atend' eu mao pecado,  
 De nunca y mais do consell' aver,  
 Ca me non sei, Señor, sen vosso ben  
 Niun consell', e viv' assi por en  
 Sen consello e del' desasperado. .

E ora por deus, que vos fez mellor  
 Falar, e mais fremoso parecer  
 D' outra dona, e mui mais loado  
 O vosso prez pelo mundo ser,  
 Pois a mi contra vós mester non ten

Nulla cousa, dizede me ùa ren:  
Que farei eu desaconsellado?

E ja m' end' eu ben soon sabedor,  
Macar mi o vós non queirades dizer,  
Morrer cativo desamparado  
E mia Señor non vos dev' a prazer,  
Ca pois eu morrer log' dir' alguen:  
Señor fremosa por que, e por quen,  
Eu fuy assi á mort' achegado.

E já en tanto com' eu vivo for  
Per boa fé, ben me dev' ateer  
Por ome mui desaventurado,  
Señor por que me vos deus fez ver,  
E non por esto que me por vós ven,  
Mais por que vejo que é vosso sen  
Per meu preito mal enbaratado.

78.

D. Tanto me senç' ora ja cuitado  
Que eu ben cuído que poder non aja ren ←  
De me valer, ca esta cuita mao pecado  
Tal me ten ja que non ei ~~de~~ sen

De me temer de neun mal,  
Nen ar desejar neun ben.

E pero nunca foi en pensado  
Que podesse eu per ren veer  
O que me faz tal cuita aver,  
Por que en esto soon chegado;  
E inda vos mais direi en:  
Nunca del prax, por quanto mal *es 3*  
Eu por el prendo, neun ben.

Ca nunca eu vi, des que fuy nado,  
Amor, nen prendi del prazer,  
Nen-o cuido nunca prender  
Del nen d' al, ca non é ja guisado,  
C' amor de pran ja m' en guisa ten *2*  
Que me non pode nuzer mal  
Deste mundo, nen prestar ben.

E assi faz mi desamparado  
Amor en o mundo viver  
De quanto ben deus quis fazer,  
E per boa fé ja pelo grado  
De mia Señor, per que m' est' aven;  
Seu amor non faria mal  
A null' ome nado, nen ben.

## 79.

Quero vos eu Señor gran ben,  
 Non ei al de vós se non  
 Muito mal, si deus me perdon;  
 Pero direi vos ùa ren:  
     Todo vol-eu cuid' a soffrer  
     Se m' end' a morte non toller.

E crede que a min é  
 Este mal que me vós levar  
 Fazedes de mia morte par;  
 Pero Señor per boa fé,  
     Todo vol-eu &c.

E pois por ben que vos eu sei  
 Querer me fazedes assi  
 Viver, tan mal dia vos vi;  
 Pero verdade vos direi  
     Todo vol-eu &c.

## 80.

Agora m' ei eu apartir  
 De mia Señor, et a ver ben

Me partirei pola non vir,  
Mais per que me aqieste mal ven  
En tamaña cuita será  
Poren comigo, que morrerá;  
E non se pode guardar en.

E pois me dela faz partir,  
Non lle quero ja soffrer ren,  
Nen quer' eu ela consentir  
Quanto mal me faz; e poren  
Un vasalo so que á,  
De pran de morte perdel' á,  
Por esta cuita en que me ten.

Pero sei eu ca ren non dá  
Ela por esto me perder;  
Mais per sa morte saberá  
E se li' eu podesse al fazer  
Por aqieste mal que me faz,  
Al lle faria mais non praz  
A deus de m' en dar o poder.

E pois me deus poder non dá  
De me per al ren defender,  
Esta verei a fazer ja,  
E ela ben pod' entender

Que esta morte ben me jaz ;  
 Ca non poss' eu viver en paz  
 En quanto ll' est' ome viver.

## 81.

Muitos dizem que perderán  
 Coita d' amor sol per morrer  
 E s' é verdade ben estan :  
 Mais eu non' o posso creer  
 Que ome perderá per ren  
 Coita d' amor, sen aver ben  
 Da dona que ll' a faz aver.

E os que esto creud' an,  
 Deus, e que queren mais viver,  
 Pois que dali ben non estan  
 Onde querrian ben prender,  
 E sobejo fazem mal sen,  
 Ou de pran amor non os ten  
 En qual coita mi faz soffrer.

Ca se eles ouvessen tal  
 Coita qual oj' eu ei d' amor,  
 Ou soffresen tan muito mal  
 Com' eu soffro por mia Señor,

Log' averan a querer  
 Mui mais sa morte c' atender  
 De viveren tan sen sabor

Com' oj' eu viv', e non por al,  
 E por esto soffro a mayor  
 Coita do mundo e mayor mal;  
 Por que non soon sabedor .  
 D' aquesto que ouzo dizer,  
 E esto me faz defender  
 De morte, e non d' outro pavor.

## 82.

Non teñ' eu que coitados son  
 D' amor (a tal est o meu sen)  
 Aqueles que non an seu ben,  
 E que teen a tal razom  
 Que poden sa coita perder  
 Qual deles quer quando morrer;  
 Por que non morre log' enton.

Mais de pran algua sazom  
 An esses sabor d' outra ren,  
 E queren xe viver poren;  
 Ca por al ben teñ' eu que non

Querriam ja sempre viver  
 Por tamaña cuita soffrer,  
 Qual soffr' eu no meu coraçõ.

E deul-o sabe con pavor  
 Viv' e soffr' esta cuita tal  
 Que ei de soffrer por gran mal,  
 E teñ' aqesto por mellor  
 D' eu soffrer cuita e veer  
 A mia Señor, e atender  
 De poder ir ù ela for.

Ca no son eu sabedor  
 De per mia morte nen per al  
 Perder cuita, se me nou val  
 A mui fremosa mia Señor,  
 E deus se me quiser valer  
 Por mi, poil-a ten en poder,  
 Fará ll' aver coita d' amor.

## 83.

ca' n D Puñei eu muito en me guardar  
 Quant' eu pude de mia Señor  
 De nunc' an seu poder entrar;

**Pero forçou mi o seu amor  
 E seu fremoso parecer,  
 E metero' m' en seu poder  
 En que estou a gran pavor**

**De morte, com' en desejar  
 Ben o sabe de ulla mellor  
 Dona do mund', e non ousar  
 Falar con ela, e mayor  
 Coita nunca vi de soffrer:  
 Ca esta nunca dá lezer;  
 Mais faz cada dia peor.**

**Ca todavia creç' o mal  
 A quen amor en poder ten,  
 Se non é sa Señor a tal  
 Que lle queira valer por en;  
 Mais a tal Señor eu non ei,  
 Neñ a tal dona nunc' ameí,  
 Onde gañar podesse ren;**

**Se non gran coita, e non al,  
 E por esto perdi o sen,  
 Por tal dona que me non val,  
 E pero non direi por quen:  
 Mais per muitas terras irei**

Servir outra, se poderei  
 Negar esta que quero ben.

## 84.

Ja meu Señor ouve sazón  
 Que podera sen vós viver  
 U vos viss', e ora non  
 Ei eu ja daquesto poder;  
 Pois outro ben Señor non ei  
 Se non quanto vos vej' e sei  
 Que mi o quererdes ja toller.

E se vós avedes razón,  
 Señor, de m' este mal fazer,  
 Mandade m' ir, e logu entón  
 Poderedes dereit' aver  
 De min', qual vos ora direi:  
 Ir m' ei d' aquend' e morrerei,  
 Señor, pois vos praz d' eu morrer.

E se quiserdes soffrer  
 Este pesar, por deus, Señor,  
 Que vos eu faç' en vos veer,  
 Cuid' eu fariades mellor  
 Que fazedes de m' alongar

D' ù vós sodes, e me matar;  
De pran morrerei se m' en for.

Non-o queredes vós creer  
Ca nunca soubestes d' amor  
Mais deus vol-o leixe saber  
Per mi Señor, e qual sabor  
Eu ei de convusco falar,  
Vos faz aver de m' ascuitar  
E toll' ami de vós pavor.

## 85.

Se eu a mia Señor ousasse  
Por algúa cousa rogar,  
Rogaria que me leixasse  
Ú ela vivesse morar;  
E rogar-l'-ia outra ren,  
Que o pesar que ouvesse en  
Que todavia mi o negasse.

Por deus e que de min pensasse,  
De que nunca quiso pensar,  
E de mia cuita se nenbrasse,  
De que se nunca quis nenbrar,  
Nen deus que mi a fes tan gran ben

Querer, per que perdi o sen,  
E nunca quis que o cobrasse.

E se m' ela por deus mandasse  
O que me nunca quis mandar,  
Que me non fosse, e que ficasse  
Ali ù ela ouuess' estar,  
A mui gran coit' an que me ten  
Lle perdoasse deus poren,  
E mais se ll' ela mais rogasse.

E coid' eu que perdoasse  
Se quisess' ela perdoar  
A mi, e non quant' al achasse  
Que ll' eu fige, se non cuidar,  
E se ll' esto disser alguen  
Que este mal digu lle quen  
Quis deus fazer que non cuidasse.

## 86.

Señor fremosa fui buscar  
Consell', e non o pud' aver  
Contra vós nen me quis valer  
Deus a que fui por en rogar;  
E pois consello no achei,

E en vosso poder fiquei,  
Non vos pes' ja de vos amar.

Por deus e se vos en pesar  
No mi o façades entender,  
E poder-m' -edes defender  
De gran cuita por mi o negar:  
E mia fazenda, vos direi  
Por ben pagado me terrei,  
Se me quiserdes enganar.

Tan vil vos serei de pagar,  
Se o vós quiserdes fazer,  
Por deus que vos ten en poder,  
Ou se me quiserdes matar;  
Poderedes ca me non sei  
Consell' aver nen viverei,  
Per boa fe se us pesar.

A gran coita me faz jurar  
D' amor, que non posso soffrer,  
E faz mi a verdade dizer  
De que eu nunc' ousei falar  
De gran cuita, que por vos ei;  
Mais vejo já que morrei,  
E quero m' ant' aventurar.

766 D

## 87.

Con vossa coita mia Señor  
 Ja de tod' al cuita perdi,  
 Ca toda me ven assi:  
 Desto seed' sabedor.  
 Que non pod' ome coita aver  
 Que non aja log' a perder  
 Desde ll' outra chega mayor.

E por aquesto mia Señor,  
 Des aquel dia que vos vi,  
 D' outra gran coita me party;  
 Assi me coitou voss' amor  
 Que me fez tod' escaecer  
 A tan muit' ouve que veer  
 Na vossa, que me faz peor.

## 88.

Muito per' dev' agradecer † 9  
 Segund' agora a meu cuidar  
 A deus a quem faz ben querer  
 Señor con que pode falar  
 En lle sa coita descobrir.

Mais este ben por non mentir  
 Non vol-o quis ela a min dar.

Mais fez m' a tal Señor aver  
 De quen ouve sempre aguardar,  
 Des que a vi, de m' entender  
 Qual ben lle quero, e de provar  
 Se me quera, sentir  
 Quan pouco quer sol de mi oir  
 A cuita que me faz levar.

Ca ja toda per nulla ren  
 Non o poderia saber  
 Per mi, nen ar sei oj' eu quen  
 Mi a toda podesse creer,  
 Mentre me viss' assi andar  
 Viv' antr' as gentes e falar,  
 E da tal coita non morrer.

De qual desejando seu ben,  
 Me faz o seu amor soffrer:  
 Ca de menor morreu já 'lguen,  
 Mais deus me faz assi viver  
 En tan gran coita por mostrar  
 Per mi, ca xe pod' acabar  
 Quant' el no mundo quer fazer.

## 89.

Descjand' eu vós mia Señor  
 Seguramente morrerei,  
 E do que end' estou peor,  
 É d' ùa ren que vos direi:  
 Que sei de pran que pois morrer  
 Averei gran coita soffrer  
 Por vós como mi agora ei.

E poren, e por voss' amor  
 Ja senpr' eu gran coit' averei  
 Aquí en quant' eu vivo for;  
 Ca des quand' eu morrer ben sei  
 Que non a ei nunca perder,  
 Pois vosso ben non poss' aver  
 Ca por al non o perderei.

Por quantas outras cousas son,  
 Que deus no mundo fez de ben,  
 Polas aver eu todas non  
 Perderia coita poren;  
 E pode-la já perder  
 Mia Señor, sol por vos veer  
 En tal que a vós prougress' en.

Ora vos digu' eu a razon  
 De como me de vós aven,  
 Ca deul-o sab' a gran sazon,  
 Que desejei mais d' outra ren,  
 Señor, de vos esto dizer;  
 Pero non o ousei fazer  
 Erg' ora pois me vou d' aquen.

## 90.

Já foy sazon que eu cuidei  
 Que me non poderi' amor,  
 Per nulla ren, fazer peor  
 Ca me faz y enton, e sei  
 Agora já d' el ùa ren,  
 Ca ja m' en mayor coita ten  
 Por tal dona que non direi

Mentr' eu viver; mais guardar m' ei  
 Que mi o non sabia mia Señor  
 C'assi estarei dela mellor;  
 E dela tant' end' averei  
 En quanto non soberen quen  
 Est a dona que quero ben  
 Algua vez a veerei.

Mais grand med' ei de me forçar  
 O seu amor quando a vir;  
 De non poder dela partir  
 Os meos ollos, nen me nenbrar  
 De quantos me enton averán,  
 Que sei ca todos puñarán,  
 En a saber a meu pesar.

E averei muit' a jurar  
 Pola negar, e a mentir,  
 E puñarei de me partir  
 De quen me quis perguntar  
 Por mia Señor, que sei de pran  
 Ca dos que me perguntarán  
 E dos outros m' ei a guardar.

## 91.

Ben o faria se nenbrar  
 Se quisesse ja mia Señor  
 Como mi á tort' a desamor,  
 E mi quisesse perdoar;  
 Ca nunca ll' eu mal mereci,  
 Mais fez mi a deus des que a vi,  
 Sen o meu grado muit' amar.

Pero lle nunca mal busquei  
 Ei ll' ora de buscar perdon,  
 Ca me quer mal de coraçon;  
 E non osm' oj' eu nen o sei  
 Per que me lle possa salvar,  
 Que lle nunca fize pesar;  
 Mais non quer oir mia razon,

E macar me quisesse oyr,  
 Non ll' ousaria y falar;  
 E por esto non poss' osmar,  
 Ren per que eu possa guarir;  
 Ca non ei d' outra ren sabor  
 Ergu' en viver ù ela for;  
 E desto m' ey sempre a guardar.

E guardar m' ei de a veer;  
 Pero non desejo muit' al;  
 Mais se me deus cedo non val,  
 Muit' ei gran coita de soffrer,  
 Pois m' ela perdoar non quer,  
 Deul-o sabe m' é mui mester  
 Oy mais mia morte, ca viver.

92. *V<sub>4</sub>b*

Pois deus non quer que eu ren poss' aver  
 De vós Señor se non mal e affan,  
 E os meus ollos gran coita que an  
 Por vós Señor, se eu veja prazer,  
     Ir m' ei daqui, pero ùa ren sei  
     De min, Señor, ca ensandecerei.

E mia Señor fremosa, de bon prez,  
 Pero que vos amo mais ca min, nen al,  
 Pois deus non quer que aja se non mal  
 De vós, par deus que vos muito ben fez,  
     Ir m' ei daqui &c.

E pero vos amo mais d' outra ren,  
 Señor de mi e do meu coraçon,  
 Pois deus non quer que aja se mal non  
 De vós Señor, assi deus me dê ben,  
     Ir m' ei daqui &c.

Por vós que eu muit' am' e amarei  
 Mais de quant' al vejo, nen veerei.

---

93. v 47

Quant' eu de vós mia Señor receei  
 Aver del-o dia en que vos vi,  
 Dizen mi ora que mi o aguis' assi  
 Nostro Señor como m' eu receei;  
 De vos casaren; mais sei ùa ren;  
 Se assi for que morrei por en.

E senpr' eu mia Señor, esto temi  
 Que m' ora dizen; de vos aveer  
 Desde vos soube mui gran ben querer;  
 Per boa fe, senpr' eu esto temi;  
 De vos casaren &c.

E senpr' end' eu Señor òuvi pavor  
 Desde vos vi, e convusco falei,  
 E vos dix' o grand' amor que vos ei  
 E mia Señor da quest' ei eu pavor;  
 De vos casaren &c.

94. v 48

Señor que eu por meu mal vi,  
 Pois m' eu de vós a partir ei,

Creede que non á en min  
 Se non mort' ou ensandecer ;  
 Pois m' eu de vós a partir ei,  
 E ir allur sen vós viver.

Pois vos eu quero muy gran ben,  
 E me de vós ei aquitar,  
 Dizer vos quer' eu ùa ren  
 O que sei no meu coracon,  
 Pois me de vós ei a quitar:

E mal dia naci Señor ;  
 Pois que m' eu d' ù vós sodes, vou ;  
 Ca mui ben soon sabedor  
 Que morrerei ù non jaz al ;  
 Pois que m' eu d' ù vós sodes, vou.

93. 1749

A mayor coita que eu vi soffrer  
 D' amor a null' ome desque naci  
 Eu mi a soffro e ja que est assi,  
 Meus amigos, assi veja prazer,  
 Gradesc' a deus, que me faz a mayor  
 Coita do mund' aver, por mia Señor.

E ben teñ' eu que faço gran razon  
 Da mayor coita mui' a deus gracir,  
 Que m' el dá por mia Señor, que servir-  
 Ei mentr' eu viver; mui de coraçon  
 Gradesc' a deus &c.

E por mayor ei eu per boa fé  
 Aquesta coita de quantas fará  
 Nostro Señor, e por mayor mi a dá  
 De quantas fez; e pois que assi é  
 Gradesc' a deus &c.

Pois que mi a fez aver pola mellor  
 Dona de quantas fez nostro Señor.

96. *VIII*

Nostro Señor que eu sempre roguei  
 Pola coita que m' amor faz soffrer,  
 Que mi a tollesse, e non quis toller,  
 E me leixou en seu poder d' amor,  
 Des oge mais sempre ll' eu rogarei,  
 Pois ei gran coita que me dè mayor,

Con que moira, ca mui gran sabor ei  
 Per boa fe de mais non guarecer;

Pois s' el nunca de mi quiso doer,  
 E me faz viver sempr' a gran pavor  
 De perdel-o sen, mais ja graci-ll'-ci,  
 Pois ei gran coita que me dè mayor,

Se ll' aprouguer mui cedo, ca non sei  
 Oj' outra ren con que visse prazer;  
 Pois m' el non quis nen quer del defender,  
 E de meu mal ouve tan gran sabor,  
 Mentr' eu viver, sempre o servirci,  
 Pois ei gran coita que me dè mayor,

Con que moira ca de pran al non sei,  
 Que me possa toller coita d' amor.

## 97. U51

Muitos vej' eu per mi maravillar  
 Porque eu pedi a nostro Señor  
 Das coitas do mundo sempr' a mayor,  
 Mais se soubessen o meu coraçõ  
 No me cuid' eu que o fossen provar,  
 Ante terrian que faço razon.

Mais por que non saben meu coraçõ  
 Se van eles maravillar per mi;

Por que das coitas a mayor pedi  
 A deus qu' á de mi a dar gran poder, *Le 9*  
 Mais eu pedi-ll'-a-ey toda sazon  
 Ata que me dê en quant' eu viver. .

El que á de mi a dar mui gran poder  
 Mi a dê; pero se maravillan en  
 Os que non saben meu coraçon ben,  
 Por que a peço ca m' é mui mester  
 De mi a dar el que o pode fazer,  
 Per boa fé se o fazer quiser.

E se el sabe que m' é mester  
 De mi a dar, el mi á dê se ll' aprouguer.

98. *V 52*

Señor o mal que m' a min faz amor  
 E a gran coita que me faz soffrer  
 A vól-o devo muit' agradecer, *79*  
 E a deus, que me vós deu por Señor,  
 Ca ben vos faço desto sabedor  
 Que por al non mi o podia fazer,

Se non per vós, que ávedes sabor  
 Do mui gran mal, que mi a min faz aver,

E pois vos praz, vós lle dades poder  
 De me fazer, fremosa mia Señor,  
 O que quiser en quant' eu vosso for,  
 É vos de min non quiserdes doer.

E da gran coita de que soffredor  
 Foy, e do mal muit' a sen meu prazer  
 — A vós dev' eñ mui grand' ápoer; *muito* D  
 Ca non me dè deus de vós ben Señor  
 Que me pod' amparar de seu pavor,  
 Se oj' eu sei al por que o temer;

Mais por deus, que vos foy dar o mayor  
 Ben, que eu d' outra dona oy dizer,  
 Que me non leixedes escaecer  
 En me lle non deffenderdes Señor;  
 Ca ben coido de com' é traedor  
 Que me m' a dè cedo, e pois non querer

Gracir vol-o, pois que eu morto for;  
 E por quanto ben vos deus fez Señor  
 Guardade vos de tal erro prender.

## 99. Vse

Meus amigos muito me praz [*de amor*] 9  
 Que entend' ora que me quer matar,  
 Pois mi a min deus non quis, nen  
~~Mia Señor,~~ que roguei de me d' el  
~~Amperar,~~ e poren quanto m' el quiser matar  
 Mais cedo, tanto ll' o mais gracirei

Ca ben me pode partir da mayor  
 Coita de quantas eu oy falar,  
 De que eu foy muit' y á soffredor,  
 Esto sabe deus, que me fuy mostrar  
 Úa dona que eu vi ben falar  
 E parecer por meu mal, e o sei,

Ca muit' y á que avia pavor  
 De perder o sen con mui gran pesar  
 Que vi depois, e poren gran sabor  
 Ey de mia morte, se mi a quiser dar  
 Amor, e a que me fez gran pesar  
 Veer d' aquella ren, que mais amei.

Mais esso pouco que eu vivo for;  
 Pois assi é, no me quero queixar

Deles, mais el seja seu traedor  
 Se me non mata, pois non poss' achar  
 Que me ll' ampare, e se me del queixar  
 Deus non me valla, que eu mester ei.

## 100.

Mui gran poder á sobre min amor;  
 Pois que me faz amar de coração  
 A ren do mundo que me faz mayor  
 Coita soffrer, e por tod' esto non  
 Ouso pensar sol de me queixar en;  
 Tan gran pavor ei que mui gran ben  
 Me lle fezesse, por meu mal, querer.

E no mi á prol este pavor aver,  
 Pois cada dia mi a faz mui mellor  
 Querer, por mal de min, e por fazer  
 Me prender mort' en cab, e pois sabor  
 Á de mia morte, rogá'-ll'-ei que non  
 Mi a tarde muito, ca mui gran sazón  
 Á que a quis, e desejei poren.

Pois ja entendo que guisado ten  
 Amor mia morte, non pode seer  
 Que me non mate, sei eu ùa ren;

Que me val mais log' y morte prender  
 Que viver coitad' en mui gran pavor;  
 Ca non averei pois eu morto for,  
 Tal coita qual ei no meu coraçõ.

E quen soubesse como me vai, non  
 Terria que eu soon de bon sen  
 En me leixar viver; ca sen razon  
 Me dá tal coita X amor, que me conven — 9  
 A viver trist' e sen todo prazer;  
 E me conven tal affan a soffrer,  
 Que mayor non fez nostro Señor.

## 101.

Ora non moiro, nen vivo, nen sei  
 Como me vai, nen ren de mi se non  
 Á tanto que ei en o meu coraçõ  
 Coita d' amor, qual vos ora direi;  
 Tan grande que me faz perder o sen,  
 E mia Señor sol non sab' en de ren.

Non sei que faço n'en ei de fazer,  
 Nen en que ando, nen sei ren de mi,  
 Se non á tanto que soffr' e soffri  
 Coita d' amor, qual vos quero dizer:  
 Tan grande que &c.

Non sei que é de mi nen que será,  
 Meus amigos, nen sei de min ren al,  
 Se non á tanto que eu soffr' a tal  
 Coita d' amor, qual vos eu direi ja:  
 Tan grande que &c.

## 102.

Par deus Señor en gran coita serei,  
 Agora quando m' eu de vós quitar,  
 Ca me non ei d' al no mundo a pagar  
 E mia Señor gran dereito farei;  
 Pois eu de vós os meus ollos partir,  
 E os vossos mui fremosos non vir.

E ben mi o per devedes a creer  
 Que me será mia morte min mester  
 Des quando vos eu veer non poder,  
 Nen deus Señor non me leixe viver;  
 Pois eu de vós &c.

Pero sei m' eu que me faço mal sen  
 De vos amar, ca des quando vos vi,  
 En mui gran coita fuy Señor des y;  
 Mais que farei ay meu lum' e meu bent  
 Pois eu de vós &c.

E pois vos deus fez parecer mellor  
De quantas outras en o mundo son,  
Por mal de mî e do meu coraçõ  
Com' averei ja do mundo saber;  
Pois eu de vós &c.

o/

103.

Ora vej' eu que me non fará ben  
A mia Señor, pois me mandó dizer  
Que me partisse de a ben querer;  
Pero sei eu que lle farei poren:  
Mentr' eu viver senpre lle ben quererrei  
E senpre ja Señor chamarei.

104.

Que prol vos á vós, mia Señor  
De me tan muito mal fazer,  
Pois eu non sei al ben querer  
No mundo, nen ei d' al sabor,  
Dizede me que prol vos á.

E que prol vos á de fazer  
Tan muito mal a quen vóss' é

Non vos á prol per boa fé;  
E mia Señor se eu morrer,  
Dizede me que &c.

Que prol vos á d[eu] estar  
Sempre por vós grand' afan,  
E esté mui grande de pran;  
E pois mi o voss' amor matar,  
Dize-me que &c.

[e d  
[ca] d CB

E vós lume dos ollos meus  
Oyr-vos-êdes mal dizer,  
Por min, se eu por vós morrer;  
E Señor, por l' amor de deus,  
Dizede me que &c.

105. = CB 133

Quer' eu a deus rogar de coração  
Com' ome que é cuitado d' amor  
Que el me leixe veer mia Señor  
Mui ced', e se m' el non quiser oyr,  
Logo ll' eu querei outra ren pedir:  
Que me non leixe mais  
En o mundo viver.

E se m' el á-de fazer algum ben,  
 Oyr-mi-á questo que ll' eu rogarei,  
 E mostrar mi á quanto ben no mund' ei,  
 E se me o el non quiser amostrar,  
 Logo ll' eu otra ren querrei rogar:  
 Que me non leixe &c.

E se m' el amostrar a mia Señor,  
 Que am' eu mais ca o meu coração,  
 Vedes o que lle rogarei enton:  
 Que me dé seu ben que m' é mui mester;  
 E rogá-ll'-ei que se o non fezer,  
 Que me non leixe &c.

E rogá'-ll'-ei se me ben á fazer,  
 Que el me leixe viver en logar,  
 Ū a veja, e lle possa falar;  
 Por quanta coita me por ela deu;  
 Se non vedes que lle rogarei eu:  
 Que me non leixe &c.

106. = 189

Quando mi agora for e mi alongar  
 De vós Señor; e non poder veer

Esse vosso fremoso parecer,  
 Quero vos ora por deus preguntar:  
 Señor fremosa; que farei enton?  
 Dized', ay coitado meu coração!

E dizede me en que vos fiz pesar,  
 Por que mi assi mandades ir morrer,  
 Ca me mandades ir allur viver,  
 E pois m' eu for, e me sen vós achar,  
 Señor fremosa &c.

E non sei eu como possa morar,  
 Ú non vir vos, que me fez deus querer  
 Ben, por meu mal, poren quero saber  
 Quando vos non vir nen vos falar,  
 Señor fremosa &c.

107. = CB 180<sup>b</sup>

Que ben que m' eu sei encobrir  
 Cou mia coita, e con meu mal,  
 Ca mi o nunca pod' ome oyr  
 Mais que pouco que mi o á mui val;  
 Ca non quero eu ben tal Señor  
 Que se teña por devedor,  
 Algũa vez de mi o gracir.

Pero faça como quiser  
 Ca senpre a eu servirei,  
 E quanto a negar poder  
 Todavia negal-a-ey;  
 Ca eu por que ei a dizer;  
 O por que m' ajan de saber  
 Qu' en gran sandece comecei.

E de que me non aquitar  
 Nulla cousa se morte non,  
 Pois deus que mi a fez muit' amar  
 Non quer nen o meu coração,  
 Mais a deus rogarei poren  
 Que me dê cedo dela ben,  
 Ou morte se m' est' adurar.

E ben dev' eu ant' a querer,  
 Mia morte ca viver assi,  
 Pois me non quer amor valer,  
 E a que eu senpre servi  
 Me desama mais d' outra ren;  
 Pero fui ome de mal sen,  
 Porque d' ù ela é say.

Ay eu, de min[que será Le 9  
 Que fuy tal dona querer ben  
 A que non ouso dizer ren  
 De quanto mal me faz aver,  
 E feze a deus parecer  
 Mellor de quantas no mund' á.

Mais en grave dia naci,  
 Se deus consello non m' y der,  
 Ca destas coitas qual xe quer  
 M' é mi mui grave d' endurar;  
 Como non ll' ousara falar  
 E ela parecer assi.

E a que deus fez por meu mal,  
 Ca ja ll' eu senpre ben querreí,  
 E nunca end' atenderei  
 Con que folg' o meu coração,  
 Que foy trist' ay gran sazon  
 Polo seu ben, ca non por al.

---

## 109.

Ey mia Señor ù non jaz al  
 Averei mui ced' a morrer,  
 Pois vosso ben non posso aver,  
 Mais direi-vos do que m' é mal:  
 De que seredes mia Señor  
 Fremosa, de min pecador.

E praz me si deus me perdon  
 De morrer, pois ensandeci,  
 Por vós que eu por meu mal vi,  
 Mais pesa me de coração  
 De que seredes &c.

E de morrer m' é mui gran ben,  
 Ca non poss' eu mais endurar  
 O mal que mi amor faz levar,  
 Mais pesa-me mais d' outra ren  
 De que seredes &c.

## 110.

Pois naci nunca vi amor  
 E ouço del senpre falar,

Pero sei que me quer matar ,  
 Mais rogarei a mia Señor  
 Que me mostr' aquel matador  
 Ou que m' ampare d' el mellor.

Pero nunça ll' eu fige ren,  
 Por que m' el aja de matar ,  
 Mais quer' eu mia Señor rogar  
 Polo gran med' en que me ten.  
 Que me mostr' &c.

Nunca me ll' eu ampararei  
 Se m' ela del non amparar ,  
 Mais quer' eu mia Señor rogar  
 Polo gran medo que del ei,  
 Que me mostr' &c.

E pois amor á sobre min  
 De me matar tan gran poder  
 E eu non' o posso veer,  
 Rogarei mia Señor assi;  
 Que me mostr' &c.

---

## 111.

Preguntan me por que ando sandeu,  
E non lle lo ouso ~~dizer quer' eu~~

ja mais negar

E pois me deles non poss' amparar,  
Nen me leixan encobrir, com meu mal,  
Direi lles eu a verdade, e non al:

Direi-lles ca ensandeci

Pola mellor dona que vi.

Nen mais fremosa lles direi de pran,  
Ca lles non quero negar nulla ren  
De mia fazenda, ca lles quero ben,  
Nen pola que oj' eu sei mais de prez;  
E se m' ar perguntaren outra vez:  
Direi-lles &c.

E deul' o sabe quan grav' a mi é,  
De lles dizer o que senpre neguei,  
Mais pois me coitan dizer-lle-la-ei  
A meus amigos, e a outros non,  
Mui gran verdade si deus me perdon:  
Direi-lles &c.

E se a elles virem creran  
 Ca lles dig' verdade ù al non á,  
 E leixar-m' an de me preguntar já;  
 E se o non ar quiseren fazer,  
 Queré-lles-ei a verdade dizer:  
 Direi-lles &c.

## 112.

Tan muyto vos am' eu Señor  
 Que nunca tant' amou Señor  
 Ome que fosse nado,  
 Pero des que fuy nado  
 Non pud' aver de vós Señor,  
 Por que dissess': Ay! mia Señor,  
 En bon pont' eu fuy nado!  
 Mays quen de vós fosse Señor,  
 Bon dia fora nado.

E o dia que vos eu vi,  
 Señor, en tal ora vos vi,  
 Que nunca dormi nada  
 Nen desejei al nada  
 Se non vosso ben, poys vos vi.  
 E dig' a mi por que vos vi,  
 Poys que me non val nada,

Mal dia nad' eu que vos vi,  
E vós bon dia nada.

Ca se vos eu non viss' enton,  
Quando vos vi, poderiades enton  
Seer d' afan guardado;  
Mays nunc' ar fuy guardado  
De muy gran coita des enton;  
E entendi m' eu des enton,  
Que aquel é guardado,  
Que deus guarda; ca des enton  
E' tod' ome guardado.

a 9

## 113.

Se eu podesse desamar  
A que me senpre desamou,  
E podess' algun mal buscar  
A quen me senpre mal buscou,  
Assi me vingaria eu:  
Se eu podesse coita dar  
A quen me senpre coita deu.

Mais non poss' eu enganar  
Meu coraçon que m' enganou;  
Por quanto me fez desejar

A quen me nunca desejou,  
 Et por esto non dormio eu;  
 Por que non posso coita dar  
 A quen me senpre &c.

Mais rog' a deus que desampar'  
 A quen m' assi desanparou;  
 Uel que podess' en destorvar  
 A quen me senpre destorvou;  
 E logo dormiria eu,  
 Se eu podesse coita dar  
 A quen me senpre &c.

u. | Uel que ousas' en preguntar  
 A quen me nunca preguntou,  
 Por que me fez en si cuidar,  
 Poys ela nunc' en mi cuidou  
 E por esto lazeiro eu,  
 Por que non poss' eu coita dar  
 A quen me senpre &c.

114. 2517

Agora me part' eu muy sen meu grado  
 De quanto ben oge no mund' avia,

C' asi quer deus e máo meu pecado.

Aeu! de mais se me non val Santa Maria *L Refrain*  
 D' aver coita muita teñ' eu guisado,  
 E rog' a deus que mais d' oj' este dia  
 Non viva eu, se m' el y non da consello. *D*

Non viva se m' el y non dá consello  
 Nen viverei, nen é cousa guisada  
 Ca poys non vir meu lum' e meu espello;  
 Ay eu! ja por mia vilda non daria nada,  
 Mia Señor, e digo vos en concello  
 Que se eu moir' assi desta vegada  
 Que a vól-o demande meu liñage.

Que a vól-o demande meu liñage  
 Señor fremosa ca vós me matades,  
 Poys voss' amor en tal coyta me trage;  
 Ay eu! e sol non quer deus que mi o vós  
 E non me val y preito nen menage, (creades,  
 E ides-vos, e me desamparades,  
 Desamparare vos deus, a quen o eu digo.

Desanpare-vos deus a quen o eu digo  
 Ca mal perfic' oj' eu desamparado,  
 De mais non ey parente, nen amigo;  
 Ay eu! que m' aconsello e desaconsellado

Fic' eu sen vós, e non ar fic' amigo,  
 Señor se non gran coita e cuidado,  
 Ay deus! valcd' a omen que d' amor morre.

## 115.

E mia Señor que eu mais d' outra ren  
 Desejei senpre, amei, e servi,  
 Que non soya daṛ nada por mi  
 Preyto me trage de me fazer ben.  
 Ca meu ben é, deus, por ela morrer,  
 Ante ca senpr' en tal coita viver.

En qual coita me seus desejos dan  
 Toda sazón mais á des agora ja;  
 Por quanto mal me faz, ben me fará  
 Ca morrerei e perderci afan;  
 Ca meu ben &c.

E quanto mal eu por ela levei  
 Ora mi o cobrarei se deus quiser;  
 Ca pois eu por ela morte preser  
 Non me diran que dela ben non ei  
 Ca meu ben &c.

E al sazón foi que me tev' en desden,  
 Quando me mais forçava seu amor,

E ora mal que pes' a mia Señor  
 Ben me fará, e mal grad' aja en;  
 Ca meu ben &c.

## 116.

Señor do corpo delgado  
 En forte pont' eu fuy nado,  
 Que nunca perdi cuidado,  
 Nen afan des que vos vi:  
 En forte pont' eu fuy nado,  
 Señor por vós e por mi!

Con est' afan tan longado  
 En forte pont' eu fuy nado  
 Que vos amo sen meu grado,  
 E faço a vós pesar y;  
 En forte pont' eu fuy nado,  
 Señor por vós e por mi!

Ay eu cativ' e coitado!  
 En forte pont' eu fuy nado,  
 Que servi senpr' en doado,  
 Ond' un ben nunca preñdi;  
 En forte pont' eu fuy nado  
 Señor por vós e por mi!

## 117.

Vivo coitad' en tal coita d' amor  
 Que sol non dormen estes ollos meus;  
 Et rogo muito por mia mort' a deus,  
 E ùa reça sei eu de mia Señor:  
     Non sab' o mal que m' ela faz aver,  
     Nen a gran coyt' en que me faz viver.

Vivo coitad' e sol non dòrmio ren  
 E cuido muit', e choro con pesar,  
 Por que me vejo muy coyta'd' andar,  
 Mais mia Señor, que sabe todo ben,  
     Non sab' o mal &c.

E meus amigos mal dia naci  
 Con tanta coita que sempr' eu levei,  
 E por que mais no mundo viverei;  
 Poys mia Señor que eu por meu mal vi,  
     Non sab' o mal &c.

E meus amigos non ey poder  
 Da muy gran coyt' en que vivo soffrer.

---

## 118.

**V** Des quando eu a mia Señor entendi  
 Que lle pesava de lle querer ben  
 Ou de morar ù lle dissesse ren,  
 Veed' amigos como m' eu parti:  
 Leyxei ll' a terra por lle non fazer ~~pesar,~~ *D*  
*Para e* E vivo non posso viver,

Se non coitad', e mais vos en direi;  
 Pero m' eu viv' en gran coyta d' amor  
 De non fazer pesar a mia Señor,  
 Veed' amigos que muy ben m' eu guardei;  
 Leyxei ll' a terra &c. †

Se non coitado no meu coraçõ:  
 Ca me guardei de lle fazer pesar;  
 E amigos non me soub' en guardar  
 Per outra ren, se per aquesta non;  
 Leyxei ll' a terra &c.

## 119.

A mais fremosa de quantas vejo  
 En Santaren e que mays desejo,

E en que senpre cuidando sejo,  
 Non cha direi, mais direi comigo: *ch'amigo*  
 Ay sentirigo! ay sentirigo!  
 Al e Alfanx, e al seserigo.

Ela e outra, amigo, vi as  
 Se deus me valla non á dous dias,  
 Non cha direi eu ca o dirias,  
 E perder-t'-ias por en comigo;  
 Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

Cuidand' ela ja ey perdido  
 O sen, amigo, e ando mudo,  
 E non sey ome tan entendudo  
 Que m' oj' entenda o por que digo  
 Ay sentirigo! ay sentirigo! &c.

## 120.

Pero eu vejo aqui trobadores,  
 Señor e lume destes ollos meus,  
 Que troban d' amor por sas Señores,  
 Non vej' eu aqui trobador par deus  
 Que m' oj' entenda o por que digo:  
 Al e Alfanx e al seserigo.

Señor fremosa mays de quantas son  
 En Santaren, e que mais descjo;  
 Dizer vos quero, se deus me perdon,  
 Non vej'ome de quantos vejo, [eu] ð  
 Que m' oj' entenda &c.

Amo vos tant' e tan de coraçon,  
 Que o dormir já o' ei perdido  
 Señor de mi, e do meu coraçon,  
 Non vej' eu ome tan entendudo  
 Que m' oj' entenda &c.

## 121.

Amigos, des que me party  
 De mia Señor, e a non vi,  
 Nunca fuy ledo, nen dormy,  
 Nen me paguei de nulla ren.  
 Tod' este mal soffr' e soffri  
 Des que me vin de Santaren.

Assi me ten forçad' amor,  
 Par deus, por ela, que sabor  
 Non ey de min, e se non for  
 Veel-a, perdud' ey o sen.  
 Tod' este mal soffro mayor,  
 Des que me vin de Santaren.

O seu fremoso parecer  
 Me faz en tal cuita viver  
 Qual non posso nen sei dizer,  
 E moiro querendo lle ben;  
     Esto me faz amor soffrer,  
     Des que me vin de Santaren.

E ela e o seu ben  
 Desejando, perco meu sen.

## 122.

Eu sei la dona velida  
 Que a torto foy ferida;  
     Ca non ama.

Eu sei la dona loada  
 Que á torto foy mallada;  
     Ca non ama.

Ca se oj' amig' amasse  
 Mal aja quen a mallasse,  
     Ca non ama.

Se se d' amigo sentisse  
 Mal aja quen a ferisse,  
     Ca non ama.

Que a torto foy ferida  
 Nunca en seja guarida,  
 Ca non ama.

Que a torto foy mallada  
 Nunca en seja vingada,  
 Ca non ama.

## 123.

Non est a de Nogueira  
 A freira, que mi poder ten:  
 Mays es outr' a fremosa,  
 A que me quer' eu mayor ben;  
 E moiro-m' eu pola freira,  
 Mais non pola de Nogueira.

Non est a de Nogueira  
 A freira, ond' eu ey amor;  
 Mays es outra fremosa  
 A que me quer' eu muy mellor;  
 E moiro m' eu &c.

Se eu a freira visse o dia,  
 O dia que eu quisesse,

Non á coita no mundo  
 Nen mingua, que ouvesse:  
 E moiro m' eu &c.

Se m' ela mi amasse  
 Muy gran dereito faria,  
 Ca lle quer' eu muy gran ben;  
 E puñ' y mais cada dia;  
 E moiro m' eu &c.

124. 21825 ✓

A que vi antr' as amenas  
 Deus como parece ben,  
 E mirei-la das arenas  
 Des y penado me ten.  
 Eu das arenas la mirei  
 E des enton senpre penci.

A que vi antr' as amenas,  
 Deus! com' á bon semellar,  
 E mirei-la das arenas,  
 Et des enton me fez penar.  
 Eu das arenas &c.

Se a non viss' aquel dia,  
 Que se fezera de mi?

Mais quis deus enton, e vi a;  
 E nunca tan fremosa vi.  
 Eu das arenas &c.

Se a non viss' aquel dia  
 Muito me fora mellor;  
 Mais quis deus enton, e vi a  
 A muy fremosa mia Señor.  
 Eu das arenas &c.

## 125.

Vou-m' eu fremosa per' al rey  
 Por vós: ù for penad' irei  
 D' amor, d' amor, d' amor,  
 Por vós Señor d' amor.

Vou-m' eu á la corte morar  
 Por vós; ù for, ey a penar  
 D' amor, &c.

E se vos eu non vir que farei,  
 Cuidand' en vós, morrer vos ei  
 D' amor, &c.

---

\*

## 126.

Se vos prouguess' amor ben me devia  
 Cousimento contra vós avaler  
 Que mig' avedes fillada perfia,  
 Tal que non sei como possa viver  
 Sen vós que me tenedes en poder,  
 E non me leyxades noyte, nen dia.

Por esto faz mal sen quen s' en vós fia,  
 Com' eu que ouvera end' a morrer  
 Por voss' amor, en que m' eu atrevia  
 Muit', e cuidava con vosc' a vencer  
 A que me vós fezeistes ben querer,  
 E falistes me ù vos mester avia.

E por aquest' amor, gran ben seria  
 Se eu por vós podesse ben aver  
 De mia Señor, oud' eu ben averia  
 Sol que vós end' ouvededes prazer;  
 Mays vós amor non queredes fazer  
 Nulla ren, de quant' eu por ben terria.

E de ben grado ja m' eu partiria  
 De vós amor, se ouuess' en lezer;

Mays acho vos comigo todavia  
 Ca ù vou, por me vos asconder;  
 E poys sen vós non posso guarecer,  
 Se me matassedes já, prazer-m'-ia.

## 127.

Null' ome non pode saber  
 Mia fazenda per neun sen;  
 Ca non ous' eu per ren dizer  
 A que m' en grave coyta ten;  
 E non me sei consello dar;  
 C' a mia coyta non á par,  
 Que me faz seu amor soffrer.

É Su tal Señor fuy enprender D  
 A que non ousó dizer ren  
 De quanto mal me faz aver,  
 Que me senpre por ela ven:  
 E mal perfoi de min pensar  
 Amor, que me seu fez tornar;  
 Ca por ela cuid' a morrer.

E nunca meus ollos verán  
 Con que fólgu' o meu coração  
 Mentr' estiveren com' estan

Alongados dela, e non  
 Foren ù a vejan ben o sei;  
 Que nunca lles ren mostrarei,  
 Que lles possa prazer de pran.

E ben sei ca non dormirán  
 Mentr' assi for; nen é razon  
 Nen eu non perderei affan  
 Mal pecado, nulla sazon;  
 Mais se eu non morrer, irei  
 Ced' ù lle mia coyta direi,  
 E ù por ela me matarán.

## 128.

Os meus ollos que mia Señor  
 Foron veer a seu pesar,  
 Mal perforon de si pensar  
 Que non poderian peor;  
     Poys ora en logar estan  
     Que a veer non poderan.

Sei ca non poderan dormir,  
 Ca viron o bon semellar  
 Da que os faz por si chorar,  
 E avel-o-an sentir  
     Pois ora &c.

Quanto prazer viron enton  
 Semella que foi por seu mal,  
 Ca se lles deus ora non val,  
 Non jaz y, se morte non ;  
 Poys ora &c.

Quando a viron gran prazer  
 Ovu ende o meu coração ;  
 Mais direi vos ùa razon :  
 Non ll' o devia agradecer ;  
 Poys ora &c.

## 129.

Quen vos foy dizer mia Señor  
 Que eu desejava mais al  
 Ca vós, mentiu; se non mal  
 Me veña de vós e de deus,  
 E se non, nunca estes meus  
 Ollos vejam niun prazer  
 De quant' al desejan veer.

E veja eu de vós Señor,  
 E de quant' al amo pesar,  
 Se nunca no vosso logar

Tive ren no meu coração.  
 A tanto deus non me perdon,  
 Nen me dê nunca de vós ben,  
 Que deseij' eu mais d' outra ren.

E per boa fe mia Señor  
 Amei vos muito mais ca mi,  
 E se o non fizesse assi,  
 De dur verri' aqui mentir,  
 A vós nen m' iria partir  
 D' ù eu amasse outra moller,  
 Mais ca vós, mais pois que deus quer

Que eu a vós queira mellor,  
 Valla m' el contra vós Señor,  
 Ca muito me per é mester.

## 130.

Señor fremosa conven mi a rogar  
 Por vosso mal, en quant' eu vivo for,  
 A deus ca faz me tanto mal amor,  
 Que eu ja senpr' assi ll'-ei-de rogar  
 Que el cofonda vós e vosso sen,  
 E min Señor que vos quero ben,  
 E o amor que me vcs faz amar.

E vosso sen , que poren mi errar  
 Vos faz , tan muito serei rogado  
 A deus assi que confonda Señor ,  
 El multe vós , e min , en que errar  
 Vos el faz tanto , e al mi ar conven  
 De lle rogar que ar cofonda quen  
 Me non leixa convusco mais morar .

E os meus ollos , a que vos mostrar  
 Fuy eu , por que viv'.oge na mayor  
 Coita do mundo . ca non ei sabor  
 De nulla ren ù vo-lles eu mostrar  
 Non poss' , e deus cofonda mi poren ,  
 E vós Señor , e eles , e quen ten  
 En coraçõ de me vosco mezcrar .

## 131.

Señor fremosa quant' eu cofondi  
 O vosso sen , e vós e voss' amor ,  
 Con saña que ouve mia Señor ,  
 E con gran coita que me faz assi  
 Señor perder de tal guisa meu sen ,  
 Que cofondi vos en que tanto ben ,  
 A quanto nunca d' outra don' oy .

2. 9

Mais valla me contra vós por deus y  
 Vossa mesura, e quan gran pavor  
 Eu ei de vós que sode la mellor  
 Dona de quantas en o mundo vi;  
 E se mi aquesto contra vós non val,  
 Señor fremosa non sei oj' eu qual  
 Con que vos oj' eu ouse rogar por mi.

Mayl' a mesura que tanto valer  
 Señor sol senpr' a quen na deus quer dar,  
 Me valla contra vós e o pesar  
 Que ei Señor de quanto fuy dizer,  
 Ca mia Señor quan muy gran coita ten  
 No coraçon, faz lle dizer tal ren,  
 A que non sabe pois consell' aver.

Com' oj' eu faço e muit' estou mal  
 Ca se mi assi vossa mesura fal  
 Non ay al Señor se non morrer.

## 132.

A mellor dona que eu nunca vi  
 Per boa fe nen que oy dizer,  
 E a que deus fez mellor parecer,  
 Mia Señor est, e Señor das que vi

De mui bon preço e de mui bon sen,  
 Per boa fe e de tod' outro ben  
 De quant' eu nunca d' outra dona oy.

E ben creede de pran que é si,  
 E será ja en quant' ela viver,  
 E quen na vir e a ben connocer  
 Sei eu de pran que dirá que si:  
 Ainda vos de seu ben mais direi:  
 È muit' amada; pero que non sei  
 Quen na tan muito ame come mi.

E por tod' esto mal dia naci  
 Por que lle sei tamaño ben querer  
 Como ll' eu quer' e vejo me morrer,  
 E non-a vej' e mal dia naci;  
 Mais rog' a deus que lle tanto ben fez  
 Que el me guise como algua vez  
 A veja ced' ù m' eu dela parti.

## 133.

(Con mellor coraçõ es contra mi)  
 Quan muit' eu am' ùa moller,  
 Non no sabe nostro Señor;  
 Ne ar sabe quan gran pavor

Ey oj' eu dela, cuido m' eu ;  
 Ca se o soubesse sei eu ,  
 Ca se doeria de min ,  
 E non me faria assi  
 Querer ben a que me mal quer.

Pero que dizen que negar  
 Non xe lle pode nulla ren ,  
 Que el non sabia sei eu ben  
 Que aind' el non sabe qual ,  
 Ben ll' eu quero nen sab' o mal  
 Que m' ela por si faz aver ,  
 Ca se o soubesse, doer-  
 S-ia ~~Sia~~ de mi a meu coidar.

Ca deus de tal coraçon é  
 Que tanto que sabe que ten  
 En o seu mui gran coita alguen  
 Que logo lli consello pon ;  
 E por esto sei eu que non  
 Sabe la coita que eu ei ,  
 Nen eu nunca o creerei  
 Por aquesto per boa fé.

---

## 134.

Om' a que deus ben quer fazer  
Non lle faz' tal Señor amar  
A que non ouse ren dizer  
Con gran pavor de lle pesar,  
Nen o ar faz' longe morar  
D' ù ela é sen seu prazer.

Com' agora min faz viver,  
Que me non sei consell' achar  
Con tan gran coita de soffrer,  
En qual m' eu ora vej' andar  
Com aver senpr' a desejar,  
Mais d' outra ren de a veer.

Mais non pod' aquesto saber  
Se non a quen deus quis dar  
A coita que el fez aver,  
A min des que me foi mostrar  
A que el fez mellor falar,  
Bo mundo, e mellor parecer.

---

## 135.

[de 9] Señor fremosa que senpre servi  
 Se deus me leixe|vós ben aver,  
 Pero mi o vós non queredes creer  
 Des aquel' dia Señor que vos vi,  
     Sen vosso grado me vos faz amor,  
     E sen o meu, querer gran ben, Señor.

E mia Señor assi deus me perdon,  
 E me de cedo Señor de vós ben,  
 Que eu desejo mais que outra ren  
 Des que vos vi; mia Señor des enton,  
     Sen vosso grado &c.

E mia Señor, assi m' ajude deus  
 Escontra vós, que me faz tant' amar,  
 Que non sei y consello que fillar,  
 Des que vos viron estes ollos meus  
     Sen vosso grado &c.

## 136.

Meu Señor, deus veño vos eu rogar,  
 Con a mayor coita que nunca vi

Aver a om', e avede de mi,  
 Doó Señor, e nunca tal pesar  
 Me facedes meu Señor deus veer,  
 Per que eu aja o corp' a perder.

Ca estou eu oj' a mui gran pavor  
 De o veer, e meu sen está tal  
 De vos rogar por est', e non por al,  
 Que nunca tal pesar de mia Señor  
 Me facedes &c.

E ben sei eu de pran ca se fezer  
 Mia Señor o que ten no coraçõn,  
 Ca perderei eu o corpo, mais non  
 Tan gran pesar nunca se vos prouguer  
 Me facedes &c.

## 137.

Se vos eu amo mais que outra ren  
 Señor fremosa que senpre servi,  
 Rog' a deus que ten en poder mi,  
 E vós Señor que me dê vosso ben.  
 E se assi non est e mia Señor  
 No me dê vosso ben, nen voss' amor.

Se vos eu amo mais d' outra moller,  
 Nen ca outr' ome, mais ca min nen al,  
 Rogu' eu a deus que muito pod' e val,  
 Que el me dê vosso ben se quiser,  
 E se assi non est &c.

## 138.

Se deus me leixe de vós ben aver  
 Señor fremosa, nunca vi prazer  
 Des quando m' eu de vós parti.

E fez mi o voss' amor tan muito mal  
 Que nunca vi prazer de min, nen dal,  
 Desquando m' eu de vós parti.

Ovu eu tal coita no meu coração,  
 Que nunca vi prazer, se ora non,  
 Des quando m' eu de vós parti.

## 139.

Des oge mais ja senpr' eu rogarei Deus ←  
 → Por mia morte, se mi a dar quiser

Que mi a dê cedo ca m' é mui mester,  
 Señor fremosa, pois eu per vós sei  
 Ca non á deus sobre vós tal poder  
 Per que me faça vosso ben aver.

E ja eu senpre sérei rogador  
 Des oge mais pola mia mort' a deus,  
 Chorando muito destes ollos meus;  
 Pois per vós sei, fremosa mia Señor,  
 Ca non á deus &c.

Ca en quant' eu coidei e entendi,  
 Ca me podia deus vosso ben dar,  
 Nunca ll' eu quis por mia morte rogar;  
 Mais mia Señor ja per vós sei assi  
 Ca non á deus &c.

## 140.

Puñei eu mui' en me quitar  
 De vós fremosa mia Señor;  
 E non quis deus nen voss' amor,  
 E poil-o non podi acabar,  
 Dizer vos quer' eu ùa ren|Señor,  
 Que senpre ben quige, } or sachaz  
 Ya min qui oje soy votr' om' clige.

Deo a men | que je

10 om' hje

D

De querer ben outra moller  
 Puñei eu ay gran sazon,  
 E non quiso meu coraçon  
 E pois que el, nen deus non quer ;  
 Dizer vos quer' eu &c.

E mia Señor per boa fe  
 Puñei eu muito de fazer  
 O que a vós foron dizer ;  
 E non pud', e pois assi é,  
 Dizer vos quer' eu &c.

## 141.

Ora vej' eu o que nunca coidava  
 Mentr' eu vivesse no mundo veer,  
 Vi ùa dona mellor parecer  
 De quantas outras en o mundo vi,  
 E por aquela logo me parti  
 De quant' eu al no mundo desejava.

E se eu ant' en mui gran coit' andava  
 Ja m' esta dona faz mayor aver,  
 Ca me faz deus por meu mal entender  
 Todo seu ben, e poil-o entendi,  
 Mais en tan grave dia foy por mi,  
 Ca mais coitad' ando ca ant' andava.

E eu vi quan fremoso falava,  
 E ll' oy quanto ben disse dizer;  
 Tod' outra ren me fez escaescer  
 Per boa fé, pois ll' eu todest' oy,  
 Nunca ll' ar pude rogar des ali,  
 Por nulla ren do que ll' ante rogava.

## 142.

Niun consello Señor non me sei  
 A esta coita que me faz aver  
 Esse vosso fremoso parecer,  
 E pois aqui tamaña coita ey  
     U vos vejo, fremosa mia Señor,  
     Que farei ja des que m' eu daqui for.

E perdud' ei eu o dormir, e o sen  
 Perderei ced' a quant' é meu coidar,  
 Que non sei y consello que fillar;  
 E pois mi aqui tamaña coita ven,  
     U vos vejo &c.

E nunca eu tamaña coita vi  
 Aver a ome, si deus me perdon,  
 A qual oj' eu ei no meu coraçõ  
 Por vós, e pois tal coita ei aqui,  
     U vos vejo &c.

## 143.

E mia Señor direi vos que me aven  
 Por que a vejo mui ben parecer,  
 Tal ben lle quer' onde coid' a morrer;  
 E pero que lle quero tan gran ben,  
 Ainda ll' eu mui mellor querria  
 Se podesse, mais non podria.

Ca lle quero tan gran ben que perdi  
 Já o dormir, e de pran perderei  
 O sen mui cedo, con coita que ei;  
 E pero que tod' aquesto perc' y,  
 Ainda ll' eu &c.

Ca lle quero ben tan de coraçõ  
 Que sei mui ben que se m' ela non val,  
 Que morrerei cedo, non ay al,  
 E con tod' esto, si deus me perdon,  
 Ainda ll' eu &c.

Per nulla ren, par Sancta Maria,  
 Ca se podesse log' eu querria.

---

## 144.

Cuidades vós, mia Señor, que mui mal  
 Estou de vós, e cuido que mui ben  
 Estou de vós Señor, por ùa ren,  
 Que vos ora direi, ca non por al:  
 Se morrer, morrei por vós, Señor,  
 Se m' y ar fezerdes ben á que mellor.

Tan mansa vos quis deus, Señor, fazer,  
 E tan fremosa, e tan ben falar,  
 Que non poderia eu mal estar  
 De vós, por quanto vos quero dizer,  
 Se morrer &c.

Amo-vos tant' e con tan gran razon,  
 Per o que nunca de vós ben preñdi,  
 Que coid' eu est, e vós que non é si,  
 Mais tant' esforç' ei no meu coraçõ,  
 Se morrer &c.

## 145. -

Direi vos que mi aven mia Señor, 70 9  
 Y logo quando m' eu de vós quitei

Ouve por vós fremosa mia Señor  
 Amorrer, e morrêra; mas cuidei  
 Que nunca vos veria des' y  
 Se morrese, e por esto non morri.

Cuidando en quan vos deus fez de ben  
 En parecer, e en mui ben falar,  
 Morrêra eu, mais polo mui gran ben  
 Que vos quero mais me fez deus coidar  
 Que nunca vos &c.

Cuidando en vosso mui bon parecer  
 Ovu a morrer, assi deus me perdon,  
 E polo vosso mui bon parecer,  
 Morrêra eu, mais acordé m' enton  
 Que nunca vos &c.

Coidand' en vós ouv' a morrer assi  
 E cuidand' en vós, Señor, guareci.

## 146.

Preguntou Johan Garcia  
 Da morte de que morria:  
 E dixe ll' eu; todavia  
 A morte desto se mata;  
 Guiomar Affonso Gata  
 Est a dona que me mata.

Pois que m' ouve preguntado  
 De que era tan coitado,  
 Dixe ll' eu este recado:  
 A morte deste &c.

Dixe ll' eu já vos digo  
 A coita que ei comigo;  
 Per boa fe meu amigo,  
 A morte deste &c.

147.

Des eu ora morto for  
 Sei ben ca dirá mia Señor:  
 Eu soo Guiomar Afonso!

Pois souber mui ben ca morri  
 Por ela, sei ca dirá assi:  
 Eu soo Guiomar Afonso!

Pois que eu morrer fillára,  
 Enton o so queixe dirá:  
 Eu soo Guiomar Afonso!

---

148. = CB 174

Nunca tan coitad' ome por moller  
 Foy com' eu por ùa que me non quer  
 Fazer ben, pero se mi o non fezer  
 E' cousa guissada—de non viver *nada*  
~~Muda~~ se me deus non der, *Ben* tallada,  
 Nen vida longada, non mi a min mester.

E mellor me será a mi de morrer  
 Ca senpr' assi como vivo viver  
 Coitado pola que non quis dizer  
 A mi n' outro dia-o per que guaria,  
 Per que gran prazer, *ela* me faria,  
 Par Santa Maria, non mi o quis fazer.

E poil-a eu vi, senpre a vi puñar  
 En me de seu preito e de si quitar,  
 Mais agora ja por me mais coitar;  
 Por ende me disse que a nunca visse  
 En logar estar, que ll' eu non fogisse,  
 E que a non visse por m' en me matar.

## 149.

Ir vos queredes mia Señor,  
 E siqu' end' eu con gran pesar,  
 Que nunca soube ren amar,  
 Ergo vós des quando vos vi;  
 E pois que vos ides daqui  
     Señor fremosa que farei?!

E que farei eu pois non vir  
 O vosso mui bon parecer?  
 Non poderei eu mais viver,  
 Se me deus contra vós non val;  
 Mais ar dizede-me vós al,  
     Señor fremosa que farei?!

E rog' eu a nostro Señor  
 Que se vós vos fordes d' aquen  
 Que me dê mia morte poren;  
 Ca muito me será mester;  
 E se mi a el dar non quiser,  
     Señor fremosa que farei?!

Pois mi assi fôrça voss amor  
 E non ousó vosco guarir,

Des quando me de vós partir,  
 Eu que non sei al ben querer,  
 Querria me de vós saber,  
 Señor fremosa que farei?!

## 150.

Am' eu tan muito mia Señor  
 Que sol' non me sei consellar,  
 E ela non se quer nenbrar  
 De min, e moiro me d' amor;  
 E assi morrerei, por quen  
 Nen quer meu mal, nen quer meu ben.

E quando ll' eu quero dizer  
 O muito mal que mi amor faz,  
 Sol non lle pesa nen lle praz,  
 Nen quer en mi mentes meter.  
 E assi morrerei &c.

Que ventura que me deus deu  
 Que me fez amar tal moller,  
 Que meu serviço non me quer,  
 E moir' e non me ten por seu.  
 E assi morrerei &c.

E veede que cuita tal  
 Que eu ja senpr' ei a servir  
 Moller, que mi o non quer guarir,  
 Nen mi o ten por ben nen por mal.  
 E assi morrerei &c.

## 151.

A ren do mundo que mellor queria  
 Nunca meu ben quis dar, Sancta Maria!  
 Mais quant' end' eu no coraçõ temia,  
 Ei! Ei! Ei! Señor, Señor, agora vi || D  
 De vós quant' eu senpre temi.

A ren do mundo que eu mais amiava,  
 E mais servia, nen mais desejava,  
 Nostro Señor quant' end' eu receava,  
 Ei! Ei! Ei! &c.

E que farei eu cativ' e cuitado,  
 Que eu assi fiquei desamparado  
 De vós; por que cuita grand' e cuidado  
 Ei! Ei! Ei! &c.

## 152.

Quantos aqui de España son,  
 Todos perderon o dormir  
 Con gran sabor que an de s' ir;  
 Mais eu nunca sono perdi  
 Des quando d' España say,  
 Ca mi o perdera ja enton.

E eles si deus me perdon  
 Desejan sas terras assy,  
 Que non dormiron muit' ay;  
 Mais pois y foren dormiran,  
 Ca non desejan al nen an  
 Outra coita, se esta non.

E estou end' eu mui peor;  
 Que coid' y a perder o sen,  
 Desejando senpr' a qual ben  
 Do mundo mais grave d' aver,  
 Como desejar ben fazer  
 Da mui fremosa mia Señor.

E de pran est est' o mayor  
 Ben que oj' eu posso saber,

E deus que mi a fez ben querer ,  
 Se m' este ben quisesse dar ,  
 Non me cuidaria cambiar  
 Por rey, nen por emperador.

153.

Meus ollos, quer vos deus fazer  
 Ora aver tan gran pesar ,  
 Onde me non poss' eu quitar  
 Sen mort' e non poss' eu sabér  
 Por que vos faz agora deus  
 Tan muito mal, ay ollos meus!

E a vós farán cedo veer  
 A por que eu moyro casar ,  
 E nunca me dela quis dar  
 Ben, e non poss' or' entender  
 Por que vos faz &c.

E de quen vos esto mostrar  
 Nunca vos mostrará prazer ;  
 Ca logu eu y cuid' a morrer  
 Os ollos e non poss' eu osmar  
 Por que vos faz &c.

eu n' 2  
 d. eu 0

## 134.

Como morreu quen nunca ben  
Ouve da ren, que mais amou,  
O que viu quanto receou  
Delá, e foy morto por en,  
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Como morreu quen foy amar,  
Quen lle nunca quis ben fazer,  
E de que lle'fez deus veer  
De que foy morto con pesar,  
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Com' ome que ensandeceu,  
Señor con gran pesar que viu,  
E non foy ledo, nen dormiu  
Depois mia Señor, e morreu,  
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

Como morreu quen amou tal  
Dona, que lle nunca fez ben,  
E que viu levar a quen  
A non valia, nen a val,  
Ay mia Señor, assi moyr' eu!

## 135.

Señor os que me queren mal  
 Sei eu ben que vos van dizer,  
 Todos Señor por me fazer  
 Perder convusc' e non por al;  
 Dizen vos ca vos quero ben,  
 Señor, e non devo por en  
 Eu escontra vós a perder.

E ja desta mezcra tal  
 De me guardar non ey poder;  
 Ca vos ei muy gran ben querer;  
 Pero me contra vós non val,  
 E vós por tollerdes mi o sen,  
 Nunca lles queredes per ren  
 Esta mescre de min creer.

E mia Señor quer' eu puñar  
 Se me posso salvar, se non,  
 E diré lles a quantos son  
 Que mi o non poderan provar;  
 Mais eles sei eu que faran:  
 Log' antl vós mi afrontarán  
 Que vos amo de coraçon.

Le 9

## 156.

Eu soon tan muit' amador  
 Do meu liñagen que non sei  
 Al no mundo querer mellor  
 D' ùa mia parenta que ei:  
 E quen sa liñagen quer ben,  
 Teñ' eu que faz dereit' e sen:  
 E eu sempr' o meu amarei.

Senpre serviç' e amor  
 Eu a meu liñagen farei,  
 En tanto com' eu vivo for,  
 Esta parenta servirei,  
 Que quero mellor d' outra ren,  
 E muito serviço en mi ten,  
 S' eu eu poderei, e poderei.

Pero nunca vistes moller  
 Nunca chus pouco algo fazer,  
 A seu liñagen ca non quer  
 En meu preito mentes meter:  
 E poderia me prestar  
 Par deus muit', e non lle custar  
 A ela ren de seu aver.

E veede se mi á mester  
 D' a tal parenta ben querer :  
 Que m' ei a queixar se quiser  
 Lle pedir algo ù a veer ;  
 Pero se me quisesse dar  
 Algo , faria-me preçar  
 A tal parenta , e valer.

## 157.

Muit' aguisado ei de morrer  
 E non teño mia mort' en ren,  
 Ante me prazeria en,  
 Pois sen meu grad' ei a fazer  
     A mia Señor mui gran pesar ,  
     Ca le pesa de a amar.

A mia Señor gran pesar á  
 De que lle quer' eu mui gran ben,  
 E a min gran coita m' en ven ;  
 Mais pero de fazer ei já  
     A mia Señor &c.

E grave dia eu naci  
 Con quanto mal me faz amor ;

Ca por el mentr' eu vivo for,  
 Ei ja senpr' a fazer assi  
 A mia Señor &c.

E nunca m' end' eu partirei ;  
 Ca non quer o meu coração,  
 Nen deus, e si deus me perdon,  
 A meu pesar a fazer-ll'-ei  
 A mia Señor &c.

E non me poss' end' eu quitar  
 De lle fazer este pesar.

## 158.

Que partid' eu serei Señor  
 De nunca ja veer prazer,  
 Des quando ora partido for  
 De vos falar e vos veer.  
 E partido serei logo y  
 D' aver sabor d' al, nen de min.

E partir-s'-an os ollos meus  
 De non veer de nulla ren  
 Prazer, pois que os partir deus  
 De vós Señor, que quero ben,  
 E partido serei &c.

E partir-s'-á meu coração  
 De nunca d' al ren se pagar ;  
 E partir-s'-á en con razon ,  
 Des quando vos eu non falar ,  
 E partido serei &c.

## 159.

Que sen mesura deus é contra mi ,  
 Pois que me faz senpre pesar veer ,  
 Por que me deixa no mundo viver ;  
 Mais pois me vejo que x' el quer assi ,  
 Quant' eu oy mais no coração tener  
 Negar-lo-ei , e direi ll' al que quer.

E quant' el sabe que me pesará ,  
 Poil-o el faz por xe me mal fazer  
 E por al non , quero vos eu dizer  
 Se eu poder o que ll'-end' averrá :  
 Quant' eu &c.

E des' oy mais non pod' el saber ren  
 De mia fazenda se non deviñar ,  
 Pois el assi quer migo guerreiar ;  
 Mais vedes que vo-ll'-eu farei poren ,  
 Quant' eu &c.

## 160.

Señor fremosa non ei oj' eu quen  
 Vos por min queira mia coita mostrar,  
 Nen eu Señor non vos ous' y falar;  
 Pero quero vos rogar d' ùa ren:  
     Que vos prenda doo de mi  
     Por quant' affan por vós soffri.

Por quanta coita ben dé la sazón  
 Que vos eu vi sempre por vós levei,  
 Se vos prouguer ora rogar vos ei,  
 Señor por deus, por est' e por al non:  
     Que vos prenda &c.

Ay mia Señor, lume d' aquestes meus  
 Ollos, que eu vi sempre por meu mal,  
 Non vos ous' eu por min falar en al;  
 Mais mia Señor rogo vos eu por deus  
     Que vos prenda &c.

Avede vós doo de min  
 Por quant' affan soffir' e soffri.

---

## 161.

Se vos eu ousasse, Señor,  
 No mal que por vós ei, falar  
 Des que vos vi a meu coidar,  
 Pois fossedes en sabedor  
 Doer-vos-yades de mi.

E por que nunca estes meus  
 Ollos fazen senon chorar  
 U vos non veen, com pesar,  
 Se o soubessedes por deus,  
 Doer-vos-yades &c.

Mais non vos faç' eu saber  
 De quanto mal me faz amor  
 Por vós, ca m' ei de vós pavor,  
 Ca se vol' ousasse dizer  
 Doer-vos-yades &c.

## 162.

Estes ollos meus ei eu mui gran razon  
 De querer mal en quant' eu ja viver,  
 Por que vos foron mia Señor veer;

Ca depois nunca, se deus me perdon,  
 Pud' eu en outra ren aver sabor  
 Ergu en coidar en vós, ay mia Señor!

E esses vossos ollos, e destes meus  
 Me veo sempre coit' e pesar;  
 Poil-os meus foron os vossos catar  
 Ca des y nunca, si me valla deus,  
 Pud' eu en outra &c.

## 163.

Muito puñei de vos negar  
 Señor fremosa o gran ben  
 Que vos quero; mas ja per ren  
 No ei poder de me guardar  
 Que vos non aja de fazer  
 Do ben que vos quero saber.

Quisera m' eu que foss' assi,  
 Que podesse meu coraçõ  
 Encobrir, mais non me perdon'  
 Deus, se já poss' al fazer y  
 Que vos non aja &c.

Ca entendy eu por meu mal  
 Que vós parecedes mellor

De quantas eu vi mia Señor ;  
 Pero non poss' y fazer al  
 Que vos non aja &c.

Tal ben vos quero que ben sei  
 Per ren que non posso guarir ;  
 Pero non me poss' eu partir  
 Mais, e sei que poder non ei  
 Que vos non aja &c.

Ca todo non sei oj' eu quen  
 O podesse dizer per ren.

E negára vol' eu; mais non  
 Quis deus, nen o meu coraçõn.

164.

Señor fremosa, pois pesar avedes  
 De que vos amo mais ca min nen al,  
 Direi vos gran verdade, senon mal  
 Me veña de vós, que me mal queredes;  
 Non vos quer' eu pelo meu grado ben:  
 E mia Señor pois que vos pesa en  
 Dizer vos quer' eu a quen vos tornedes.

A vós Señor, que tan ben parecades,

E a quen vos fez parecer assi,  
 Que quantas donas en o mundo vi,  
 De parecer todas-las vós vencesdes,  
 E de bon prez, e de falar mellor,  
 E pois deus tanto ben vos fez, Señor,  
 De vos amar non me vos en queixedes.

Ca non é en min, mao meu peccado,  
 Nen quer amor que m' en possa quitar  
 Nen deus Señor, nen vosso semellar,  
 Ca m' en teen de tal guissa forçada,  
 Que me vos faz en mui de coraçõ  
 Querer gran ben, e si deus me perdon,  
 Non vos faç' y pesar pelo meu grado.

9 E mia Señor se deus fosse pagado  
 D' eu de gran coita guardado seer,  
 Non me mostrára vosso parecer,  
 Nen vós Señor, que eu mal dia nado,  
 Por meu mal, vi, e destes ollos meus.

E pois vos vi nunca despois quis deus  
 Que perdess' eu gran coita nen coidado,  
 E gran coita como a perderei;  
 Pois que vos pesa per que vos amei,  
 Sei, se viver, que viverei coitado.

## 165.

Señor fremosa, quero vos rogar  
 Por aquel deus que vos feze nazer,  
 E mui mellor das outras parecer  
 Donas, que el en este mundo fez,  
 E mui mansa e de muy mellor prez,  
 Que vos non pes' de vos eu muyt' amar.

Por vosso prez e por deus, mia Señor,  
 E por mesura, e por quanto ben  
 Vos el foy dar, rogo vos eu por en  
 Que se vos oj' eu faço pesar y,  
 En vos amar mia Señor mais ca mi,  
 Que me non façades en sabedor.

E se me vós quiserdes consentir  
 Que vos am' eu, direi vos ùa ren:  
 Y me faredes aquel mayor ben  
 Daqueste mund', e que mais desejei  
 Des que vos vi; e mais vos en direi:  
 Sol por atanto vos quer' eu servir.



Señor fremosa, pois m' oj' eu assi  
 Vejo morrer, que contra vós gran ben  
 Que vos quero, non me val nulla ren,  
 Nen mui gran coita que por vós levei,  
 Des que vos vi, atanto vos direi.

D a'n  
 E mia Señor non devia perder,  
 Eu contra vós, por vos querer mellor  
 Ca min, nen al, nen aver d' al sabor,  
 Se non de vós, e de poder guarir,  
 Ú vos vejo, e aver m'-~~inc~~cobrir  
 De vós e d' outre, de mi o entender;  
 E vedes que coita de soffrer.

E mia Señor como vos eu disser  
 Esto de vós, des quando vos amei,  
 Todo sabor do mundo perdud' ei,  
 E non mi ar pude d' outra ren pagar  
 Se non de vós, e conven mi aguardar  
 De mi o saberdes quant' eu mais poder.

---

## 167.

Ay mia Señor quero vos perguntar,  
 Pois que vos ydes, e eu non poss' yr  
 Vosco per ren, e sen grad' a partir  
 M' ei eu de vós e de vosco morar,  
 Ai eu cativo por deus que farei!  
 Ai eu cativo, que non poderei  
 Prender consello, pois sen vós ficar!

Non sei oj' eu tan bon consellador,  
 Que me podesse bon consello dar,  
 Na mui gran coita que ei d' endurar  
 U vos non vir, fremosa mia Señor,  
 Ai eu cativo de mi que será!  
 Ai eu cativo, que ei por vos já  
 Viver en cuita mentr' eu vivo for!

E os meus ollos non poden veer  
 Prazer en mentr' eu vivo for per ren;  
 Pois vos non viren, meu lum' e meu ben;  
 E por aquesto querria saber  
 Ai eu cativ', e que será de min!  
 Ai eu cativ' e mal dia naci,  
 Pois ei de vós alongad' a viver!

## 168.

Non soube que xera pesar,  
 Si me valla nostro Señor,  
 Que deus non fez a seu pesar  
 Longe viver de sa Señor,  
 Ú lle non possa ren dizer  
 Da coit' an que o faz viver  
 Mui trist', e mui coitad' andar.

Non ar soube parte d' affan,  
 Nen de gran coita nulla ren  
 O que non soffreu est' affan  
 De non poder per nulla ren  
 Veer la Señor que ben quer;  
 E quen tal coita non ouver  
 O al non lle coita de pran.

Esta teñ' eu por la mayor  
 Coita do mundo a meu coidar  
 E non podi aver mayor;  
 E non o quer' eu en coidar  
 Esto, per nulla ren meter  
 Mais por verdade o dizer  
 Como quen end' é sabedor.

Ca me fez deus coitas saber ,  
Per que mi as fez todas soffrer ,  
E teñ' end' esta por mayor.

## 169.

Puñar quer' ora de fazer  
A meus ollos mui gran prazer ,  
Que lles non fiz a gran sazon ,  
Ca lles quero fazer veer  
A Señor do meu coraçõn.

Pero sei ben ù non jaz al ,  
Que lles verrá en muito mal  
Que os non pod' en guardar ren ;  
Mais de tod' esto le m' en chal ,  
Ca eles x' o buscaron ben.

Quand' eles viron mia Señor  
Muit' ouveron en gran sabor ,  
Mais non os quise deus quitar  
De grand' affan e de pavor ,  
Que pois ouveron d' endurar.

---

## 170.

Nostro Señor deus, e por que neguei  
 A mia Señor quando a eu ver  
 Podia, e lle podéra dizer  
 Muitas coitas que por ela levei,  
 Ca já eu tal tenp' ouve attendi  
 Outro mellor, e aquele perdi,  
 E outro tal nunca já cobrarei.

Ca ja eu tal tempo ouve que morei,  
 U a podia eu mui ben veer,  
 E a vi mui mellor parecer  
 De quantas donas vi, nen veerey;  
 E pero nunca ll' ousei dizer ren  
 De quantas coitas levo por gran ben  
 Que ll' eu querria, e quer', e querrei.

Mentr' eu viver, mais já non viverei,  
 Se non mui pouco, pois que a veer  
 Eu non poder, ca já niun prazer  
 De nulla cousa já nunca prenderei;  
 Ca nunca deus quer que eu cuid' en al,  
 Se non porque lle non diss' o gran mal  
 E a gran coita, que por ela ey.

Mais a que sazon que m' eu acordei,  
 Quando a non posso per ren veer;  
 Nen quando non posso y consello aver;  
 Mais eu cativo, e que receey?  
 Ca non me avia por end' a matar,  
 Nen ar avia peor a estar  
 Dela do que m' oj' estou, e o sei.

## 171.

Deste mundo outro ben non querria  
 Por quantas coitas me deus faz soffrer,  
 Que mia Señor do mui bon parecer,  
 Que soubess' eu bem que entendia  
 Como oj' eu moir', e non ll' o dizer eu  
 Nen outre por min, mais ela de seu  
 [Sen]o Ø entender como seria.

9.

E se eu est' ouyess' a<sup>v</sup>veria  
 O mais de ben que eu querri' aver,  
 Sabel-o ela ben sen ll' o dizer  
 Eu, e non attenderia aquel dia  
 Que ell' attend', ond' ey mui gran pavor  
 De lle dizer: por vós moiro Señor,  
 Ca sei que por meu mal o diria.

Ca Señor ei que m' estrañaria  
 Tanto, que nunc' averia poder  
 De ll' ar falar, nen sol de a ver  
 E mal me via; mais peor m' iria, *vai D.*  
 E por esto querria eu assi  
 Que o soubesse ela, mais non per mi;  
 E soubess' eu ben que o sabia.

E rog' a deus e Sancta Maria  
 Que lle fezeron muito ben aver,  
 Que ben assi ll' o façan entender;  
 E con tod' est' ainda seria  
 En gran pavor de m' estrañar por en,  
 E par deus ar jurar-ll' ia mui ben  
 Que nulla culpa y non avia

De m' entender, assi deus me perdon,  
 Nen o gran ben que ll' eu quer': e enton  
 Con dereito non se queixaria.

## 172.

Señor, que deus mui mellor parecer  
 Fez de quantas outras donas eu vi,  
 Ora soubessedes quant' eu temi

Senpre o que ora quero cometer  
 De vos dizer, Señor, o mui gran ben  
 Que vos quero, e quanto mal me ven,  
 Señor por vós, que eu por meu mal vi.

E sabe deus que adur eu vin y  
 Dizer vos como me vejo morrer  
 Por vós Señor, mais non poss' al fazer  
 En el, por deus doede-vos de mi;  
 Ca por vós moir' esto sabede ben;  
 E se quiserdes mia Señor por en  
 Non me deviades leixar morrer.

E ja que vos comecei a dizer  
 Ben, que vos quero se vos non pesar;  
 Señor fremosa, quero vos rogar  
 Que vos non pes' por deus de vos veer,  
 Nen de falar vosc', e faredes ben,  
 E gran mesura, e quant' é meu sen,  
 Teño que non á por que vos pesar.

E mia Señor por eu vosco falar  
 Nunca vós y ren podedes perder,  
 E guarredes min, e se o fazer  
 Quiserdes, quero vos desenganar.  
 Señor todos vol-o terran por ben;

E mia Señor mais vos direi eu en  
Muito perdedes vós en me perder.

Ca mia Señor avedes vós muy ben  
Como que vos non ei a cuitar ren.

## 173.

A mia Señor que me foi amostrar  
Deus por meu má, por vos eu non mentir  
E que senpr' eu puñei de a servir,  
Muit' ouve gran sabor de m' enganar,  
Ca me falou primeir' ù a vi ben,  
E pois                   que perdía o sen  
Por ela nunca m' er quiso falar.

E se m' eu dela soubesse guardar  
Quando a vi, puñara de guarir,  
Mais foi me ela ben falar e ryr,  
E falei ll' eu, e non a vi queixar,  
Nen se queixou que a chamei Señor;  
E pois me viu mui coitado d' amor  
Prugo lle muit', e non m' er quis catar.

E pois me queria desenparar,  
Quando a vi mandasse me partir,

Logo de si, e mandasse m' end' ir,  
 Mas non lle vi de nulla ren pesar,  
 Que ll' eu dissess' e tamben me catou;  
 E pois viu que seu amor me forçou  
 Leixou m' assi desenparad' andar.

E deferença dev' end' afillar D  
 Tod' ome que dona fremosa vir  
 De min, e guarde se ben de non ir,  
 Com' eu fui logu en seu poder entrar,  
 Ca ll' averra com' aveo a min:  
 Servi a muit', e pois que a servi,  
 Leixou m' assi desenparado andar.

## 174.

*Ver* | Quand' eu podia mia Señor ~~ver~~, D  
 Ben desejava enton  
 Dela en o meu coraçõ,  
 E non quera ja mellor  
 De lle falar e a veer,  
 E nunca outro ben aver.

Chorand' enton dos ollos meus,  
 Con tanto ben desejand' al;

E soffro agora muito mal,  
 E non queria mais a deus  
 De lle falar &c.

Eu perdia enton o sen,  
 Quando lle podia falar  
 Por seu ben, que me desejar  
 Faz deus me fezesse este ben,  
 De lle falar &c.

## 175.

Ando coitado por veer *D. S. S. S. S.*  
 Un ome que aqui chegou,  
 Que dizen que viu mia Señor,  
 E dirá me se lle falou.  
 E falarei con el muit' y  
 En quan muit' á que a non vi.

E por amor de deus quen o vir *(E) (L) ? D*  
 Diga lle que sa prol será  
 De me veer, e veel' ei,  
 Por que viu, e falar mi á.  
 E falarei &c.

Ca muito per á gran sabor  
 Quen Señor ama de falar

En ela se acha con quen ;  
 E poren vou aquel buscar ,  
 E falarei &c.

Pero sei eu dela de pran  
 Ca non m' enviou ren dizer ,  
 Mas do om' ei eu gran sabor  
 Por que a viu , de o veer ,  
 E falarei &c.

Ca nunca vi , des que a vi ,  
 Outro prazer , se a non vi.

## 176.

Quand' oj' eu vi per ù podia ir  
 A essa terra ù é mia Señor ,  
 E ù eu d' ir avia gran sabor  
 E me d' aly non podia partir ,  
 Chorei tan muito destes ollos meus ,  
 Que non vi ren , e chamei muito deus.

Préto fui en que podéra chegar  
 Se eu oussasse ced' ù ela é ;  
 Mas ouvi gran coita per boa fe  
 E pois d' aly me non ousei quitar ,  
 Chorei &c.

Por mal de mi oj' eu o logar vi  
 Per ù fra se ousasse alá,  
 Pero m' ela non fez ben, nen fará,  
 Catando-la direi vos que fiz y,  
 Chorei &c.

Que me valesse non quis el assi  
 Nen me deu ren de quanto lle pedi.

## 177.

Nostro Señor, que me fez tanto mal,  
 Ainda me poderia fazer ben,  
 Se mia Señor per quen este mal ven,  
 Eu visse ced' e non lle peço al;  
 Ca se eu fosse fuis de a veer  
 Non querria do mundo mais aver.

Por quanto ll' eu roguei e lle pedi  
 Quando eu podia veer mia Señor,  
 Non ll' o peço, nen querria mellor  
 De mi amostrar ù m' eu dela parti.  
 Ca se eu &c.

Ca muit' á já que ll' eu senpre roguei  
 Por outro ben, e non mi o quis el dar

De mia Señor, e fuy m' ora rogar  
 Que a non vege, non a veerei  
 Ca se eu &c.

E rogo ll' eu que se lla el prouguer,  
 Mostre mi a cede quanto mal me fez,  
 Non será ren sem oyr esta vez  
 Meu Señor deus e mi a mostrar quiser,  
 Ca se eu &c.

## 178.

Juro vos eu fremosa mia Señor  
 Se deus me leixe de vós ben aver,  
 E se non leixe me por vós morrer,  
 Se pois fui nado nunca dona vi  
 Tan fremosa come vós, nen de mi  
 Tan amada, com' eu vos sei amar,

E pois vos amo tanto mia Señor,  
 Se vós quiserdes quero vos dizer  
 Qual coita me vós fazedes soffrer,  
 E non queredes que vos eu fal' y,  
 E non poss' eu muito viver assi,  
 Que non moira mui ced' en con pesar,

Que ei mui grande desto mia Señor,  
 De que me non queredes agradecer  
 De vos servir, nen de vos ben querer,  
 E dizedes de quanto vos servi,  
 Que fiz mal sen, que á tant' y perdi,  
 E eu pero non me poss' en quitar,

Nen quitarei, en quant' eu vivo for,  
 De vos servir Señor, e vos amar.

## 179.

En que affan que oj' eu viv' eu sei,  
 Que en quant' eu en o mundo viver,  
 Affan e coita ei senpre d' aver;  
 Vedes por quê, por quanto vos direi:  
 Por ùa dona que eu quero ben,  
 A tal per que ei perdudo meu sen,  
 E por que ei mui cedo de morrer.

Ca me dá coita que de pran ben sei  
 Que non poss' eu muit' assi guarecer,  
 Ca ela ja non m' á ben de fazer  
 Nen o atendo, nen o averei,  
 Nen rog' a deus eu ja por outra ren,

Senon por morte, que me dê poren,  
Se perderei coita, pois que morrer

Ei per al, ja eu esto ben o sei,  
Ca mi o faz deus e mia Señor saber  
Que me fazen a tal coita soffrer,  
Qual vos eu digo que non poderei  
Aquesta coita, que m' en coita ten  
Perder por al, se me cedo non ven  
Mia morte, poren querria morrer;

Ca per quant' eu de mia fazenda sei,  
O mellor é pera mi de morrer.

## 180.

Nostro Señor que non fui guardado  
D' eu en tal tempo com' este viver,  
Que o que soyan por ben teer,  
Ora o teen por deguisado;  
Que este mundo ja tornado en al,  
Que todo prez teen ora por mal,  
A que mal tempo eu son chegado!

Que mal fuy eu desaventurado  
Que en tal tempo fui ben querer

A tal dona, de que non poss' aver  
 Ben, e por que ando muy coitado.,  
 E as gentes que me veen andar  
 Assi coitado, ... en proffazar,  
 E dizen muit' ... namorado

E de min an ja muito proffazado, *17 A.*  
 Por que saben ca le quero gran ben.,  
 Que me devia a precar por en:  
 E poren soon mais pouco preçado *17 D.*  
 E ..... en coita nunca mayor' vi,  
 E mia Señor non me quer valer y,  
 E assi fiquei desamparado

Esta coita ten me |chegado *17 A.*  
 A morte, non guarrei por niun sen;  
 Pois mia Señor non quer por mi dar ren,  
 De que eu senper andei enganado,  
 E moir'; e pois préto da mort' estou;  
 Muito me praz que enfadado vou  
 Deste mundo, que é mal parado.

## 181.

Coit' averia se de mia Señor,  
 Quando a visse coidasse aver ben,

E non poder eu veel-a per ren,  
 Pois end' agora tan gran coita ei,  
 Como se dela ben cuidass' aver,  
 Non morreria mais pola veer.

E que non cuido mentr' eu vivo for,  
 Nen o cuidei nunca des que a vi,  
 D' aver seu ben, e pero est assi,  
 Ey tan gran coita d' ir ù ela é,  
 Como se dela &c.

Non andaria mays ledo de pran  
 Do que eu ando por que cuido a yr  
 Ù ela é, que moiro por servir,  
 E asi moiro pola veer ja,  
 Como se dela &c.

Pero entendo que faço mal sen  
 En desejar meu mal, como meu ben.

## 182.

Se eu moiro ben o busquei;  
 Por que eu tal Señor fillei;  
 Ua dona de que ja sei,  
 Que nunca posso ben aver

E senpre ll' eu gran ben querrei,  
E derei-te d' assi morrer,

De que m' eu podera quitar  
Se m' endo soubesse guardar,  
Mas avia de lle falar  
Gran sabor, e de a veer,  
E tornou se m' en gran pesar;  
E derei-te d' assi morrer.

Ca primeiramente vi  
Mui fremosa, se eu daly  
Fogisse e non ar tornasse y,  
Assi podera mais viver;  
Mas non cuidei que foss' assi:  
E derei-te d' assi morrer.

Quando a fillei por Señor  
Non me mostrava desamor,  
E ora muit' á gran sabor  
De mia morte cedo saber;  
Por que fuy seu entendedor,  
E derci-te d' assi morrer.

E veerá mui gran prazer  
Quando m' agora vir morrer.

## 183.

Senpr' eu Señor roguei a deus por mi  
 Que me desse de vós ben, e non quer;  
 Mais quero ll' al rogar e pois souber  
 Que ll' al rogo, al me dará log' y.  
 Ca lle rog' eu que nunca me dê ben  
 De vós, e cuido que mi o dê por en.

E per aquesto quero eu provar  
 Deus, ca muit' á que lle por al roguei,  
 De vós Señor, mais ora veerei  
 Se me ten prol de o assi rogar,  
 Ca lle rog' eu &c.

Pois assi é que m' el senpre deu al,  
 E al desej' eu no meu coraçõn,  
 Rogar-ll-ei est', e cuidará que non  
 Será meu ben, e dará mi o por mal  
 Ca lle rog' eu &c.

## 184.

Gran coita soffro, vos negando <sup>do. va</sup> <sub>vo-la</sub> 9  
 Ca non quis deus que coita soffresse,

Que eu oussasse mentre vivesse  
 Nunca dizer, e por aqui stando  
 Maravillado de como vivo  
 En tan gran coita com' oj' eu vivo.

Esta coita de que eu jasço  
 Cuidando sempr' des que me deito,  
 Pois me levo sol non é en preito,  
 Que cuid' en al, e poren me faço  
 Maravillado &c.

Ben sei que ome sol non m' entende  
 Qual coita soffr', e como coitado  
 Eu vivu oje, ne<sub>l</sub>est ome nado  
 Que o soubesse que non fosse ende  
 Maravillado &c.

E non o ousou dizer cativo,  
 De mais desejo mia morte e vivo.

## 185.

Neguei mia coita des ùa sazon;  
 Mas con gran coita que ouve e que ei  
 Ouvia falar y como vos direi,

En os cantares que fiz desenton  
 En guisa soube mia coita dizer  
 Que nunca mi a poderon entender.

E sabe deus quen mui gran coita ten  
 Como eu teño, non á poder d' estar,  
 Que non aja y ja quant' a falar,  
 E nos cantares que eu fiz poren  
 En guisa soube &c.

Algun sabor prend' ome quando diz  
 Ja que da coita que soffr' e do mal,  
 Com' eu soffro mais ei a temer al,  
 E nos cantares que des' enton fiz  
 En guisa soube &c.

## 186.

Por non saberen qual ben desejei,  
 E desejo en o meu corazón,  
 Nen o meu mal, assi deus me perdon  
 Digu' eu aquest' e aquesto direi,  
 Que desejo ben por que non dou ren,  
 E que me ven o mal que me non ven.

Por nunca ja ren saberen per mi,  
 Os que me veen por en preguntar

De que me veen en gran coit' andar,  
 Juro lles eu, e digo lles assi;  
 Que desejo ben &c.

E por esto non poderán saber  
 Nunca meu mal per mi mentr' eu poder,  
 E poderei senpre, se deus quiser,  
 Mentr' eu fezer as gentes entender,  
 Que desejo ben &c.

E sabe deus que muito mal me ven,  
 Mais non d' aly donde se cuid' alguen.

## 187.

A dona que eu vi senpre por mal,  
 E que me gran coita deu,  
 E dá; poila vi, e poss' eu,  
 Non me ten, nen me quer valer,  
 Non á vej', e non vej' eu  
 No mundo dond' eu veja prazer.

A que me faz viver en tal  
 Affan, e soffrer tanto mal,  
 Que morrerei se me non val,  
 E non quer mia coita creer  
 Non a vej' &c.

A que eu quero mui gran ben  
 E que mi assi coitado ten,  
 Que non poss' eu, per niun sen,  
 Partir me de lle ben querer  
 Non a vej' &c.

## 188.

Se ei coita muito a nego ben,  
 Pero que m' ei a do mundo mayor  
 Por vós, mais ei de vós tan gran pavor  
 Que vos direi mia Señor que mi aven;  
 Ei gran coita de mais ei a jurar  
 Que non ei coita quen me en preguntar.

A vós non ous' a gran coita dizer  
 Que ei por vós, en o meu coraçom,  
 E con pavor assi deus me perdon,  
 Que ei Señor de vos pesar fazer,  
 Ei gran coita de mais &c.

## 189.

Des que vos eu vi, mia Señor, me ven  
 O mui grand' affan e o muito mal,  
 13

Que ei por vós, pero direi vos al,  
 Ante que vos eu visse d' outra ren :  
 Sei que non vira tamaño prazer  
 Como vej' ora vos veer.

Des que vos vi sei que é mayor  
 Coita do mund' esta que por vós ei,  
 Pero aven mi o que vos ar direi  
 Ante que vos eu visse, mia Señor;  
 Sei que non vira &c.

Des que vos eu vi, mia Señor, me deu  
 ) *ta dans* Gran coit' ~~des~~ cada que vos non vi,  
 E gran pesar, mas pero que mi assi  
 De vós aven, ante que vos viss' eu,  
 Sei que non vira &c.

E desejand' eu aqeste prazer,  
 Des que vos non vir me fará morrer.

190. = 13 156

De quantos mui coitados son  
 A que deus coita faz aver  
 Min faz mais coitado viver,  
 E direi vos per qual rason:  
 Faz me querer ben tal Señor,

A mais fremosa nen mellor  
Do mund', e non mi a faz veer.

E dá me tal coita que non  
Sei de min consello prender;  
E fez me ja pavor perder  
De mia mort', ay gran sazon,  
Ond' ant' avia gran pavor;  
Veed' ora se á mayor  
Coita no mundo de soffrer.

Nunca me deus quis guisar,  
En quanto cuidado preñdi,  
Ú cuidei al en cuidar y  
En como podess' acabar  
Do que querria nulla ren,  
Mais cuid' en quanto mal mi ven  
Cativ' e mal dia naci.

E quant' oj' est a meu coidar  
Ben per sei eu ca non ay  
Coita mayor das que a mi  
Faz mia mort' ora desejar;  
Pero non querria por en  
Morrer, se coidasse aver ben  
Da que por meu mal dia vi.

191. = UB 187

Pois contra vós non me val, mia Señor,  
 De vos servir, nen de vos querer *ben*  
~~Non~~ maior ca mi, Señor, nen outra ren,  
 Valla me ja contra vós a mayor  
 Coita que soffro por vós, das que deus  
 Fezo no mund', ay lume destes meus  
 Ollos, e coita do meu coraçõ.

E-se me contra vós non val, Señor,  
 A mui gran coita, que me por vós ven,  
 Per que perdi o dormir e o sen,  
 Valla me já contra vós o pavor,  
 Que de vós ei que nunca ousei dizer  
 A coita que me fazedes aver,  
 Que neguei senpr', ay mui gran sazõ.

E se m' esto contra vós, mia Señor,  
 Non val, quer' eu a deus rogar por en,  
 Que me valla, que vós en poder ten,  
 E que vos fez das do mundo mellor  
 Falar Señor, e mellor parecer,  
 E se m' esto contra vós non valer,  
 Non me valrá log' y, se mort' non. *Le UB*

192. = CB 188

Cuidava m' eu que amigos avia  
 Muitos no mundo; mais mao pecado •  
 Non ey amigos, ca pois tan coitado  
 Jaço morrend', alguen sé doeria  
 De min, que moyr' e non ousó dizer,  
 O de que moyr', e que me faz morrer,  
 Non o dig' eu, nen por min ome nado.

E os amigos en quem' atrevia 9  
 De que me teñ en al por avidado,  
 Non ll' o dizen; mais se tan acordado  
 Foss' algun deles ben mi avidaria,  
 Se ll' o dissesse, e nunca y perder  
 Podia ren, e poderia aver  
 Mi presto tolleito d' un coidado.

Mais aquest' é cousa mui desguisada,  
 Ca non sei eu quen tan poder ouvesse,  
 Pois mia Señor visse que lle soubesse  
 Dizer qual coita, pois la vi, mi á dada  
 Ca pois que viss' o seu bon parecer  
 Aver ll'-ia log' eu d' escaecer,  
 E dizer x' ante por si se podesse.

E ben coid' á quant' é meu connocer,  
 Que pois fosse ù a podesse veer  
 Querrendo m' eu, nen do seu non dissesse.

193. = CB 189

Qual dona deus fez mellor parecer  
 E que fezo de quantas outras son  
 Falar mellor, e en mellor razon;  
 E con tod' esto mellor prez aver,  
 E mais mansa das que eu nunca vi,  
 Aquesta fez desejar, a miã/deus,  
 Por ja mais nunca coita perder.

Non me fez deus tal dona ben querer,  
 Nen mi a mostrou se por aquesto non,  
 Por aver eu en o meu coraçõ  
 Mui gran coita ja mentr' eu viver;  
 Poren cativo, mal dia naci,  
 Que viverei mentr' eu viver assi;  
 Por que non nunca per mi á saber;

Nen ja per outre non o saberá  
 Ca eu a outre nunca o direi;  
 E por boa fe mais a tanto farei,  
 Nega ll' ei senpr' ata que moira já,

E se mi o om' adeviñar poder,  
 E pois a vir, e tal esforç' ouver,  
 Que ll' ouse ren dizer por si dirá:

Ca ben sei eu ù outra ren non á,  
 Que tal esforç' averá qual eu ei,  
 Quando a vejo, que per ren non sei  
 Que ll' y dizer, e al assi fará,  
 Se per ventura lle dizer quiser  
 Alga ren ali ù estever  
 Ant' ela todo ll' escaescerà:

Ca pois vir, assi deus a mi perdon',  
 O seu fremoso parecer enton,  
 Demo ~~xel~~ eu o que ll' al nenbrará. 9  
*s' o lev'*

194. = CB 130

Señor por vós soon maravillado  
 Por que vos pesa de vos ben querer,  
 E a deus devo muit' agradecer, 79  
 Por que mi á esto Señor achegado  
 Que vos vejo por vos preguntar en,  
 E por vos ar dizer log' outra ren:  
 Ca vos non quero ben pelo meu grado.

Mais mia Señor fuy desaventurado  
 Ú me vos deus fez primero veer,  
 Que me non fez log' y morte prender,  
 Ca per aquesto fora eu guardado,  
 Ou por perder Señor enton o sen,  
 Ca non temer a vós depois, nen quen  
 Ei a temer por vós, mao pecado.

E mia Señor por deus, que mais loado  
 Fez vosso prez pelo mundo seer,  
 E vós das outras donas mais valer,  
 Pois eu cativo, desaconsellado,  
 Sen o meu grado vos quero gran ben,  
 Dizede me por que vos pesa en,  
 Quand' eu, Señor, que mal dia fuy nado,

Non atendo de vós por que me ven  
 Muito de mal, mentr' eu viver, poren  
 Se soo deseij' e afan e coidado.

195. = CB 131

Ay eu coitado por que vi  
 A dona que por meu mal vi,  
 Ca deus lo sabe poil-a vi,  
 Nunca ja mais prazer ar vi,  
 Per boa fe ù a non vi,

Ca de quantas donas eu vi  
Tan bona dona nunca vi.

Tan comprida de todo ben  
Per boa fe esto sei ben,  
Se nostro Señor me dê ben  
Dela, que eu quero gran ben,  
Per boa fe non por meu ben,  
Ca pero que ll' eu quero ben,  
Non sabe ca lle quero ben.

Ca ll' o nego pola veer  
Pero non a posso veer,  
Mais deus que mi a fezo veer,  
Rogu' eu que mi a faça veer;  
E se mi a non fezer veer,  
Sei ben que non posso veer  
Prazer nunca sen a veer.

Ca lle quero mellor ca min;  
Pero non o sabe per mim  
A que eu vi por mal de mim,

Nen outre ja, mentr' eu o sen  
Ouver, mais se perder o sen,  
Diré o con mingua de sen;

Ca vedes que ouço dizer  
 Que mingua de sen faz dizer  
 A ome o que non quer dizer.

196. = CB 192

Se eu soubesse ù eu primeiro vi  
 A mia Señor, e meu lum', e meu ben  
 Que tanto mal me verria por en  
 Como me ven, guardara me log' y  
 De a veer, amigos; pero sei  
 Ca nunca vira, nen vi, nen verey.  
 Tan fremosa dona com' ela vi.

ay! ?  
 Mais, amigos, mal dia fuy por mi,  
 Pois me por ela tan gran cuita ven  
 Que ben mil vezes no dia me ten,  
 Meus amigos, desmygad' assi:  
 Que niun sen, nen sentido non ei,  
 E quand' acordo, amigos, non sei  
 Niun consello pois aver de mi.

En tal coita qual m' oydes dizer  
 Me ten amigos, si deus me perdon,  
 Des que a vi, que non visse, ca non  
 Vi nunca dona tan ben parecer,

Nen tan fremosa, nen tan ben falar,  
 Por tal dona, qual m' oydes contar,  
 Moir' eu, e non lle posso ren dizer ;

Ca se a posso algũa vez veer,  
 Quanto cuid' ante no meu coraçõ  
 Ca lle direi escaece m' entõ,  
 Ca mi o faz ela tod' esca~~cer~~, Lc 2  
 Tanto a vejo fremoso falar,  
 E parecer, amigos, que nenbrar  
 Non me posso, se non de a veer.

E se me quisesse dar seu ben,  
 Dela ja ll' eu quitaria poren,  
 Sen me outro ben fazer.

197. = 013/3

Que alongad' eu ando d' ù yria,  
 Se eu ouvesse aguisado d' ir y,  
 Que viss' a dona que veer querria  
 Que non visse, ca por meu mal a vi,  
 De que meu mui sen meu grado parti, D  
 E mui coítad', e fuyss' ela sa via;  
 E fiquei eu, que mal dia naci:

E que préto que mi a min d' ir seria  
 Ú ela é, pero longe daqui  
 Se soubesse que veer poderia  
 Ela, que eu por meu mal dia vi,  
 Ca, del-o dia en que a connoci,  
 Senpre lle quige mellor todavia,  
 E nunca dela niun ben preñdi.

Non ll' ousei sol dizer como morria  
 Por ela, nen ll' o diz outre por mi,  
 E con mia mort' ja me prazeria;  
 Pois non vej' ela, que por meu mal vi;  
 Ca mais mal' morte, ca morrer assi,  
 Com' oj' eu vivo, e deus que mi a podia  
 Dar, non mi a dá, nen al que ll' eu pedi.

E por qualquer destas me quitaria  
 De min gran coita, que soffr' e soffri  
 Por ela, que eu vi, por meu mal dia,  
 Mais fremosa de quantas donas vi,  
 Direy a ja, ca ja ensandeci:  
 Joana est, ou Sancha, ou Maria  
 A por que eu moiro, e por que perdi

O sen, e mais vos end' ora diria:  
 Joan Coello sabe que é sy.

## 198.

Señor queixo me con pesar  
 Grande, que ei de que vos vi,  
 E gran dereito per faç' y,  
 E mais me devia queixar  
     Eu desse vosso parecer,  
     Que tanto mal me faz aver.

E queixo me dos ollos meus  
 Por end' assi deus me dê ben,  
 Con medo non se vos queix' en,  
 Mia Señor, nen me queixo a deus  
     Eu desse vosso &c.

## 199.

Moir' eu, e praz me, si deus me perdon',  
 E de mia mort' ei eu mui gran sabor,  
 Por non soffrer mui gran coita d' amor,  
 Que soffri senpre no meu coração,  
 Ca log' aquesta coita perderei,  
 E amigos direi vos outra ren:  
     Pesa me muito que non verei  
     Ante que moira meu lum' e meu ben.

Soya m' eu mia morte recear,  
 E avia gran sabor de viver,  
 E ora moir', e praz me de morrer,  
 E non querria ja mais viv' andar;  
 E do que moiro gran prazer end' ei,  
 E amigos direi vos outra ren:  
 Pesa me &c.

En me prazer con mia morte razon  
 Faç' eu mui grande, por nostro Señor,  
 Ca sei de pran, que pois eu morto for,  
 Log' esta coita perderei enton,  
 E quen ora temo, non temerei;  
 E amigos direi vos outra ren:  
 Pesa me &c.

## 200.

Se deus me valla mia Señor  
 De grado querria seer  
 Sandeu; por quant' ouço dizer  
 Que o sandeu non sabe ren  
 D' amor, nen que xê mal, nen ben,  
 Nen sabe sa morte temer;  
 Poren querri' ansandecer.

d ia'ns.

E por non soffrer a mayor  
 Coita das que deus quis fazer,  
 Qual la eu senpr' ei a soffrer  
 Por vós, e rog' a deus poren,  
 Que me faça perder o sen,  
 E pavor que ei de morrer,  
 Ou me non leixe mais viver.

E deus non me leixe viver,  
 Se eu ansandecer non ei, *a' ns. D*  
 Ca se viver senpr' averei  
 Coita d' amor, direi vos qual  
 Gran coita, se me deus non val;  
 E se for sandeu perderei  
 A gran coita que d' amor ei.

Ca des quand' eu ensandecer  
 Se verdad dizen, ben sei  
 Ca nunca pesar prenderei,  
 Nen gran coita d' amor nen d' al,  
 Nen saberei que xé 'st' mal,  
 Nen mia morte non temerei,  
 Deus! e quand' ensandecerei!

---

## 201.

Pola verdade que digo, Señor,  
 Me queren mal os mais dos que eu sei  
 Por que digo que sodes a mellor  
 Dona de mundo; e verdade vos direi, us? D  
 Ja m' eles senpre mal poden querer  
 Por aquesto; mais en quant' eu viver  
 Nunca lles tal verdade negarei.

E mia Señor, en quant' eu vivo for,  
 Se non perder aqueste sen, que ei,  
 Mal pecado de que non ei pavor  
 De o non perder, e o non perderei;  
 Ca perderia pelo sen perder  
 Gran coita, que me fazedes aver,  
 Señor fremosa des que vos amei.

## 202.

Señor fremosa, pois vos vi,  
 Ouve tan gran coita d' amor  
 Que non va y querer ben tal moller,  
 Que seu serviço non lle quer

Per nulla guisa agradecer,  
 E mal pecad' assi viv' eu  
 Cuitad', e que demo mi o deus  
 Cuita pola nunca perder.

Non por al, se non polo seu  
 Bon parecer da mia Señor,  
 Que nunca ome mellor,  
 Tal se deus me leix' aver,  
 Dela ben, e me mostr' o seu  
 Bon parecer, que lle deus deu,  
 Por ja senpr' a mi mal fazer.

Ca deul-a fez, por mal de min,  
 Mais fremosa de quantas son  
 No mundo, si deus me perdon;  
 E vedes que mi ar fez poren;  
 Fez mi a veer por mal de mi,  
 Ca non por al, ca poil-a vi,  
 Nunca m' ar paguei d' outra ren,

Se non dela de que assi  
 Estou, como vos eu direi;  
 Que todo quant' aver cuidei  
 Dela, poil-a vi, e y o en  
 Vedes, por que o dig' assi

Coidei dela des que a vi  
Aver gran coita sen seu ben.

Ja nunca dela cuidei al aver par deus, ←  
→ Que pod' e val', erg' esta coita que me ven.

203.

Ay eu! que mal dia naci  
Con tanto mal quanto me ven,  
Querend' ùa dona gran ben,  
Que me fez mal, des que a vi;  
E faz, e non s' en quer quitar,  
E ora faz desejar  
Mia mort', e alongar de si.

E mal pecado, viv' assi  
Coitado, e sol non acho quen  
Se doya de min; e poren  
Mia Señor non se dol de mi,  
E al me faz se lle pesar  
Faz outr' a min se ven queixar  
Por en, que culpa non ei y.

E por gran coita teñ' a tal,  
Eu, que sol non ll' ousó dizer

O gran mal, que me faz aver,  
 E desejo senpre mais d' al  
 De ll' o dizer, mais ei pavor  
 De pesar muit' a mia Señor,  
 E calo m' ante con meu mal.

Mais rog' a deus que sab' o mal,  
 Que me mia Señor faz soffrer,  
 Que el me faz' ensandecer;  
 Pois que m' outro ben todo fal,  
 Ou morrer, se sandeu non for,  
 Ca esto me seria mellor;  
 Pois que m' ela, nen deus non val.

## 204.

Señor fremosa veño vos dizer  
 De quanto mal a min faz voss' amor,  
 Que me digades vós, ay mia Señor,  
 Por deus que vos deo tan bon parecer,  
     Mia Señor fremosa, que prol vos ten  
     A vós, de quanto mal me por vós ven.

E pois vos eu ameí des que vos vi,  
 E amo mais de quantas cousas son,

E dized' mi ora, si deus vos perdon,  
 Pois vos eu outro mal non mereci,  
 Mia Señor &c.

Pero Señor nunca vos eu ousei  
 De mia coita nulla ren ementar,  
 Que mi a min fez o voss' amor levar;  
 Mais pois per vós tan muito de mal ei,  
 Mia Señor &c.

## 205.

Par deus Señor ja eu non ei poder  
 De non dizer de quanto mal me ven  
 Por vós, que quero mellor d' outra ren,  
 Que me fez deus por meu mal ben querer,  
 Ca me fazedes ja perder o sen,  
 E o dormir Señor, e praz vos en,  
 E trage m' en gran coita voss' amor.  
 Tod' est mal me por vós ven Señor.

Amor me faz viver en coita tal  
 Por vós Señor, si deus de mal m' anpar,  
 Qual eu ja nunca poderei mostrar,  
 Mentre viver, pero non puñ' en al,  
 E a vós praz de coraçõ poren;

Por que trae amor tan en desden,  
 E faz m' aver de mia morte sabor,  
 Tod' est mal me por vós ven Señor.

## 206.

Mais de mil vezes coid' eu en o dia;  
 Quando non posso mia Señor veer,  
 Ca lle direi se a vir todavia  
 A mui gran coita que me faz soffrer,  
 E poil-a vejo vedes que mi aven;  
 Non lle digo de quanto coido ren,  
 Ant' o seu mui fremoso parecer,  
 Que me faz quanto coido escaecer.

Ca poil-a vejo, non lle digo nada  
 De quanto coid' ante, que lle direi,  
 Ú a non vege par deus mui coitada- 2  
 Mentre vivã, e por deus que farei?  
 Ca poil-a vejo coido senpr' enton  
 No seu fremoso parecer, e non  
 Me nenbra nada, ca todo me fal,  
 Quanto lle coid' a dizer, e dig' al.

Se eu a deus algun mal mereci,  
 Gran vingança soub' el de min prender;  
 Ca me fez mui boa dona veer,  
 E mui fremos', e ar fez me des y  
 Que lle quis senpre d' outra ren mellor,  
 E pois mi aquesto fez nostro Señor  
 Ar fez ela morrer, e leixou mi. *de 9*

Viver no mundo, e mal dia naci,  
 Por eu assi en o mundo viver,  
 Ú deus sobre mi á tan gran poder  
 Que m' en o mundo faz viver assi,  
 Sen ela, ca ben soon sabedor  
 D' aver gran coita mentre vivo for,  
 Pois non vir ela, que por meu mal vi.

E por meu mal amigos non morri  
 Ú eu primeir' oy dela dizer  
 Que morrera, ca podéra perder,  
 Vedes qual coita per morrer log' y  
 A coita de quantas deus fez mayor  
 En que eu vivo polo seu amor,  
 Pero que nunca ben dela preñdi.

## 208.

Ai mia Señor, e meu lum' e meu ben!  
Per boa fé verdade vos direi;  
E Señor nunca vos eu mentirei  
Ca vos quero muy mellor d' outra ren,  
Non me dê deus de vós ben, nen de si,  
Se nunca tan fremosa dona vi,  
Como vós, e confonda me poren.

E mia Señor, e meu lum', e meu ben,  
Pero que m' eu muitas terras andei,  
Nunca y tan fremosa dona achei  
Come vós, por que me muito mal ven,  
E fez vos deus nacer por mal de mi,  
Señor fremosa, ca per vós perdi  
Deus, e amigos, e esforç', e sen.

Ca nunca eu no mundo pud' achar,  
Des quando me' vos deus fez veer,  
Dona que me fezzes' escaecer  
Vós, a que deus no mundo non fez par;  
Ca vos fez de todo ben sabedor,  
E se non, deus non me dê voss' amor,  
Nen vosso ben, que me faz desejar.

E mal m' ach' eu que non querri' achar  
 De toda ren, se vol' eu vin dizer,  
 Por ben que nunca de vós coid' aver,  
 Nen ar digo por vos prazentear,  
 Mais por que dig' a verdade Señor,  
 Ca vos vejo parecer mui mellor  
 Das outras donas, e mellor falar.

Tod' aquesto por mal de mi é;  
 Ca morrerei cedo por boa fe  
 Por vós, ca me vej' eu de guis' andar.

## 209.

Ay eu coitado! e quand' <sup>ei a)</sup> achar<sup>a)</sup>  
 Quen me dê consello como possa yr  
 A un logar ù eu querria yr,  
 E non posso, nen ar poss' achar  
 Me dê consello como possa yr  
 Veel-a dona, que por meu mal vi,  
 Mais fremosa de quantas donas vi.

E por que moiro querendo lle ben,  
 Ca tan fremosa dona nunca fez  
 Nostro Señor, de quantas donas fez,

Nen tan comprida de tod' outro ben,  
 Por esta moiro, que deus a tal fez,  
 E non ll' • disse se me valla deus;  
 Ca non ousei assi me valla deus,

Ca me quis antes mia coit' andurar, *ta' nd. d*  
 Quen ca me perder con tan boa Señor,  
 A que deu tanto ben nostro Señor,  
 E quero m' ante mia coit' andurar;  
 Mais rogarei tanto nostro Señor  
 Que el me lev' ù a possa veer,  
 Ca muit' á já que non pude veer

Niun prazer, ca non fuy a logar,  
 Ú a eu viss', è por aquesto non  
 Vi nunca mais prazer, nen ja mais non  
 Mi ar veerei, se non for a logar  
 Ú veja ela, ca sei eu que non  
 Verei prazer, e senpr' averei mal,  
 Se non vir ela, que vi, por meu mal.

E meus amigos se non est assi,  
 Non me dê deus dela ben, nen de si.

E se non leve deus ù son os seus  
 Estes meus ollos, que vejan os seus.

E se os viren veran gran prazer,  
 Ca muit' á que non viron gran prazer.

Leve os deus cedo, que pod' e val,  
 Ú verán ela, que tan muito val.

## 210.

Que muit' á ja que a terra non vi  
 Ú est a mui fremosa mia Señor,  
 De que m' eu trist' e chorando parti,  
 E muit' anvidos' e mui sen sabor,  
 Por que me disse que me partiss' en,  
 Ay mia Señor, e meu lum', e meu ben,  
 Mais fremosa das donas que eu vi.

E meus amigos, por meu mal a vi  
 Das outras donas parecer mellor,  
 E fez mi a deus veer por mal de mi,  
 Meus amigos, ca de pran a mayor  
 Coita do mundo vi oge poren,  
 Como querer lle mellor d' outra ren;  
 E non a vej', amigos, ù a vi.

Mais ù mi a deus primero fez veer,  
 [v St. D] Mais me valera de morrer entou,

Pois que mi a deus tan gran ben fez querer  
 Que ben mil vezes, si deus me perdon',  
 Esmoresco no dia que non sei  
 Que me faço, nen que digo tante y, 9  
 Amigos, gran coita pola veer.

## 211.

Joana, dix' eu Sancha, e Maria,  
 En meu cantar, con gran coita d' amor;  
 E pero non dixे por qual morria,  
 De todas tres, nen qual quero mellor,  
 Nen qual me faz por si o sen perder,  
 Nen qual me faz ora por si morrer,  
 De Joana, de Sancha, de Maria.

Tant' ouve medo que lle pesaria,  
 Que' non dixе qual era mia Señor  
 De todas tres, nen a por que morria,  
 Nen a que eu vi parecer mellor  
 De quantas donas vi, e mais valer  
 En todo ben non a quige dizer,  
 'Tant' ouve medo que lle pesaria.

E pero mais toller non me podia  
 Do que me tolle, pero m' ey pavor

Tolle mi o corpo que ja nunca dia  
 Estê nen noite, que aja sabor  
 De min, nen d' al que mia mais a toller,  
 Nen vej' ela, que moiro por veer,  
 Que est o mais que me toller podia,

E por aquest' eu viver non querria  
 Per boa fé, ca vivo na mayor  
 Coita do mundo des aquel dia  
 Que a non vi, ca non ouve sabor  
 De min nen d' al, nen vi nunca prazer,  
 E pois me vej' en tal coita viver,  
 Deus me confonda se viver querria.

Ca esta dona me tolleu poder  
 De rogar deus, e feze o me perder  
 Pavor de morte que ante avia.

212. = 113 213

Ora vej' eu que fiz muy gran folia,  
 E que perdi ali todo meu sen  
 Por que dixे ca querria gran ben,  
 Joan' ou Sancha que dixе ou Maria,  
 Ca por aquesto que eu dixе aly

Me soube log' ùa dona de si  
Daquestas tres que por ela dizia.

E por quant' eu esto dixè devia  
Mort' a prender per boa fe, poren,  
Por que dixè ca quèrria gran ben  
Joan' ou Sancha que dixè ou Maria,  
Ca por aquesto que eu fuy dizer,  
Mi ouvù o gran ben que lle quero a saber  
Esta dona, que ante non sabia.

Ca non soubera que lle ben quèria  
Esta dona, se non por meu mal sen,  
Por que dixè que quèria gran ben,  
Joan' ou Sancha que dixè ou Maria,  
E des que soub' esta dona por mi,  
Ca lle quèria ben, de senpre des y 7 9.  
Me quis gran mal, mayor non poderia.

Por mui gran ben que lle quis toda via,  
Des que a vi que me soube poren,  
Por que dixè ca quèria gran ben  
Joan' ou Sancha que dixè ou Maria,  
E des que ouv' esta dona poder  
De min gran ben, que ll' eu quero saber,  
Nunca mi ar quis veer des aquel dia.

Que muitos que mi andan preguntando  
 Qual es la dona que quero gran ben,  
 Se é Joana, se Sancha, se quen,  
 Se Maria, mais eu tan coitad' ando,  
 Cuidando en ùa destas tres que vi,  
 Polo meu mal, que' sol non lles torn' y,  
 Nen lles falo, se non de quand' en quando.

E vou me d' antr' as gentes alongando  
 Por tal que me non pregunten poren,  
 Per boa fe, ca non por outra ren,  
 E van m' elas a meu pesar chamando,  
 E preguntando m' apesar de mi  
 Qual est a dona que me faz assi  
 Por si andar en gran coit' an que ando.

E faço m' eu delas maravillado,  
 Pois m' y no an consello de poner,  
 Por que morren tan muito por saber  
 A dona por que ando coitado,  
 Non lle la digo por esta razon  
 Ca por dizer l' asi deus me perdon,  
 Non mi poran consello, mal pecado.

Poren todo ome devia acordado  
 Que sen ouvesse d' aquest' a seer,  
 De nunca ir tal pregunta fazer;  
 Ca per que en seria castigado,  
 Castigar sen pelo seu corazon  
 Qual per assi non quisesse que non  
 Disesse a outre nunca per seu grado.

E elas van me gran pesar dizer  
 No que lles nunca prol no á d' aver  
 Per que destorvan min de meu coidado.

Mail-o que vai tal pergunta fazer  
 Deul-o leixe moller gran ben querer,  
 E que ar seja d' outre preguntado.

## 214.

Ora vej' eu que xe pode fazer,  
 Nostro Señor quanto xe fazer quer,  
 Pois me tan boa dona fez morrer,  
 E mi ora fez veer outra moller,  
 Per boa fe que amo mais ca mi,  
 E nunca me deus valla poil-a vi,  
 Se me non fez' tod' al escaecer.

Tanto a vi fremoso parecer,

E fremoso falar, que sol mester  
 Non m' ouvera per ren de a veer;  
 E se vos eu verdad' non disser  
 Non me dê deus dela ben nen de si,  
 Ca nunca tan fremosa dona vi  
 De quantas donas pude connocer.

E por a tal coido senpr' a viver  
 En grave coita, mentr' eu vivo for,  
 Ca me fez ela muy gran coyt' aver,  
 De que ja mais non será sabedor  
 Nunca per min, ca eu non ll' a direi  
 Mal pecado, nen amigo non ei,  
 Que ll' a nunca por min queira dizer.

Ca me non posso oj' amigo saber,  
 Nen mi o quis nunca dar nostro Señor  
 Tal que por min lle fezess' entender,  
 Com' oj', e moiro polo seu amor;  
 E pois que eu tal amigo non ei,  
 Morrer poss' eu, mais nunca llo dirci;  
 Pero me vejo por ela morrer.

Pero se ll' o por min disse alguen,  
 Ben coido dela que non desse ren;  
 Nen por mia morte, nen por eu viver.

## 215.

Non me poss' eu mia Señor defender  
 Que me non mate cedo vosso amor,  
 Se m' eu de vós partir, ay mia Señor,  
 Pois mi aqui ven ante vós cometer.  
 Ca pois mi amor ante vós quer matar,  
 Matar xe mi á, se me sen vós achar.

E mia Señor al vos quero dizer  
 De que sejades ende sabedor,  
 Non provarei eu mentr' eu vivo for  
 De lle fogir, ca non ei en poder.  
 Ca pois &c.

Pois mi ante vós en tan gran coita ten,  
 E me tolleu mia Señor o dormir,  
 Non quer' eu ja probar de me partir  
 D' ù fordes vós ca faria mal sen.  
 Ca pois &c.

## 216.

Quantos oj' eu con amor sandeus sei  
 Dizen, si deus me leixe ben aver,  
 15

Que dona lles fez o sen perder  
 Mellor de quantas oj' en o muad' á,  
 Se verdad é, sei eu a dona ja ;  
     Ca tal dona, si deus a mi perdon,  
     Non á no mundo se mia Señor non.

Ainda vos outra cousa direi :  
 O todos estes eu ouço dizer  
 Que á mellor-os fez ensandecer  
 Dona do mundo, mais ~~se~~ <sup>é</sup> verda<sup>dé</sup>,  
 Log' eu a don' sei, per boa fe ;  
     Ca tal dona &c.

~~Se~~ <sup>é</sup> verda<sup>dé</sup> que eles por a tal  
 Dona, qual dizen, perderon no sen,  
 Pola mellor do mundo, e son por en  
 Sandeus, e non an d' outra ren sabor,  
 Non son sandeus, se non por mia Señor ;  
     Ca tal dona &c.

217. ~ (13 31)

Mentre non soube por min mia Señor  
 Amigos, ca lle queria gran ben,  
 De a veer non lle pesava en,  
 Nen lle pesava dizer lle Señor ;

Mais alguen foy que lle disse por min,  
 Ca lle queria gran ben, e des y  
 Me quis gran mal, e non mi ar quis veer  
 Confonda deul-o que ll' o foy dizer.

De me matar fezera mui mellor  
 Quen lle disse ca ll' eu queria ben,  
 E de meu mal non lle pesava en;  
 El fezera de me matar mellor;  
 Ca, meus amigos, des que a non vi,  
 Desejo morte que sempre temi.  
 E ei tan gran coita pola veer  
 Qual non posso, amigos, nen sei dizer.

A esta coita nunca eu vi par;  
 Ca esta coita peor ca morte é;  
 Poren sei eu ben per boa fe  
 Que non fez deus a esta coita par;  
 Ca pero vej' ù é mia Señor, non  
 Ous' ir veel-a, si deus me perdon,  
 E non poss' end' o coraçõn partir,  
 Nen os ollos mais non ous' ala ir.

E quando a terra vej' e o logar  
 E vej' as casas ù mia Señor é,  
 Vedes que faz enton per boa fé,

•

Pero mais casas vej', e o logar  
 Non ous' ir y, e peç' a deus enton  
 Mia morte muit' e mui de coraçõn,  
 E choro muit', e ei m' end' a partir,  
 E non vou y, nen sei pera ù ir.

218. = CB 253

Fiz meu cantar e loei mia Señor  
 Mais de quantas outras donas eu vi,  
 E se por est' an quexume dé min  
 As outras donas, ou mi an desamor,  
 Ajan de seu quen delas diga ben,  
 E a quen façan muito mal por en,  
 Ca ben assi faz a min mia Señor,

E mais fremosa dona nen mellor  
 De quantas oj' eu sei, per boa fé,  
 E vejan que faran ca já si é,  
 E se me por aquest' an desamor,  
 Ajan de seu quen as loe enton,  
 Nunca les por en faça, se mal non;  
 Ca non faz a mi a miña mellor.

E se m' eu ei de mi a loar sabor,  
 Non an poren por que se mi assañar,

Mais ar ajan de seu quen as loar,  
 E a quen ajan por en desamor,  
 Com' a mi faz aquella que eu já  
 Loarei senpr'; e sei ben que non á  
 De fazer a min ben niun sabor.

210.

Ca se m' algun ben quisesse fazer  
 Ja que quem eu fezera entender,  
 Des quant' á que a fillei por Señor,  
 Agora viv' eu como querria ~~veer~~  
*veer* Xiver quantos me queren mal,  
 Que non vissen prazer de si nen d' al,  
 Com' eu fiz senpre des aquel' dia  
 Que eu mia Señor non pud' veer,  
 Se nunca depois ar vi prazer,  
 Deus no me valla que poderia.

219 = C13 254

E quen vivess' assi viveria  
 Per boa fe en gran coita mortal,  
 C' assi viv' eu por ùa dona qual  
 Sab' oge deus e Sancta Maria,  
 Que a fezeron mellor parecer  
 De quantas donas vi, e mais valer,  
 En todo ben, e ben vceria

Quen visse mia Señor, e diria :  
 Eu sei ben por ela , que é tal  
 Como vos eu dig' , e se me non val  
 Deus , que mi amostre ja non guarria  
 Eu mais no mundo , ca non ei poder  
 De ja mais aquesta coita soffrer  
 Do que soffri , e desejaría

Muito mia mort' , e querria morrer  
 Por mia Señor , a que prazeria ;

E por gran coita en que me viver  
 Vejo por ela que podería.

## 220.

Senpr' ando coidando en meu corazón  
 Com' eu iria mia Señor veer ,  
 E en como ll' ousaria dizer  
 O ben que ll' eu quero , e sei que non  
 Ll' ousarei end' eu dizer nulla ren ,  
 Mais veel-a-ei pouc' , e irei en  
 Con mui gran coita en o meu corazón.

Val que se avir quantas cousas son  
 En o mundo non mi á de guarecer

De morte, pois lle non ousar dizer,  
 O ben que ll' eu quero, e poren non  
 Me sei consello, nen sei ora ben  
 Se prove d' ir y, se non é meu sen,  
 E meus consellos todos aqui son.

E assi guaresc' a mui gran sazon  
 Coidando muit', e non sei que fazer,  
 Mais pero pois lle non ei a dizer  
 O ben que ll' eu quero, teño que non  
 É mia prol d' ir y, mais sei al poren  
 Que morrerei se a non vir, e qu' en  
 Sofr' eu tantas coitas, tan gran sazon.

E veo outre por quem mi o non ten  
 Por seu, e moir', asi deus me perdon'.

## 221.

Nostro Señor, e ora que será  
 De min que moiro por que me parti  
 De mia Señor muy fremosa que vi  
 Polo meu mal, e de mi que será  
 Nostro Señor, eu ora que farei  
 Ca de pran niun consello non ei,  
 Nen sei que faça, nen que xe será

De mi que moiro, e non me sei já  
 Niun consello outro senon morrer,  
 E tan bon consello non poss' aver  
 Pois que non coido nunca veeria  
 Esta Señor, que por meu mal amei,  
 Des que a vi, e am', e amarei  
 Mentr' eu viver, mais non viverei ja,

Mais des aqui de pran per nulla ren,  
 Coidando senpre no meu coraçõn,  
 No muy gran ben que ll'oj' eu quero, e non  
 Na veer, nen a coid' ar ja per ren  
 Aveer, e con aqueste coidar;  
 Coid' a morrer; ca non poss' y osmar  
 Com' eu poss' a viver, per nulla ren.

Poil-a non vej' e coid' en quanto ben  
 Lle vós fezeistes, en todo ar coid' al,  
 En com' a min fezeistes muito mal,  
 Pois ja quisestes que ll' eu tan gran ben  
 Quisesse, non mi o fazedes alongar  
 De a veer, e tan a meu pesar  
 Nostro Señor, ù me faredes ben.

Ala fe, nen ll' ur aquesto sei já,  
 Ca se a non vir nunc' auverei ren.

222. = CA 257

Por mia Señor fremosa, quer' eu ben  
 A quantas donas vej', e gran sabor  
 Ei eu de as servir por mia Señor,  
 Que amo muit', e farei ùa ren;  
 Por que son donas querrei lles fazer  
 Serviço senpr', e querrei as veer  
 Senpr' eu poder, e dizer delas ben,

Por mia Señor, que quero muy gran ben,  
 Que servirei ja mentr' eu vivo for;  
 Mais en quant' ora non vir mia Señor,  
 Servirei as outras donas poren;  
 Por que nunca vejo tan gran prazer  
 Com' en veel' as; pois non ei poder  
 De veer mia Señor, que quero ben.

Ca de pran est' é oge mais de ben,  
 Que ei, pero que soon sabedor  
 Que assi morrerei por mia Señor,  
 Veed' as outras perdendo meu sen,  
 Por veer ela que deus quis fazer / ~ ~  
 Señor } das outras en ben parecer, ~ ~  
 E en falar, e en tod' outro ben.

E por aquesta coid' eu a morrer,  
A que deus fez, por meu mal, tanto ben.

## 223.

Nunca fiz cousa de que me tan ben  
Achasse, com' é de quanto servi  
Senpr' ùa dona, des quando a vi,  
Que amei senpre mais ca outra ren,  
Ca de pran quanto no mundo durei  
Os dias que a servi, ganey;  
E tantos ouv' end' a prazer de mi.

E teño que me fez deus mui gran ben  
En me fazer tan boa don' amar,  
E de a servir, e non m' enfadar,  
Nen tenell'-o mal que me faz en ren,  
E de me dar coração de tener  
Por ben quanto m' ela quiser fazer,  
E atender tenp', e no me queixar.

E de pran senpre, des que ll' eu quis ben,  
Mayor ca mi, e con mayor razon,  
Senpr' eu coidei que verria sazón  
Que ll' ousaria, en algua ren,  
Dizer do ben que ll' eu quer', e estou

Atendend' aquel temp', e non chegou ;  
 Pero estou led' en meu coraçon.

Por que quero tan boa dona ben,  
 De que sei ca nunca me mal·verrá ;  
 Ca se morrer por ela prazer-mi-á,  
 Se mi ar quiser fazer alguma ren,  
 Como non moira fará mui mellor,  
 E ben o pode fazer mia Señor,  
 Ca tod' aqieste poder ben o á.

234.

E en fazer en min quanto quiser,  
 E en valer mui mais d' outra moller,  
 En parecer, e en tod' outro ben,  
 Señor fremosa, vejo vos queixar  
 Por que vos am', e amei, pois vos vi,  
 E pois vos desto queixades de mi,  
 Se en dereito queredes fillar

A quen aqui é no vosso poder,

Pois vós de min non queixades por al,  
 Senon porque vos quero mui gran ben,  
 E vejo que vos queixades por en,  
 Señor de min, e meu ben, e meu mal,  
 A quen aqui é no vosso poder.

Señor se vós tenedes por razon  
 D' eu por aquesto ja morte prender,  
 Non ei eu quen me de vós defender,  
 E poren coita do meu coraçon,  
 A quen aqui é no vosso poder.

## 225.

De mort' é o mal que me ven;  
 Muit' é tan grave de soffrer,  
 Que já mais, en quant' eu viver,  
 Se de mia Señor non ei ben,  
 Nunca me pode toller al  
 Mal, nen gran coita, senon mal

De morte, pois que eu sei ben  
 Que de mia Señor muít' amar  
 Non ei poder de me quitar;  
 Poren se dela ben non ei,  
 Nunca me pode &c.

De morte, ca en quant' eu for  
 Vivo, desejarei o seu  
 Ben, e por aquesto sei eu,  
 Se ben non ai de mia Señor,  
 Nunca me pode &c.

De morte, ca tod' outro mal  
D' amor, sei eu ca me non fal.

226.

Ax mia Señor, a tanto lle farei, e 9  
Quero ll' eu ja soffrer tod' outro mal,  
Que me faça; pero direi vos al  
De pran, a questo lle non soffrerei,  
D' eu estar muito que a non veja.

Soffrer quero de nunca lle dizer  
Qual ben lle quero no meu coraçõ;  
Pero m' é grave, se deus me perdon',  
Mais de pran esto non posso soffrer,  
D' eu estar muito que a non veja.

E soffrer ll' ey quanta coita me dá,  
E quant' affan outro mi aver fezer,  
E ela faça y, como quiser;  
Mas de pran esto non soffrerei já,  
D' eu estar muito que a non veja,  
Ca non posso que morto non seja.

---

## 227.

Sazon sei ora, fremosa mia Señor,  
 Que eu avia de viver gran sabor,  
 Mais soon por vós tan coitado d' amor  
 Que me faz ora mia morte desejar.

Pois neun doo non avedes de mi,  
 Scñor fremosa, grave dia vos vi,  
 Ca soon por vós tan coitado des y,  
 Que me faz ora mia morte desejar.

## 228.

Gradesc' a deus que me vejo morrer  
 Ante que mas me soubessen meu mal,  
 Ca receei saberen mi o mais d' al,  
 E os que cuidan mais end' a saber,  
 Praz me muito por que non saben ren  
 De que moiro, nen como, nen por quen.

De m' entenderen avia pavor  
 O que m' eu sei en o meu coraçõn,  
 Mas ja que moir', assi deus me perdõn',  
 Os que viveren, pois eu morto for,  
 Praz me muito &c.

Pero choravan estes ollos meus  
 Con mui gran coita, senpre me calei,  
 Que nunca dix' ùa cousa que sei;  
 Mais como quer que mi o aja con deus  
 Praz me muito &c.

E ben teño que me fez deus y ben;  
 Por que mia coita non forçou meu sen.—

## 229.

Pois o vivo mal que eu soffro puñei  
 De o negar, assi deus me perdon,  
 E queren deviñar meu corazón,  
 E non poden, mai-lo mal que eu ei,  
 Pois que eu puño senpre, en o negar,  
 Maldito seja quen mi o deviñar.

E non póde per mi saber meu mal  
 Sen deviñar-o, nen ei eu pavor,  
 Nen ja per outr', en quant' eu vivo for,  
 O que eu cuid', e digo que cuid' al,  
 Pois que eu &c.

---

## 230.

Nostro Señor quen m' oj' a min guisasse  
 O que eu nunca guisad' averei,  
 A meu cuidar per quanto poder ei,  
 Ca non sei oj' eu quen s' aventurasse,  
 Ao que m' eu non ous' aventurar;  
 Pero me vej' en mayor coit' andar,  
 Ca outra coita, que oj' om' achasse.

Algun amigo meu se s' acordasse  
 E acordado föss' en me partir  
 Ante da terra, e leixasse m' ir;  
 E pois eu ido fosse ele chegasse  
 Ú de chegar eu ei mui gran sabor,  
 Ú est a mui fremosa mia Señor;  
 E ll' o gran ben que ll' eu quero contasse,

E me dissesse, pois se lle pesasse,  
 Per om' m' a mi pesaria mui' en,  
 Se deus me valla, mas faria ben,  
 Quand' eu viss' ela, pois que lle jurasse,  
 Qual mayor jura soubesse fazer,  
 Que nunca lle soubera ben querer,  
 En tal razon per que m' ela strañyasse.

E des y pois que m' eu assi salvasse,  
 Se deus me salve, que nunca o meu  
 Mal, mais diria de mia coita eu  
 A mia Señor, pero que me matasse  
 O seu amor que xe me matará,  
 E o sei ced' ù al non averá  
 Ca nunca foi quen tal coita levasse,  
 Com' eu levo, nen foi quen s' end' osmasse.

## 231. ~ U. 2

Quand' eu mia Señor con vosco falei,  
 E vos dixes ca vos queria ben,  
 Señor, se deus me valla, fiz mal sen  
 E per como m' end' eu depois achei,  
     Ben entendi fremosa mia Señor,  
     Ca vos nunca poderia mayor

Pesar diser, mas non pud' eu y al  
 Mia Señor, se deus me valla, fazer,  
 E fui vol-o con gran coita dizer;  
 Mas pero m' eu depois m' ind' achei mal,  
     Ben entendi &c.

Pesar dizer, e mal dia naci,  
 Por que vos vi dizer tan gran pesar,

E por que m' end' eu non pude guardar ;  
 Ca por quant' eu depois por en perdi ,  
 Ben entendi &c.

Pesar dizer do que vos dix' enton ,  
 Mais se menti , ja deus non me perdon'.

232. = 253

Por deus Señor tan gran sazón  
 Non cuidei eu a desejar  
 Vosso ben , a vosso pesar ,  
 E vedes Señor que non :  
 Ca non cuidei sen voso ben  
 Tanto viver , per nulla ren.

Non ar cuidei des que vos vi  
 O que vos agora direi ,  
 Mui gran coita , que per vos ei ,  
 Sofrel-a quanto a sofri :  
 Ca non cuidei &c.

Nen ar cuidei depois d' amor  
 A soffrer seu ben , nen seu mal ,  
 Nen de vós , nen de deus , nen d' al ,  
 E direi vos por que Señor ,  
 Ca non cuidei &c.

233. = *Vat. 5*

Señor que grav' oj' a mi é  
 De me aver de vós a partir;  
 Ca sei de pran, pois m' eu partir  
 Que mi averrá, per boa fé:  
 Averei, se deus me perdon',  
 Gran coita no meu coraçõ.

*m' av.*

E pois partir os ollos meus  
 De vós, que eu quero gran ben,  
 E vos non viren, sei eu ben  
 Que mi averrá, Señor, par deus,  
 Averei se deus &c.

E se deus m' algun ben non der  
 De vós, que eu por/mal vi,  
 Tan grave dia vos eu vi,  
 Se de vós grado non ouver,  
 Averei se deus &c.

*v. meu*234. = *Vat. 6*

O meu Señor me guisou  
 De senpr' eu já coita soffrer

En quanto no mundo viver,  
 Ú m' el a tal dona mostrou  
 Que me fez fillar por Señor,  
 E non ll' ousou dizer Señor.

v. - e

E se deus ouvo gran prazer  
 De me fazer coita levar,  
 Que ben s' end' el soube guisar  
 Ú me fez tal dona veer,  
 Que me fez fillar &c.

v. m el

Se m' eu a deus mal mereci,  
 Non vos quis el muito tardar,  
 Que se non quisesse vingar  
 De mi ù eu tal dona vi,  
 Que me fez fillar &c.

235. = U. 11

.....  
 ..... çon,  
 E gran dereito faç', e mui gran rason,  
 Señor, ca nunca outra dona vi  
 Tan mansa, nen tan a posto çatar,  
 Nen tan fremosa, nen tan ben falar,

Come vós, Señor, e pois assi é,  
 Mui gran dereito faç' en vos querer  
 Mui gran ben, ca nunca pude veer  
 Outra dona Señor, per boa fé,  
 Tan mansa &c.

Come vós, por que cedo morrerei;  
 Pero direi vos ant' àa ren:  
 Dereito faç' en vos querer gran ben,  
 Ca nunca dona vi, nen veerei,  
 Tan mansa &c.

236 = Vol 12

Quando m' eu mui triste de mia Señor,  
 Mui fremosa, sen meu grado quitei,  
 E s' ela foi, mesquiñe eu fiquei,  
 Nunca me vallá min nostro Señor g  
 Se eu cuidasse que tanto vivêra,  
 Sen a veer, se ante non morrêra.

Ali ù eu dela quitei os meus  
 Ollos, e me dela triste parti,  
 Se cuidasse viver quanto vivi,  
 Sen a veer, nunca me valla deus  
 Se eu cuidasse &c.

Ali ù m' eu dela quitei, mas non  
 Cuidei que tanto podesse viver  
 Como vivi, sen a poder veer,  
 Ca nostro Señor nunca me perdon'  
 Se eu cuidasse &c.

## 237. V 30

Amigos, non poss' eu negar  
 A gran coita que d' amor ei;  
 Ca me vejo sandeu andar  
 E con sandece o direi:  
 Os ollos verdes que eu vi  
 Me facen ora andar assi.

Pero quem quer x' entendera  
 Aquestes ollos quales son,  
 E dest' alguen se queixára,  
 Mais eu ja, quer moira, quer non,  
 Os ollos verdes &c.

Pero non devia perder  
 Ome que ja o sen non á,  
 De con sandece ren dizer,  
 E con sandece digu eu já:  
 Os ollos verdes &c.

238.

Señor veedes me morrer  
 Desejando o vosso ben,  
 E vos non doèdes por en ~~ten~~, h 9  
 Nen vos queredes en doer:

»Meu amig', en quant' eu viver,  
 Nunca vos eu farei amor,  
 Per que faça o meu peor.

Mia Señor por deus que vos fez,  
 Que me non leixedes assi  
 Morrer, e vos faredes y  
 Gran mesura, con muy bon prez  
 Direi vol' amig' outra vez:

»Meu amig' &c.

Mia Señor que deus vos perdon':  
 Nenbre vos quant' affan levei  
 Por vós, ca por vós morrerei;  
 E forçad' esse coração,  
 Meu amig', ar dirci que non.

## 239.

Ú m' eu parti, d' ù m' eu parti  
 Log' eu parti  
 Aquestes meus ollos de veer,  
 E par deus quanto ben avia, perdi;  
 Ca meu ben tod' era 'n veer,  
 E mais vos ar quero diser;  
 Pero vejo nunca ar vi.

Ca non vej' eu, pero vej' eu  
 Quanto vej' eu non m' é mal ren;  
 Ca perdi o lume poren,  
 Por que non veja quen me deu  
 Esta coita que oj' eu ey,  
 Que já mais nunca veerei,  
 Se non vir o parecer seu,

Ca ja ceguei, quando ceguei,  
 De pran ceguei eu, log' enton,  
 E ja deus nunca me perdon',  
 Se ben vejo, nen se ben sei;  
 Pero se me deus ajudar,  
 E me cedo quiser tornar,  
 Ú eu ben vi, ben veerei.

## 240.

A boa dona por que eu trovava,  
 E que non dava nulla ren por mi,  
 Pero s' ela de min ren non pagava,  
 Soffrendo coita sempre a servi,  
 E ora ja por ela ensandeci;  
 E dá por mi ben quanto x' ante dava.

E pero x' ela con bon prez estava,  
 E con bon parecer que ll' eu vi,  
 E lle sempre con meu trobar pesava,  
 Trobei eu tanto, e tanto a servi,  
 • Que ja por ela lum' e sen perdi,  
 E anda x' ela por qual x' ant' andava

Por de bon prez, e muito se presava,  
 E dereit' é de sempr' andar assi,  
 Ca se ll' alguen na mia coita falava,  
 Sol non oya, nen tornava y;  
 Pero por coita grande que soffri,  
 Oy mais ey dela quant' aver coidava:

Sandece e morte, que busquei sempre y:  
 Seu amor me deu quant' eu buscava.

## 241.

Amigos, quero vos dizer  
 ta 'n A mui gran coit' an que me ten  
 Úa dona que quero ben,  
 E que me faz ensandecer,  
 E catando pola veer,  
     Assi and' eu, assi and' eu,  
     Assi and' eu, assi and' eu.

E ja meu consello non sei;  
 Ca ja o meu adubad' é,  
 E sei mui ben, per boa fe,  
 Que ja sempr' assi andarei  
 Catando se a veerei,  
     Assi and' eu, &c.

E ja eu non posso chorar,  
 Ca ja chorand' ensandeci,  
 E faz mi amor andar assi,  
 Como me veedes andar,  
 Catando per cada logar,  
     Assi and' eu, &c.

E já o non posso negar:  
 Alguen me faz assi andar.

## 242.

Quantos an gran `coita d' amor  
 En o mundo, qual oj' eu ei,  
 Querrian morrer, eu o sei,  
 E averian en sabor;  
 Mais mentr' eu vos vir mia Señor,  
 Sempre m' eu querria viver:  
 E atender, e atender.

Pero ja non posso guarir,  
 Ca ja cegan os ollos meus   ↗  
 Por vós, e non me val y deus,  
 Nen vós, mais por vos non mentir,  
 En quant' eu vos mia Señor vir,  
 Sempre m' eu &c.

E teño que fazen mal sen  
 Quantos d' amor coitados son  
 De querer sa mort', e se non  
 Ouveron nunca d' amor ben  
 Com' eu faço, Señor, e poren  
 Sempre m' eu &c.

---

## 243.

Gran sazon á que eu morrera ja,  
 Por mia Señor, desejando seu ben;  
 Mas ar direi vos o que me deten  
 Que non per moir', e direi vol-o já,  
     Falan me dela, e ar vou a veer  
     Já quant' esto me faz ja viver.

E esta coit' an que eu viv' assi,  
 Nunca en parte soube mia Señor,  
 E vou vivend' a gran pesar d' amor,  
 E direi ja por quanto viv' assi,  
     Falan me dela &c.

Non viv' eu ja se per aquesto non:  
 Ouç' eu as gentes no seu ben falar,  
 E ven amor logo por me matar,  
 E non guaresco. se per esto non:  
     Falan me dela &c.

E viverei mentre poder viver,  
 Ca pois por ela me ei a morrer.

---

## 244.

Se m' ora deus gran ben fazer quisesse,  
 Non m' avia mais de tant' a fazer  
 Leixar m' aqui ù m' ora 'stou viver,  
 E do seu ben nunca m' el outro desse;  
 Ca ja sempr' eu veeria d' aqui  
 Aquelas casas ù mia Señor vi,  
 E cata la ben quanto m' eu quisesse.

Par deus Señor viçoso viveria,  
 E en gran ben, e en mui gran sabor,  
 Veel' as casas ù vi mia Señor,  
 E cata la quant' eu cataria  
 Mènt' eu daquest' ouvess' o poder;  
 Daquelas casas que vejo veer,  
 Nunca en ja os ollos partiria.

Daqui vej' eu Barcelos e Faria,  
 E vej' as casas ù vi alguen,  
 Per boa fe, que me nunca fez ben;  
 Vedes por que: por que xe non queria;  
 E pero sei que me matar' amor,  
 En quant' eu fosse daqui morador,  
 Nunca eu ja d' el morte temeria.

E esso pouco que ei de viver  
 Vivel-o-ya a mui gran prazer;  
 Ca mia Señor nunca mi o saberja.

## 245.

Estes meus ollos nunca perderan  
 Señor gran coita, meutr' eu vivo for,  
 E direi vos, fremosa mia Señor,  
 Destes meus ollos a coita que an:  
     Choran e cegan quand' alguen non veen,  
     E ora cegan por alguen que veen.

Guisado teen de nunca perder  
 Meus ollos coita, e meu coraçon,  
 E estas coitas Señor miñas son;  
 Mais los meus ollos, por alguen veer,  
     Choran e cegan &c.

E nunca ja poderei aver ben;  
 Pois que amor ja non quer, nen quer deus;  
 Mais os cativos destes ollos meus  
 Morrerán sempre por veer alguen:  
     Choran e cegan &c.

---

## 246.

Cuidou s' amor que logo me faria,  
 Per sa coita, o sen que ei perder;  
 Pero nunca o podo fazer,  
 Mais aprendeu outra sabedoria:  
 Quer me matar mui cedo por alguen,  
 E aquesto pod' el fazer mui ben;  
 Ca mia Señor esto quer todavia.

E ten s' amor que demandeí folia  
 En demandar o que non poss' aver,  
 E aquesto non poss' eu escoller,  
 Ca logo m' eu en al escolleria:  
 Escolleria, mentr' ouvesse sen,  
 De nunca ja morrer, por nulla ren,  
 Ca esta morte non é lograria. *eu D*

Y que de coita levei en Faria,  
 E vin aqui a Segobia morrer;  
 Ca non vej' y quen soya veer,  
 M' eu pouque pouque per esso guarria,  
 Mais pois que ja non posso guarecer,  
 A por que moiro vos quero dizer:  
 Di alguen este é filla de Maria.

E o que sempre neguei en trobar  
 Ora o dix', e pes' a quen pesar ;  
 Pois que alguen acabou sa perfia.

## 247.

Esso mui pouco que oj' eu falei  
 Con mia Señor ; gradecio a deus,  
 E gran prazer viron os ollos meus,  
 Mais do que dix'e gran pavor per ei ;  
 Ca me trem' assi o coração,  
 Que non sei se ll' o disse, se non.

Tan gran sabor ovu' eu de lle dizer  
 A mui gran coita, que soffr' e soffri  
 Por ela, mais tan mal dia naci,  
 Se ll' o oj' eu ben non fiz entender ;  
 Ca me trem' assi o coração &c.

Ca nunca eu falei con mia Señor,  
 Se non mui pouc' oje, d'erei vós al :  
 Non sei se me ll' o dix'e ben, se mal,  
 Mais do que dix'e estou a gran pavor ;  
 Ca me trem' assi o coração &c.

A quen muito trem' o coração,  
 Nunca ben pod' acabar sa razon.

## 248. 540

Vedes Señor, quero vos eu tal ben  
 Qual mayor posso no meu corazón,  
 E non diredes vós poren de non.

»Non amigo; mais direi me outra ren:  
 Non me queredes vós a mi mellor  
 Do que vos eu quer', amig' e Señor.

Ú vos non vejo.....  
 Se deus me valla, de ren, nen de mi,  
 E non diredes que non est assi.

»Non amigo; mas quero me al dizer:  
 Non me queredes &c.

Amo vos tanto que eu ben sei  
 Que non podia mais, per boa fe;  
 E non diredes que assi non é.

»Non amigo; mas al me vos direi  
 Non me queredes &c.

Quisera m' ir: tal consello preñdi  
 Fuy coitad', e tornei me poren;  
 E tod' ome que me consellar ben,  
 Consellar m' á que more senpr' aqui,  
 Por un dia que mia Señor non vi,  
 D' á tant' ouvera morrer con pesar.  
 Quen me quiser veña m' aqui buscar.

Tod' ome, que souber meu coraçõn,  
 Nulla culpa non me dev' a poer,  
 Por eu morar ù podesse veer  
 A mia Señor, por que moiro; ca non  
 M' ei a partir d' aqui, nulla sazõn,  
 Aguardando que lle possa falar.  
 Quen me quiser &c.

Nostro Señor, e quen me cousirá  
 Daqui morar, ca ja ir me cuidei,  
 E fuy coitado, como vos direi,  
 Que nunca ja tan coitado será  
 Ome no mundo; mais vos direi já  
 D' outra tal coita me quer' eu guardar.  
 Quen me quiser &c.

Deul-o sabe que me quisera ir,  
 De coração, morar á cas' del rey:  
 Mais direi vos por que o leixei:  
 Por amor, que mi o non quis consentir;  
 E pois amor non me leixa partir  
 Da mia Señor, nen daqueste logar,  
 Quen me quiser &c.

## 250.

Desej' eu muit' a veer mia Señor;  
 Pero sei que pois ant' ela for,  
 Nou ll' ei a dizer ren  
 De com' oj' eu averia sabor;  
 E lle estaria ben.

[eu] 9

Pola veer moiro, e pola servir;  
 E pero sei que pois m' aut' ela vir,  
 Nou ll' ei a dizer ren  
 De com' oj' eu poderia guarir;  
 E lle estaria ben.

Se ll' al disser non me dirá de non;  
 Mais da gran coita do meu coração  
 Non ll' ei a dizer ren,  
 Que ll' eu diria en boa razon;  
 E lle estaria ben.

Pero ei gran sabor de lle falar,  
 Quando a vejo, por lle non pesar,  
 Non ll' ei a dizer ren  
 De com' eu poderia led' andar,  
 E lle estaria ben.

## 251.

Ay deus! que coita de soffrer,  
 Por aver gran ben a querer  
 A quen non ousarei dizer;  
 Da mui gran coita } que me ten  
 Non ll' ouso dizer nulla ren.

3 [ 'n

Ja senpr' en coita viverei,  
 C' amo qual dona vos direi,  
 A que dizer non ousarei;  
 Da mui gran coita &c.

Se lle d' al quiser ementar,  
 Sol non ll' en crecera pesar,  
 Pero non ll' ousarei falar;  
 Da mui gran coita &c.

## 252.

Ay deus! Como ando coitado d' amor,  
 E se o for dizer a mia Señor,  
 Logo dirá que lle digo pesar,  
 E quero mi ante mia coit' andurar, *ta 'nd.*  
 Ca lle dizer, quando a vir, pesar.

Pero m' eu moiro querendo lle ben,  
 Se lle disser a coit' an que me ten,  
 Logo dirá que lle digo &c.

Ben moira se al dizer quiser,  
 Mais se lle ren de mia coita disser.  
 Logo dirá que lle digo &c.

## 253.

En gran coita vivo Señor  
 A que me deus nunca quis dar  
 Consello, e quer se me matar,  
 E a min seria mellor,  
 E por meu mal se me deten,  
 Por vingar vos mia Señor ben  
 De min, se vos faço pesar.

E assi ei eu a morrer,  
 Veendo mia mort' ante mi,  
 E nunca poder fillar y  
 Consello, nen o atender  
 De parte do mundo, e ben sei,  
 Señor, que assi morrei;  
 Pois assi é vosso prazer.

E ben o podedes fazer,  
 Se vos eu morte mereci;  
 Mais por deus guardade vos y;  
 Ca tod' é en vosso poder,  
 E Señor preguntar vos ey;  
 Por serviço que vos busquei,  
 Se ei poren mort' a prender.

## 254.

Nostro Señor en que vos mereci,  
 Por que me fostes tal Señor mostrar,  
 A mais fremosa que eu nunca vi,  
 A que non ouso nulla ren falar,  
 Pero a vejo non ll' ouso dizer  
 A mui gran coita que me faz aver,  
 Y mi assi mia coita endurar.

## 255.

Quero vos eu ora rogar  
 Por deus, que vos fez, mia Señor,  
 Non catedes o desamor,  
 Que m' avedes, nen o pesar,  
 Que vos eu faço en vos querer  
 Ben, e devede la soffrer,  
 Por deus, e por me non matar.

Ca nunca vos eu rogarei  
 Por outra ren mentr' eu viver,  
 Se non que vos jaç' en prazer,  
 Por deus Señor, esto que sei  
 Que vos agora é pesar;  
 Ca vos pesa de vos amar,  
 E eu non posso end' al fazer;

Ca se eu ouvesse poder  
 De qual dona quisess' amar,  
 A tal Señor fora fillar,  
 Onde cuidasse ben aver;  
 Mais de vós nunca o cuidei  
 Aver, Señor, mais avel'-ei,  
 Mentr' eu viver, a desejar.

E sabedes des que vos vi,  
 Mia Señor, senpr' eu desejei  
 O vosso ben, e vos neguei  
 Meu cor, deste vol'-encobri; *z 8*  
 Mais agora ja por morrer  
 Se vos pesa, ou por viver,  
 Se vos prouguer, vol-o direi.

## 256.

*[a vir*  
 De quant' eu sempre desejei  
 De mia Señor, non end' ei ren,  
 E o que muito receei  
 De me avir, todo me aven,  
 Ca sempr' eu desejei; mais d' al  
 Que me pes', a partir m' ei en.

E ja que m' end' a partir ei  
 Esto pod' ela veer ben:  
 Que muita guerra lle farei;  
 Por que me faz partir d' aquen  
 Ond' eu soon mui natural:  
 E sei ll' eu un seu ome á tal,  
 Qual avera morrer por en.

E non o pode defender  
 De morte, se mi mal fez,

Ca ùa morte ei eu d' aver,  
 E pois eu a morrer ouver,  
 Toda via Señor querei  
 Fillar por mi, e toller ll' ei  
 Est' ome por que me mal quer.

E pois ll' eu est' ome toller,  
 Faça m' ela mal se poder,  
 E non o poderá fazer;  
 Mais pod' entender, se quiser,  
 Que log' eu guardado serei  
 D' ela, e non a temerei  
 Des que ll' eu esto feit' ouver.

## 257.

Muitas vezes en meu cuidar  
 Ei eu gran ben de mia Señor,  
 Et quant' ali ei de sabor  
 Se mi ar toma pois en pesar,  
 Des que m' eu part', e nulla ren  
 Me non fica daquel gran ben,  
 E non me sei consell' achar.

D' en acharei ergu en culdar  
 Consell', en quant' eu vivo for,

Ca si me ten forçado amor,  
 Que me faz a tal don' amar,  
 Que me quer mui gran mal poren,  
 E por que non sab' amar, ten  
 Que non pode m' amor forçar.

Mais amor á tan gran poder,  
 Que forçar pode quen quiser;  
 E pois que mia Señor non quer  
 Esto d' amor per ren creer,  
 Ja mais seu ben non averei,  
 Se non assi como mi o ei,  
 Sempr' en cuidal' o posso aver;

Ca deus me deu tan gran poder,  
 Que mentre m' eu guardar poder  
 De fala d' om' ou de moller,  
 Que non poss' este ben perder,  
 Ca senpr' en ela' cuidarei,  
 E senpr' en ela ja terrei  
 O coração, mentr' eu viver.

258.

Non me poss' eu Señor salvar,  
 Que muito ben non desejei ~~aver~~ D

*Aver* De vós; mais salvar m' ei  
 Que non cuidei end' acabar,  
 Mais do que vos quero dizer;  
 Cuidei vos Señor a veer;  
 Tanto ben ovu en cuidar.

E digu este por me guardar  
 D' ùa cousa que vos direi:  
 Nen cuidedes que al cuidei,  
 De vós, mia Señor, a gañar  
 Señor, que podesse viver  
 Na terra vosqu' deus poder  
 Me leix' aver de senpr' estar.

E dê me poder, de negar,  
 Senpr' a mui gran cuita que ei  
 Por vós, ás gentes que sei, *aa5? 9*  
 Que puñan en adeviñar  
 Fazenda d' om' en a saber,  
 E os que esto van fazer,  
 Deul-os leix' end' mal achar.

E deul-os leix' assi ficar  
 Com' eu Señor sen vós fiquei,  
 U vos vi ir, e non ousei  
 Ir, con vosco, e de pesar

Ouvera por end' a morrer,  
 Tan grave me foy de soffrer,  
 De m' aver de vós aquitar.

## 259.

De vós Señor querria eu saber,  
 Pois desejades mia mort' aver,  
 E eu non moir' e querria morrer,  
 Que me digades que farei eu y.

Con mia mort' me seria gran ben,  
 Por que sei ca vos prazeria en,  
 E pois non moiro veñ' a vós poren,  
 Que me digades que farei eu y.

Por mia morte que vos vi desejar,  
 Rogu eu a deus sempr', e non mi a quer dar,  
 E veño vos mia Señor perguntar:  
 Que me digades que farei eu y.

Por mia morte roguei deus e amor,  
 E non mi a dan, por me fazer peor  
 Estar convosqu', e veñ' a vós Señor:  
 Que me digades que farei eu y.

## 260.

Non me queredes, mia Señor,  
 Fazer ben en quant' eu viver,  
 E pois eu por vós morto for,  
 Non mi o podedes fazer;

Ca non vi eu quen fezesse  
 Nunca ben, se non podesse.

Podedes vos nenbrar ben ll'eu 9  
 De min, que soffro muito mal  
 Por vós, e digo vol' ant' eu,  
 Que pois me non faredes al  
 Ca non vi eu &c.

Podedes vos nenbrar de min,  
 Depois mia morte sen al ren,  
 E se eu faça boa fin  
 Non me faredes outro ben;  
 Ca non vi eu &c.

Fazede mi, e gracir vol'-ei 2  
 Ben, m'entr' ando vivo, ca non  
 Mi o faredes, eu ben o sei,  
 Pois eu morrer por tal razon,  
 Ca non vi eu &c.

## 261.

Rogaria eu mia Señor  
 Por deus que me fizesse ben,  
 Mais ei dela tan gran pavor  
 Que lle non ouso falar ren,  
     Con medo de se m' assañar,  
 E me non querer pois falar.

Diria ll' eu de coraçon  
 Como me faz perder o sen .  
 O seu bon parecer; mais non  
 Ous', e tod' aquesto m' aven  
     Con medo &c.

Pois me deus tal ventura deu,  
 Que m' en tamaña coita ten  
 Amor, seupr' eu ja serei seu,  
 Mais non a rogarei por en,  
     Con medo &c.

## 262.

Por vos veer vin eu Señor,  
 Et lume destes ollos meus,

E valla me contra vós deus,  
 Ca o fiz con coita d' amor;  
 Ca Señor non ei eu poder  
 De viver mais sen vos veer.

Aventurei me, vin aqui,  
 Por vos veer e vos falar,  
 Et mia Señor se vos pesar,  
 Fazed' o que quiserdes y,  
 Ca Señor &c.

Como vós quiserdes será  
 De me fazerdes mal e ben,  
 E pois é tod' en vosso sen,  
 Fazed' o que quiserdes já,  
 Ca Señor &c.

263. 555

Meus amigos, pese vos do meu mal,  
 Et da gran coita que me faz aver  
 Úa dona que me ten en poder,  
 E por que moir'; e pois in' ela non val,  
 Morrerei eu, meus amigos, por en,  
 Ca ja perdi o dormir e o sen,

Pelo seu ben, et deus non mi o quer dar,  
 Se non gran coit', en que senpre vivi,  
 Des que vi ela, que por meu mal vi;  
 E pois eu tanto viv' a meu pesar,  
 Morrerei &c.

Pelo seu ben, que deseij' e non sei  
 Se non gran coita que m' ela deu já,  
 Et se mais vivo, mais mal me fará,  
 Et poys eu tanto mia fazenda sei,  
 Morrerei &c.

E coitad' eu, que muito mal me ven,  
 Por que quero muy boa Señor ben.

264. 0586

Por que non ous' a mia Señor dizer  
 A muy gran coita do meu coraçõ,  
 Que ei por ela, se deus me perdon',  
 Veede a coit' en que ei a viver:  
 Ond' eu atendo ben, me ven gran mal,  
 E quen me devia valer, non me val.

Non me val ela, que eu senpr' amei,  
 Nen seu amor, que me forçado ten,

Que me tolleu o dormir e o sen ;  
 Ora veed' a coita , que eu ei ,  
 Ond' eu atendo &c.

Nen me val deus , nen me val mia Señor ,  
 Nen qual ben ll' eu quero , des que a vi ,  
 Nen meus amigos non me valen y ;  
 Ay eu cativo , coitado d' amor ,  
 Ond' eu atendo &c.

265. 580 *V.*

Non perc' eu coita do meu coração ,  
 Cuidando sempr' en quanto mal me ven  
 Por ùa dona que quero gran ben ,  
 E sei ja esto , se deus me perdon' :  
 Que nunca deus gran coita quiso dar ,  
 Senon a quen el fez moller amar ,

Com' a min fez ; ca des que eu naci ,  
 Nunca vi om' en tal coita viver  
 Como eu vivo , per moller ben querer ;  
 E sei ja esto que passa per mi ,  
 Que nunca deus &c.

Com' a min fez muy coitado d' amor ,  
 E d' outras coitas grandes , que eu sei ,  
 18

E pois eu ja toda las coitas sei,  
 D' ùa cousa soon ben sabedor;  
 Que nunca deus &c.

Com' a min fez, e nunca me quis dar  
 Ben dessa dona, que me fez amar.

## 266.

Señor eu vivo muit' a meu pesar  
 E eu muy coitado, se deus me perdon',  
 Por vós que amo muy de coração,  
 Que me fez deus por mal de mi amar,  
 E por meu mal me vos foy amostrar;  
 Ca delo dia Señor que vos vi  
 Per boa fe, nunca coita perdi

Por vós, que eu por mal de mi amei,  
 Des que vos vi, per boa fe, Señor;  
 Ca des enton me fez o voss' amor  
 Na muy gran coita viver que oj' ei,  
 E por meu mal vos vi, e vos falei,  
 Ca delo dia &c.

Por vós, que quero mellor d' outra ren,  
 Que me fez deus por meu mal ben querer;

Ca en tal coita me vejo viver,  
 Que ja perdi o dormir e o sen,  
 E por meu mal vos quero tan gran ben,  
 Ca delo dia &c.

Por vós, que amo muyto mais ca mi,  
 Ben me creede Señor que é 'ssi.

267.

Que me vós nunca quisestes fazer  
 En que me vistes de me mal querer  
 Por deus e por mesura, e por mi,  
 Dizede m' esto, que vos vin rogar;  
 E tal rogo non vos dev' a pesar,  
 E terrei que me fazedes ben y:

Por aquesto, que vos rogo Señor,  
 Dizede mi o, ca vos non jaz y mal,  
 Nen vos rogu eu que me digades al,  
 E terrei que me fazedes amor:

E vedes por que o quero saber:  
 Por me guardar de vos pesar fazer.

## 268.

Que sen meu grado m' oj' eu partirei  
 De vós Señor, ù me vos espedir,  
 Como partir me de quanto ben ei,  
 E saber ben ca des que vos non vir,  
     Ca nunca ja poderei gran prazer  
     Ú vos non vir, de nulla ren veer.

Porque entendo que vos prazará,  
 M' averei ora de vos aquitar,  
 Mais nunca om' en tal coita será  
 Com' eu serei mentre sen vós morar,  
     Ca nunca ja &c.

E rogu eu deus, que tan de coraçõ  
 Me vos fez amar des quando vos vi,  
 Que el me torn' en algũa sazõ  
 Ú vos eu veja, ca ben sei de mi  
     Ca nunca ja &c.

## 269.

Per mi sei eu o poder que amor  
 A' sobr' aqueles que ten en poder,

Ca me faz el tan coitado viver  
 Que muit ay que ouvera sabor  
 Que me matasse; mais por me leixar  
 Viver en coita non me quer matar.

Por que sei eu que faz el outrossi  
 Aos outros, que en seu poder ten,  
 Com' a mi faz; poren me fora ben,  
 Per boa fe, des que o entendi  
 Que me matasse; &c.

Por que sei ben que nunca prenderei  
 Dela prazer per el, nulla sazon,  
 Poren querria, si deus me perdon',  
 O que vos digo por esto que sei  
 Que me matasse; &c.

## 270.

Dizen m' as gentes por que non trobei  
 A' gran sazon, e maravillan s' en;  
 Mais non sabem de mia fazenda ren,  
 Ca se ben soubessen o que eu sei,  
 Maravillar-s'-iam logo per mi  
 De como viv', e de como vivi,  
 E, se mais viver, como viverei.

**Mais non o saben, nen lle lo direi,  
 En quant' eu viva ja per neun sen;  
 Mais calar-m'-ei con quanto mal me ven,  
 E sempr' assi mia coita soffrerei;  
 Ca eu non quero mia coita dizer  
 A quen sei ben ca non mi á de poer  
 Consello, mais do que m' eu y porrei.**

**E o consello ja o eu fillei,  
 Que eu y porrei, c' assi me conven  
 Morrer coitad', como morre quen  
 Non ha consello, com' oj' eu non ei:  
 E esta morte mellor me será,  
 Ca de viver na coita que non á  
 Par, nen a ouve nunca, eu o sei.**

**E mellor est, e mais será meu ben  
 De morrer cedo, e non saberen quen,  
 E por quen moir', e que sempre neguei.**

271. *10379*

**Muitos vej' eu que se fazen de mi  
 Sabedores, que o nen son de pran,  
 Nen o foron nunca, nen o seran,**

E pois que eu deles estou assi,  
 Non saben tanto que possan saber  
 Qual est a dona que me faz morrer.

Ca sempre m' eu de tal guisa guardei  
 Que non soubessen meu mal, nen meu ben,  
 E fazem s' ora sabedores en;  
 Mais pero cuidan saber quant' eu sei,  
 Non saben tanto &c.

Diga x' andando quis o que quiser,  
 Ca me sei eu como deles estou,  
 Ben grad' a deus, que m' end' assi guardou,  
 Que se s' a questo per mi non souber,  
 Non saben tanto &c.

E muito saben se nunca saber  
 O per mi poden, nen per l' eu dizer.

272. 042

Muito ando triste no meu coração  
 Por que sei que m' ei mui ced' a quitar  
 De vós Señor, e ir allur morar,  
 E pesar-mi-á en, si deus me perdon',  
 De me partir de vós, per nulla ren,  
 E ir morar allur sen vosso ben.

Por que sei que ei tal coita soffrer ,  
 Qual soffri ja outra vez , mia Señor ;  
 E non averá y al , pois eu for ,  
 Que non aja gran pesar a prender  
 De me partir &c.

Ca mi aveo assi outra vez já ,  
 Mia Señor fremosa , que me quitei  
 De vós , e sen meu grad' allur morei ;  
 Mais este mui gran pesar me será  
 De me partir &c.

E quando m' eu de vós partir poren ,  
 Ou morrerei , ou perderei o sen.

273. V 43

Parti m' eu de vós , mia Señor ,  
 Sen meu grad' ùa vez aqui ,  
 E na terra ù eu vivi ,  
 Andei sempre tan sen sabor ,  
 Que nunca eu pude veer  
 De rem , ù vos non vi , prazer.

Na terra ù me fez morar  
 Muito sen vós , mia Señor , deus ,

Fez me chorar dos ollos meus,  
 E fez me tan coitad' andar,  
 Que nunca &c.

E des que m' eu de vós quitei,  
 Fezo me sempr' aver de pran  
 Nostro Señor mui grand' affan,  
 E sempre tan coitad' andei  
 Que nunca &c.

E non poderia prazer  
 Ú eu vos non visse, veer.

274. U 44

Meus amigos, muit' estava eu ben  
 Quand' a mia Señor podia falar  
 Na muy gran coita, que me fazia levar,  
 Nostro Señor, que mi a mostrou poren,  
 Me faz a min sen meu grado viver  
 Longe dela, e sen seu ben fazer.

Deus que lle mui bon parecer foi dar,  
 Por mal de min e destes ollos meus,  
 Me guisou ora que non visse os seus,  
 Por mi a fazer sempre mais desejar,  
 Me faz a min &c.

Nostro Señor que lle deu mui bon prez,  
 Mellor de quantas outras donas vi  
 Viver no mund', e de pran est assi;  
 Deus, que ll' a ela tod' este ben fez,  
 Me faz a min &c.

E faz mi a força de min ben querer  
 Dona a que non ouso ren dizer.

275. *V 15*

~~Estes~~ que ora dizen, mia. Señor,  
 Que saben ca vos quer' eu muy gran ben,  
 Pois en nunca per my souberon ren,  
 Querria agora seer sabedor  
 Per quen o poderon eles saber;  
 Pois mi o vós nunca quisestes creer

Ca mia Señor sempre o eu neguei  
 Quant' eu mais pude, assi deus me perdon',  
 E dizen ora quantos aqui son  
 Que o saben, mais como saberei,  
 Per quen o poderon &c.

276. 1395

A dona que ome Señor devia  
 Con dereito chamar, per boa fe;  
 Meus amigos, direi vos eu qual é:  
 Ûa dona que eu vi n' outro dia,  
 E non ll' ousei mais d' aquesto dizer;  
 Mais quen a visse podess' entender  
 Todo seu ben, Señor la chamaria.

Ca Señor é de muito ben e *via, vi-a* 9  
 Eu por meu mal sei o, per boa fe,  
 E de morrer por en gran dereit' é;  
 Ca ben sob' eu quanto m' end' averria  
 Morrer assi com' eu moiro, perder,  
 Meus amigos, o corp' e non poder  
 Veer ela, quando veer querria.

E tod' aquesto m' ant' eu entendia  
 Que a visse; mas tant' oy falar  
 No seu ben que me non soube guardar,  
 Nen cuidava que tan ben parecia,  
 Que log' eu fosse por ela morrer;  
 Mais ù eu vi o seu bon parecer,  
 Vi, amigos, que mia morte seria.

E por esto que ben consellaria  
 Quantos oyren no seu ben falar,  
 Non a vejan, e poden se guardar  
 Mellor ca m' end' eu guardei, que morria,  
 E dix'e mal, mais fez me deus aver  
 Tal ventura, quando a fuy veer  
 Que nunca dix' o que dizer queria.

## 277.

Que eu mui de grado querria fazer  
2 ~~Eu~~ ùa tal cantiga por mia Señor,  
 Qual a devia fazer trobador,  
 Que a tal Señor fosse ben querer,  
 Qual eu ben quer'. e fazer non a sei,  
 E cuid' y muit', e en pero non ey  
 De faze-la qual merece poder.

Tan muit' avia mester de saber  
 Trobar, mui ben quen por a tal Señor  
 Trobar quissesse, a mi pecador  
 Nunca deus quisso dar á entender  
 A tal razon, qual oj' eu mester ey,  
 Pera falar no que sempre cuidei,  
 No seu ben, e no seu bon parecer;

Mas como pod' achar boa razon  
 Ome coitado que perdeu o sen,  
 Com' eu perdi, e quando falo ren  
 Ja non sei que me digo, nen que non,  
 E con gran mal non pod' ome trobar;  
 E prazer non ei, se non en chorar,  
 E chorando nunca farei bon son!

E por aquesto ben vej' eu que non  
 Posso fazer a cantiga tan ben  
 Por que ja soon fóra de meu sen,  
 Chorando cativ', e meu coraçõ  
 Ja non sab' al fazer se non cuidar  
 En mia Señor, e se quero cantar,  
 Choro; ca ela me nenbra enton.

278. V 150

Oy eu sempre mia Señor *dizer*  
 Dizer *que* peor é de soffrer *o gran ben*  
~~O gran ben ca o gran mal;~~ *←*  
 E maravillo m' en, e non o pude, nen posso  
 Ca soffr' eu mal por vós, qual mal *ser* (creer,  
 Señor *me* quer matar, e guaria mellor,  
 Se me vós ben quisesedes fazer.

E se eu ben de vós podess' aver,

Ficass' o mal que por vós ei a quen  
 Aquesto diz, e o que assi ten  
 O mal en pouco, faça o viver  
 Deus, con mal senpr', e con coita d' amor  
 E pod' assi veer qual é peor,  
 Do gran ben ou do gran mál, de soffrer.

E o que esto diz, non sab' amar,  
 Neúa cousa tan de corazón,  
 Com' eu Señor amo vos, de mais non  
 Creo que sabe que xe desejar  
 Tal ben, qual eu desejei des que vi  
 O vosso bon parecer, que des y  
 Me faz por vós muitas coitas levar.

E de qual eu Señor ouço contar  
 Que o ben est e faz gran traicion  
 O que ben á se o seu corazón  
 En al pon' nunca, se non en guardar  
 Senpr' aquel ben; mais eu que mal soffri  
 Senpre por vós, e non ben des aqui,  
 Terriades por ben de vos nenprar.

Se o fcerdes, faredes ben y,  
 Se non, se ben viverei senpr' assi;  
 Ca non ei eu outro ben de buscar.

279.

Dizen Señor ca distes por mi  
 Que foi ja temp', e que foi ja sazon,  
 Que vos prazia d' oyrdes enton  
 En mi falar, e que non é ja si.

L de 9

»Dizen verdad', amigo, por que non  
 Entendia o que pois entendi.

E Señor dizen; pero vos tal ben  
 Quero, que moyro, que ren non me val,  
 Ca vós dizedes dest' amor a tal  
 Que nunca vos ende se non mal ven:

»Dizen verdad', amigo, e pois é mal,  
 Non y faledes, ca prol non vos ten.

Pero cuid' eu, fremosa mia Señor,  
 Des que vos vi que sempre me guardei  
 De vos fazer pesar, mais que farei  
 Ca por vós moir', e non ei d' al sabor:

»Non vos á prol', amigo, ca ja sei  
 O porque era todo voss' amor.

## 280.

Coidava m' eu, quand' amor non avia,  
 Que non podes' el comigo poder,  
 Mais pois lo ei ja, non cuidaria;  
 Ca me non sei, nen posso deffender;  
 E por que soub' esto de min amor,  
 Fezo m' el que amase tal Señor  
 En quen lle mostrass' o seu poder.

E de guisa mi o mostrou, que queria  
 Ante mia mort' oje mais ca viver,  
 Ca soffro coita qual non soffreria,  
 Mas ey, a mal que me pes', de soffrer,  
 Ca de guisa me ten vencud' amor,  
 Que se deus ou gran mesura non for,  
 De mia Señor pos' en coita viver.

Mais esta mesura como seria  
 De mia Señor, ca non ll' ousou dizer  
 Que me valla, ca sei ca me diria  
 Que me quitasse ben de a veer,  
 E por aquesto ben sei que amor  
 Me faria cada dia peor,  
 Se ll' o dissesse, e non n' ousou dizer.

## 281.

Quantos oj' andam en o mar aqui  
 Coidan que coita no mundo non á,  
 Senon do mar, nen an outro mal já,  
 Mais d' outra guis' acontece oje a mi:  
     Coita d' amor me faz escaecer  
     A muy gran coita do mar e teer

Pola mayor coita de quantas son  
 Coita d' amor, a quen a deus quer dar:  
 E é gran coita de mort' a do mar,  
 Mas non é tal, e por esta razon  
     Coita d' amor &c.

Pola mayor coita per boa fe,  
 De quantas forom, nen son, nen serán;  
 E estes outros que amor non an  
 Dizen que non; mas eu direi qual' é  
     Coita d' amor &c.

Por mayor gran coita a que faz perder  
 Coita do mar, que faz muitos morrer.

Señor fremosa, pois que deus non quer,  
 Nen mia ventura, que vos eu veer  
 Poss', e conven m' oje mais a soffrer  
 Todas las coitas que soffrer poder  
 Por vós, e quero ja sempre coidar  
 En qual vos vi, e tal vos desejar  
 Todo los dias en que eu viver.

E mort' assi veña, quando veer,  
 Ca desejos non ey eu de perder  
 Da mansdume, e do bon parecer,  
 E da bondade, se eu ben fezer,  
 Que en vós á; mais quero a deus rogar  
 Que me leixe meu temp' assi passar,  
 Desejando qual vos vi, e soffrer.

Ca en desejos é todo meu ben,  
 E dizen outros que an mal, Señor,  
 Desejando; mais eu fillo y sabor,  
 Ca desejo qual vos vi, e poren  
 Vivo, ca senpre cuid' en qual vos vi,  
 E a tal vos desejei des ali,  
 E descjarei mentr' eu vivo for,

Ca sen desejos nunca eu vi quen  
 Podess' aver tan verdadeir' amor,  
 Como 'oj' eu ey, nen fosse soffredor  
 Do que eu soffro; e esto me manten  
 Grandes desejos que ei, e assi  
 Quero viver; e o que for de mi  
 Seja, ca esto teñ' eu por mellor:

Desejar sempre ca des que non vi  
 Vós, non vivera ren do que vivi,  
 Se non coidando en qual vos vi Señor.

## 283.

Pois mia ventura tal é peccador  
 Que eu ey por mellor mort' a prender,  
 Muito per devo a deus agradecer,  
 E a servir, en quant' eu vivo for,  
 Por que moiro ù mentira non á  
 Por tal moller, que quen a vir dirá  
 Que moiro eu ben morrer por tal Señor:

Ca pois eu ey tan gran coita d' amor,  
 De que ja muito non posso viver,  
 Muit' é ben saberen, pois eu morrer,  
 Que moir' con dereit'; e gran sabor



Ey eu desto; mais mal baratará,  
 Pois eu morrer, quen mia Señor verá;  
 Ca morrerá como eu moir' ou peor.

Ca non á no mundo tan soffredor  
 Que a veja que se possa soffrer,  
 Que lle non aja gran ben de querer;  
 E por esto baratara mellor  
 Non a veer, ca ren non lle valrrá;  
 E per forza ben assi morrerá,  
 Com' eu moiro de ben desejadore.

Mais eu que me faço consellador  
 D' outros, de vera pera min prender  
 Tal consello; mais foron mi o toller  
 Meus pecados, por que vi a mellor  
 Moller que nunca naceu, nen será;  
 E moiro por ela, per o que a;  
 Moiro mui ben se ende sabedor.

Ela pero sei que lle plazera  
 De mia morte, ca non quis, nen querrá,  
 Nen quer que eu seja seu servidor.

---

## 284.

Señor fremosa, por nostro Señor,  
 E por mesura, e por que non á  
 En min se non mort', e cedo será,  
 E por que soon vosso servidor,  
     E polo ben que vos quer' outrossi,  
     Ay meu lume! doede vos de min!

Por mercê é que vos veño pedir,  
 E por que soon vosso, e por que non  
 Cato por al, nen seria razon,  
 E por que sempre vos ey a servir  
     E polo ben &c.

Por que vós nunca podedes perder  
 En aver doo de min, e por qual  
 Vos fezo nostro Señor, e por al,  
 Por que sub' eu qual sodes coñocer,  
     E polo ben &c.

Por quan mansa e por quan de bon prez,  
 E por quam a posto vos fez falar  
 Nostro Señor, e por que vos catar  
 Fez mais fremoso de quantas el fez,  
     E polo ben &c.

285. V428

A mia Señor, que por mal destes meus  
 Ollos eu vi, fuy lle gran ben querer,  
 E o mellor que dela poid' aver,  
 Des que a vi, direi volo par deus,  
     Disso m' oje ca me queria ben,  
     Pero que nunca me faria ben.

E por esto que me disso cuidou  
 Min a guarir, que ja moiro, mais non  
 Perdi poren coita do coraçon  
 Pero ben foy mais do que me matou,  
     Disso m' oje &c.

E por aquesto cuida que seu prez  
 Tod' á perdido, e vedes qual Señor  
 Me faz amar muito deus, e amor,  
 E o mellor que m' ela nunca fez,  
     Disso m' oje &c.

E entendeu ca me quer a tal ben,  
 En que non perde, nen gaano eu ren.

---

## 286.

De quantas cousas en o mundo son,  
 Non vejo eu ben qual pod' ensemellar  
 Al Rey de Castella e de Leon,  
 Se lúa, qual vos direi: o mar: *León 9*  
 O mar semella muit' aqieste Rey;  
 E daqui endeante vos direi  
 En quales cousas, segundo razon.

O mar dá muit', e creede que non  
 Se pod' o mundo sen el gobernar;  
 E podé muit' e tal coraçon  
 Que o non pode ren apoderar;  
 Des y ar temudo, que non sei  
 Quen o non tema, e contar vos ey  
 Ainda mais; e judga m' entón.

En o mar cabe quant' y quer caber,  
 E manten muitos, e outros y a;  
 Que x' ar quebranta e que faz morrer  
 Enxerdados, e outros a que dá  
 Grandes herdades e muit' outro ben;  
 E tod' esto que vos cuncto aven  
 Al Rey, se o sooberdes conocer.

E da mansedume vos quero dizer  
Do mar non á cont' e nunca será  
Bravo, nen sañado, se ll' o fazer  
Outro non fezer, e soffrer vós á  
Toda las cousas; mais se en desden,  
Ou per ventura algun loco ten,  
Con gran tormenta o fará morrer.

Estas mañas, segundo meu sen,  
Que o mar á, á el Rey. E por en  
Se semellan quen o ben entender.

---

## 1.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO AS TROVAS QUE FICARAM SEM COLLOCAÇA'Ó, POR HAVER DÚVIDAS PARA ESTA, OU POR PARECEREM ESTRANHAS AO ASSUMPTO GERAL DAS OUTRAS.

---

(a).

Pouco vos nenbra, mia Señor,  
 Quant' afan eu por vós levei,  
 E quanta coita por vós ey,  
 E quanto mal me faz amor,  
     Por vós, e non me creedes  
     Mia coita, nen me valedes.

E Señor ja perdi o sen,  
 Cuidand' en vós, et o dormir,  
 Con gran coita de vos servir,  
 Et outro mal muito me ven  
     Por vós, &c.

Por vós me veo muito mal,  
 Des aquel di' en que vos vi,  
 Et vos amei, e vos servi,  
 Vivend' en gran coita mortal,  
 Por vós, &c.

E desmesura fazedes  
 Que vos de mi non doedes.

(b).

Se eu ousass' a Mayor Gil dizer  
 Como ll' eu quero ben, des que a vi,  
 Meu ben seria dizer ll' o assi,  
 Mais non ll' o digo, ca no ey poder  
 De lle falar en quanto mal me ven,  
 Et quantas coitas, querendo lle ben.

Como ll' eu quero ben de coraçõ  
 Se ll' o dissesse ben seria ja,  
 Mais por que sei que mi o estrañiará  
 Sol non ll' o digo, ca non ey sazõ  
 De lle falar en quanto &c.

Se ll' eu dissess' en qual coita d' amor  
 Por ela viv', e quant' afan ey,

Meu ben seria, mais non ll' o direi,  
 Per nulla guisa, ca ey gran pavor  
 De lle falar en quanto &c.

Mais de tod' esto non lle dig' eu ren,  
 Nen ll' o direy, ca lle pesará en.

(c).

Cativo mal consellado  
 Que me non sei consellar,  
 E senpre viv' en cuidado;  
 Pero non posso cuidar  
 Cousa que me proe teña  
 Contra quen m' en coita ten;  
 Ante cuid' eu que me veña  
 Peor do que m' ora ven.

Cuid' est', e cuido guisada  
 Ca me quis deus aguisar  
 Que senpr' amei desamado;  
 E faz me Señor amar  
 Tan de prez, e que parece  
 Tan ben, que per parecer  
 Et per prez, outre merece,  
 Que a possa merecer.

o/ 9

Mais non am' eu per meu grado,  
 Nen ar cuid' agradar  
 D' amor, que me ten forçado;  
 Pero quero m' esforçar  
 Con sen, e con lealdade,  
 D' amar e seer leal;  
 E Señor tan sen maldade,  
 Non me fará sempre mal;

Ca sempr' eu serei pagado  
 De quanto s' ela pagar,  
 E de fazer seu mandado  
 Se m' ela quiser mandar,  
 Como se me ben fezesse;  
 Assi como me mal faz,  
 Ou ll' o meu amor prouguesse,  
 Assi como lle despraz.

(d).

Quen viu o mundo qual o eu ja vi;  
 E viu as gentes que eran enton,  
 E viu aquestas que agora son,  
 Deus! quand' y cuida que pode cuidar,  
 Ca me sin' eu per min quando cuid' y;  
 Por que me non vou algur esterrar,  
 Se poderia mellor mund' achar.

Mundo tenemos fals' e sen sabor,  
 Mundo sen deus, e en que ben non á,  
 E mundo tal que non corregerá;  
 Ante o vejo sempre enpeorar:  
 Quand' est' eu cat', e vej' end' o mellor,  
 Por que me &c.

Ú foy mesur' ou grandez' ù jaz  
 Verdad, ù é quen amigo leal  
 Que fuy d' amor ou trobar, por que sal  
 A gente, e triste sol non quer cantar,  
 Quand' est' cat', e quanto mal s' y faz  
 Por que me &c.

Viv' eu en tal mund', e faz m' y viver  
 Úa dona que quero muy gran ben,  
 E muit' á já que m' en seu poder ten  
 Ben del-o temp' ù soyan amar,  
 Oy mais de min, pode quen quer saber  
 Por que me &c.

Mais en tal mundo por que vay morar  
 Ome de prez que s' en pod' alongar?

(e).

Algũa vez dix' eu en meu cantar  
 Que non querria viver sen Señor,  
 E por que m' ora quitei de trobar,  
 Muitos me teen por quite d' amor,  
 E cosecen me do que fuy dizer  
 Que non queria sen Señor viver  
 Com' or' assi me foi d' amor quitar.

Ja m' eu quisera con meu mal calar,  
 Mais que farei con tanto cousidor?  
 Aver lles ey mia fazenda mostrar,  
 Que non teñan que viv' eu sen amor;  
 Ca Señor ey, que me ten en poder,  
 E que sabe que lle sei ben querer;  
 Mais eu ben sei ça lle faç' y pesar.

E se trobar, sei ca lle pesará;  
 Pois que lle pesa de lle querer ben,  
 E se m' alguen desamar prazer-ll'-á en  
 D' oyr o mal, que me per amor ven;  
 E ar pesará quen me ben quiser  
 Poren non trobo, ca non m' é mester,  
 Mais que non a m' esto nunca será.

E meu trobar, aquesto sei eu ja,  
 Que non mi á prol' se non por ùa ren:  
 Per queixar om' a gran coita que á,  
 Ja que lezer semella, que ll' en ven;  
 Mais se mia coit' eu mostrar e disser;  
 Pois y pesar a mia Señor fezer,  
 Coit' averei que par non averá.

E de tal coita, en quant' eu poder,  
 Guardar m' ey sempre, e o que sen ouver;  
 Pois lo souber, nunca m' en cousirá.

(f).

Amor non qued' eu amando,  
 Nen quedo d' andar puñando,  
 Como podesse fazer,  
 Per que vossa graça ouvesse  
 Ou a mia Señor prouguesse,  
 Mais pero faç' a poder,  
     Contra mia desaventura  
     Non val amar, nen servir,  
     Nen val razon, nen mesura,  
     Nen val calar, nen pedir.

Am' e sirvo quanto posso,

E praz me de seer vosso ,  
 E sol que a mia Señor ,  
 Non pesasse meu serviço ,  
 Deus non me dess' outro viço ,  
 Mais fazend' eu o mellor ,  
     Contra mia desaventura &c.

Que quer que mi a min gracido  
 Fosse de quant' ey servido ,  
 Que mi a min nada non val ,  
 Mia coita viço seria ,  
 Ca servind' atenderia  
 Gran ben , mais est' é meu mal :  
     Contra mia desaventura &c.

Por que sol dizer a gente  
 Do que avia lealmente ,  
 Se s' en non quer enfadar ;  
 Na cima gualardon prende ,  
 Am' eu e sirvo por ende ,  
 Mais vedes ond' ey pesar :  
     Contra mia desaventura &c.

Mais pois me deus deu ventura ,  
 D' eu tan bon logar servir ,  
 Atender quero mesura

Ca me non á de falir

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

(g).

No mundo non me sei parella  
 Mentre me for, como me vay,  
 Ca ja moiro por vós e ayl  
 Mia Señor branca e vermella;  
 Queredes que vos retraya,  
 Quando vos eu vi en saya,  
 Mao dia me levantei,  
 Que vos enton non vi fea.

E mia Señor des aquel dia y.  
 Me foy a mi muy mal,  
 E vós filla de don Paay  
 Moniz, e ben vos semella  
 D' aver eu por vós guarvaya;  
 Pois eu mia Señor d' alfaya,  
 Nunca de vós ouve, nen ey  
 Valia d' ùa correa.

20

(h).

Pois non ei de don' Alvira  
 Seu amor, e ei sa ira,  
 Esto farei sen mentira,  
 • Pois me vou de Sancta Vaya,  
   Morarei cabo da Maya  
   En Doir', entr' o Port' e Gaya.

Se cress' eu Martin Sira,  
 Nunca m' eu dali partira  
 D' ù m' el disse que a vira,  
 En Sant' oane en saya;  
   Morarei &c.

(i).

Par deus, ay dona Leonor!  
 Gran ben vos fez nostro Señor.

Señor parecedes assi  
 Tan ben, que nunca tan ben vi,  
 E gran verdade vos digi  
 Que non poderia mayor.  
   Par deus, ay dona Leonor!  
   Gran ben vos fez nostro Señor.

E deus que vos en poder ten,  
Tan muito vos fezo de ben  
Que non soub' el no mundo ren,  
Por que vos fezesse mellor.  
Par deus, ay &c.

En vós mostrou el seu poder,  
Qual dona sabia fazer,  
De bon prez e de parecer,  
E de falar fez vos Señor  
Par deus, ay &c.

Com' antr' as pedras bon rubi,  
Sodes antre quantas eu vi,  
E deus vos fez por ben de mi,  
Que ten comigo gran amor:  
Par deus, ay &c.

---

## 2.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO OS TROÇOS QUE PARECEM FRAGMENTOS (DE PRINCIPIO) DE CANTARES, OU QUE EVIDENTEMENTE O SA'O.

---

(j).

(Depois da 79).

Par deus Señor sei eu mui ben  
 Ca vos faço mui gran pesar  
 De que vos sei tan muit' amar,  
 Mais se o sei non ar sei ren,  
 Per qu' end' al possa fazer,  
 En quant' eu no mundo viver.

E pesa vos por que non ei  
 Eu poder no meu coração  
 D' amar, mia Señor, se vós non,  
 Mais pero vos pesa non sei

(k).

(Depois da 64).

**Meu coração me faz amar**  
**Señor a tal de que eu ei**  
**Todo quant' eu aver coidei,**  
**Des aquel dia en que a vi,**  
**Ca senpr' eu dela atendi**  
**Desej' e coita, ca non al.**

(l).

(Antes da 157).

**Meus ollos, gran cuita d' amor**  
**Me dades vós, que sempr' assi chorades;**  
**Mais ja des aqui, meus ollos,**  
**Por nostro Señor,**  
**Non choredes que vejades**  
**A dona porque chorades.**

---

(m.)

(Guarda).

E que ouvesse de morrer  
 Señor vendo ..... ar  
 Que mais soubesse amar  
 De quantas Deus quiser,  
 Eu non podéra mais viver,  
 Ú vos foron daqui fillar  
 A guisa de vos elevar,  
 E vos non puyd' y valer.

(Seguiam duas oitavas que estão illegiveis).

Que nunca me ad' esquecer  
 E no meu mal sempre.... ar,  
 Ben me posso maravillar  
 Por mia morte non aver.  
 E nunca deus queira prazer  
 Que nunca el queira mostrar  
 A null' ome tanto pesar  
 Quant' el poderia sofrer.

---

(n).

(Idem).

Amigos, começa o meu mal  
 De que ja non temia ren,  
 E achava que era ben  
 . . . . . mal  
 Ca o dem' agora d... m...  
 Fez fillar outra Señor.

E ja dormia todo meu  
 Sono, e ja non era sol,  
 E podia fazer mia prol  
 Mais lo poder ja non é meu,  
 Ca o dem' &c.

Que ledo me faza ja  
 Quando se amor de min quitou  
 Un pouco que mi a min leixou,  
 Mais d' outra guisa me vay ja,  
 Ca o dem' &c.

E non se dev' om' alegrar  
 Muito de ren que poss' aver;

Ca en que o quize fazer ,  
 Non ey ja de que m' alegrar ;  
 Ca o dem' &c.

Que dem' a comend' eu amor ,  
 E beeiga deus la Señor ,  
 De que non será sabedor  
 Null' om' en quant' eu vivo for.

(o).

(Idem).

Que mui gran prazer oj' eu vi  
 Ú me vos deus mostrou Señor ,  
 E ben vos faço sabedor  
 Que pois que m' eu de vós parti  
 Non cuidara tant' a viver  
 Como ..... er.

(p).

(Depois da 71).

Pero que puñ' en me guardar  
 Eu mia Señor de vos veer ,

Per ren non mi o queren soffrer  
 Esses que non poss' eu forçar  
 Meus ollos e meu coração,  
 E amor todos estes son  
 Os que me non

(g).

(Depois da 91).

Quen boa dona gran ben quer  
 De pran todo dev' asoffrer  
 Quanto ll' ela quiser fazer,  
 E se ll' algun pesar fezer,  
 Ben o dev' asoffrer en paz  
 E mostrar senpre que lle praz  
 De quanto a ela

(r).

(Depois da 183, f. 81).

Eu desejo meu mal

(Depois da 248).

Por muitas cousas eu que

(8).

(Depois da 288).

Ja eu Señor muitas coitas passei  
 Sempr' atendendo ben que non preñdi  
 De vós, que eu en mal dia servi,  
 Et non vos pes', et preguntar vos ey  
 Señor de mi, e de quanto

. . . . .  
 . . . . .

---

### 3.º SUPPLEMENTO.

CONTENDO OS TROÇOS QUE MANIFESTAMENTE SÃO OS FINAES DE VARIOS CANTARES, OU SÃO ESTES FALTOS DE PRINCIPIO.

---

(1).

(Antes da 49).

Mais non quis deus que meu mal entendesse  
 E mostrou mi o vosso parecer,  
 Por mal de min, e non m' ar quis valer  
 El contra vós, nen quis que m' al valesse.

E mia Señor se eu morte prendesse  
 Aquel primeiro dia en que vos vi,  
 Fora meu ben, mais non quis deus assi;  
 Ante me fez por meu mal que vivesse;  
 Ca me valera a mi mais de prender  
 Morte a quel dia, que vos foy veer,  
 Que vos eu visse, nen vos conosciesse.

(u).

(Antes da 129).

Disser algũa ren ca vos dirá pesar.

A min aven a que quis deus guisar  
 D' aver gran coita ja mentr' eu viver;  
 Pois a vós pesa de vos eu dizer  
 Qual ben vos quero; mais a deus rogar  
 Quer' eu assi, ca assi m' é mester  
 Que el me dê mia morte, se non der  
 Tal coraçon a vós, d' en non pesar.

E mia Señor, por deus que vos falar  
 Fez mui mellor, e mellor parecer,  
 De quantas outras donas quis fazer,  
 Por tod' aqueste ben que vos fuy dar,  
 Vos rog' oj' eu por el, que pois el quer,  
 Que vos eu ame mais, d' outra moller,  
 Que vos non caia Señor en pesar.

---

(v).

(Antes da 151).

folia

Que faç' y grand', entende-la-ya  
 Se a fezess' outre, e non ei ventura  
 De saber me guardar de gran loucura.

E mia Señor sei eu guardar outren,  
 E a mi que mi avia mais mester,  
 Non sei guardar, e se me non valer *✓ v St. B*  
 Escontra vós, mia Señor, outra ren,  
 Non mi á mi prol, quando me prol non ten  
 Cousimento que me valer devia,  
 E mia Señor vel por Sancta Maria,  
 Pois deus non quer que eu faza cordura,  
 Fazed' y vós cousiment' e mesura.

E de pran, segundo meu conoscer,  
 En vos querer mui gran ben, mia Señor,  
 Eu que non cuido mentre vivo for,  
 Mais mi a deviades vós agradecer, *it D.*  
 Señor fremosa, de vós ben aver;  
 Ca, se vos eu mia Señor amasse,

Por algun ben que eu de vós cuidasse  
 Aver, mais deus non me dê de vós grado,  
 Se eu Señor ey ren deste cuidado.

(w).

(Antes da 143).

En que foi senpre ei ja de seer

(x).

(Antes da 218).

E servir vos ey ja mentr' eu viver.

(y).

(Antes da 238).

. . . . .

E direi vo-lles eu poren

Quanto mi aora oistes dizer :

Moir' eu por que non vej' aqui &c.

**E non digu eu das outras mal,  
Nen ben, nen sol non falo y,  
Mas, pois vejo que moir assi,  
Dig' esto, e nunca direi al:  
Moir' eu por que &c.**

(z).

(Antes da 289).

**Mais ambos y faredes o mellor;  
Ca pois o meu ben servi a bon Señor,  
Bon galardon devedes a levar.**

---



## APPENDICE 1.º

*(Vej. Introd. p. X.)*

## ROMANCE DO CONDE DE BARCELLOS.

## I.

Um anno cumpria  
Que el rei D. Diniz,  
Chamado por Deus,  
Finado se havia;

Por isso pedia  
A boa Isabel,  
A santa Rainha,  
Por sua alma pia.

Tambem resaria  
Magoado seu filho,  
O rei D. Affonso,  
E s' arrependia

Das guerras impias,  
Com que assolára  
Do pai os dominios,  
Por dias e dias.

Tambem o carpia  
Com grande fervor,  
Com dor mui profunda,  
Que a alma feria,

A que parecia  
Mais bella e mais moça:  
Seu avô chorava  
A Infanta Maria,

Que muito queria  
A avó que a criara,  
A santa Isabel,  
Que santa seria.

E a Deus rogava  
Seu pai fizesse  
Rei tao' leal:  
E supplicava  
Que a reino desse  
De Portugal,  
Que tanto amava,

De bens larga messe  
Livrando-o do mal.

Mui de perto a via  
O Conde D. Pedro:  
Treze annos contava  
A Infanta Maria.

. . . . .

II.

Fugira a alegria  
Do rosto do Conde;  
Nem pode explicar  
A dor que sentia.

E tanto soffreu,  
Até que um dia  
Um brado soltou,  
Que ja nao' podia  
Mais tempo abafar  
A dor que sentia.

E aos brados seguia  
Tao' ternos, tao' meigos,  
Cadentes, rimadas,  
Que bem se sabia

Que tal poesia  
Tao' nobre e sentida,  
Do fundo lá d' alma  
Nascer-lhe devia.

E quanto dizia  
Ao seu cancionista  
E a ella cantando  
Tambem transmittia:  
E assim descubria  
A dor que sentia.

D. Pedro é o aman-  
A quem o condado (te,  
Da forte Barcellos  
Fôra antes doado

Por seu pai e rei,  
Diniz o finado,  
Que sempre o tivera  
Por filho presado.

E assim o fizera,  
No tempo passado,  
Alferes maior,  
E o tinha a seu lado.

E agora queria  
Da irmã ser criado  
Para ver della a filha,  
A Infanta Maria.

E o nome que havia  
Do Infanta no peito  
Nao' pode calar,  
Porem repetia:

Só nao' decidia ,  
 Por fino disfarce ,  
 Se era Joana ,  
 Ou Sancha , ou Maria.

Mas tinha porfia  
 Por sua belleza  
 C' os mais trovadores ,  
 Que na corte via.

### III.

E já o queria  
 Por tanta ternura  
 E provas d' affecto  
 A Infanta Maria.

Mas certo máo dia  
 Dos Paços á porta  
 Estranho enviado  
 Das andas descia.

O que pretendia  
 Perguntam anciosos  
 Da Corte os senhores  
 De mais galhardia :

Um só o sabia : ...  
 Niuguem lh' o dissera ;  
 Mas seu coração'  
 Mau grado o previa ...

Sabeis quem seria ?  
 O amante da Infanta ,  
 Que nella pensava  
 De noite e de dia.

D' el rei de Castella  
 É o tal enviado ,  
 Que a mao' da Infanta  
 Pedir vem bom grado.

Ninguem ainda o dis-  
 E o Conde , coitado , (se,  
 De mais já en sabe ,  
 E está lacerado .

E mais todavia ,  
 Bem credes , ficou  
 Quando ella lhe disse  
 Que el rei consentia .

¡Com que barbaria  
 Assim dois amantes  
 Separas tao' caros  
 Cruel sorte impia !

O Conde carpia  
 Seu mal , e chorava  
 Ao ver novas terras  
 P' ra onde partia ;

Mas nada valia  
 A tranquilisal-o :



Cansado d' ausencia  
Ao reino volvia.

## IV.

E ella se ia  
A raia a cazar-se  
C' o rei D. Alonso,  
O da monteria.

Logo elle a seguia  
No seu palafrem,  
C' os ricos jaezes  
De mais louçania.

E se despedia,  
Ai triste! chorando....  
«Seu lume e seu bem»  
Tambem choraria.

Em tanto soffria  
Tal dor de a nao ver,  
Que d' ir a Castella  
Porem resolvia

E ja se partia  
Correndo a cavallo;  
E foi a Barcellos,  
E viu a Faria;

Mais terras veria  
Té ver a Segovia;

E lá no alcacer  
A quem mais queria.

No alcacer a via,  
Ali lhe falava;  
E já o bom rei  
De tal desconfia,

E a ella o dizia;  
Mas ella negava,  
Que ao proprio marido  
Só tal se atrevia.

E o zelo crescia,  
Até que a rainha  
Ao Conde em ma hora  
Assim refferia:

«Amigo a porfia  
Convem terminar;  
Já vedes que Alonso  
De nós desconfia.»

E quem o diria!  
O rei que inconstante  
Da bella rainha  
Nem caso fazia.

Só o divertia  
Leonor de Gusmao',  
Que o seu coração'  
Roubava a Maria.

Apobre que ia  
Ao pai, a correr,  
Mostrar como ao esposo  
Soccorros devia!

## V.

E o Conde gemia  
Ao ter que apartar-se;  
Mas era obrigado;....  
E já a nao' via.

Por mar recolhia  
À terra natal:  
E a bella rainha  
Que tal ficaria!

Ao convento elle ia  
Morrer de Tarouca,  
Que o mundo habitar,  
Ja mais nao' podia.

De noite e de dia  
Trovava pensando,  
Até que morreu,  
Na Infanta Maria.

Nem mesmoa esque-  
No seu testamento, (cia  
Que quando foi morto,  
Por ende s' abria.

E neste se lia:  
«As minhas cantigas  
Deixo ao rei esposo  
Da bella Maria.»

Mas já nao' vivia  
El rei de Castella,  
Que é morto da peste  
Tres dias havia.

Viuva partia  
A pobre rainha:  
E em Portugal  
Tambem sucumbia.

E o conto dizia  
Que só por amores  
D' Hespanha fugira,  
E o pai a nao' qu' ria...  
E ella morria!

## APPENDICE 2.º

TABELLA COMPARATIVA DAS CANTIGAS NUMERADAS DESTE LIVRO COM OS LOGARES EM QUE SE ACHAM NA PUBLICAÇÃO DE STUART.

|       |                    |                      |
|-------|--------------------|----------------------|
| Cant. | 1 a 24. . . . .    | Manuscripto inedito. |
| •     | 25 — 36. . . . .   | Fol. 97 a 100 verso. |
| •     | 36 — 48. . . . .   | • 75 — 77 v.         |
| •     | 49 — 56. . . . .   | • 49 — 50 v.         |
| •     | 57 — 64. . . . .   | • 51 — 52 v.         |
| •     | 65 — 68. . . . .   | • 41 e 41 v.         |
| •     | 69 — 71. . . . .   | • 55 — 53 v.         |
| •     | 72 — 94. . . . .   | • 42 a 45 v.         |
| •     | 92 e 95. . . . .   | • 94 v.              |
| •     | 94 a 99. . . . .   | • 95 — 96            |
| •     | 100 e 101. . . . . | • 96 v.              |
| •     | 102 a 111. . . . . | • 55 — 56 v.         |
| •     | 112 — 118. . . . . | • 104 — 105 v.       |
| •     | 119 — 128. . . . . | • 104 — 103 v.       |
| •     | 129 — 142. . . . . | • 65 — 67 v.         |
| •     | 143 — 147. . . . . | Manuscripto inedito. |
| •     | 148 — 150. . . . . | Fol 54 e 54 v.       |
| •     | 151 — 156. . . . . | • 47 e 48            |
| •     | 157 — 169. . . . . | • 71 a 75 v.         |
| •     | 170 — 172. . . . . | • 68 e 68 v.         |
| •     | 173 — 183. . . . . | • 78 v. a 81         |
| •     | 184 — 189. . . . . | • 81 v. a 82 v.      |
| •     | 190 — 217. . . . . | • 57 v. — 61 v.      |
| •     | 218 — 224. . . . . | • 69 — 70 v.         |
| •     | 225 — 234. . . . . | • 85 a 85 v.         |
| •     | 235 e 236. . . . . | • 86                 |

|                       |                      |
|-----------------------|----------------------|
| • 257 a 248. . . . .  | • 86 v. a 89 v.      |
| • 249 — 261 * . . . . | Manuscripto inedito. |
| • 262 — 266. . . . .  | Fol. 406 e 406 v.    |
| • 267 — 271. . . . .  | • 74 e 74 v.         |
| • 272 — 286. . . . .  | • 90 — 94            |
| • a a f. . . . .      | • 407 a 408 v.       |
| (g). . . . .          | • 48                 |
| (h). . . . .          | • 54                 |
| (i). . . . .          | • 78                 |

\* Estas folhas ineditas que aqui inserimos ficariam por ventura melhor arrumadas mais ao principio.

Quanto aos fragmentos de (k) a (z) em cada um delles vai marcado o logar em que estava.



## APPENDICE 3.º

## COMPOSIÇÕES EM DIALECTO GALLEGO.

## I.

## (Fragmento descriptivo).

Ali corren lebres  
E casar coellos;  
Os homes nas festas  
Despois van vendelos.

Dali daquel chan,  
Tan alto en extremo,  
Se vê toda a vila  
Con seus arrodeos.

Se vê o mar bravo,  
Se ve o mar quedo,  
De Ons e de Tambo  
As Ilhas de lejos.

Se ve Porto Novo  
E junto S. Xenxo  
Marin e Combarro  
Lourido e Campelo.

Por fin os navios  
E barcos dos pescos  
Se veen navegar  
E mais estar quedos.

Os olhos se fartan  
Con tanto recreio  
De terra, de verde,  
De mar, e de Céu.

Ali no chan dito  
Subindo ou decendo  
A gente se para  
Retouça ou velo.

S' assenta no chan  
Ou sobre un penedo  
E colle refolgo  
C' o ventu mareiro.

Ali as meninas,  
As mozas, os nenos,  
As velhãs, os moços,  
Os homes, os vellos

Que beñan, que vol-  
A vila ao Esdo (ten  
Almosan, merendan  
E faz-lhes proveito.

## II.

## O DESCONSOLO.

PELO SR. D. ALBERTO CAMINO.

D' esta fontíña á beira froleada  
 Sentado á sombra d' un choron estou  
 Doido o peito, a alma esconsolada,  
 Triste morrendo pouco á pouco vou.

Desde q' a negra morte aquela prenda  
 Que tanto quixen me arrancou sin dor  
 Solás non acho en nada, e solta a renda  
 A pena, choro o meu perdido amor.

¡Quen-o-diria! tan garrida e nova  
 Doce cal rula, e branca cal xasmin  
 Tan cedo habias de baixar á cova,  
 Piedade Ceos ¡ay! piedá de min.

¡Solo quedei no mundo, solo, solo!  
 ¿Qu' ei de facer?.... chorar e mais chorar!  
 E qu' ainda te vexo no meu colo  
 Sabeliña querida, maxinar.

Xa non iremos mais po-los roleiros  
 En compañía amorosa ás moras, non;  
 Nin baixo dos follosos ameneiros  
 As coitas che direi do corazón.

¡Cantas veces da auga d' esta fonte  
 Che din, miña vidiña, po-la mao!  
 Cantas os dous deixabamos o monte  
 Por tomar aquí o fresco, aló no brau.

E nas tardes de outono... ¡non te acordas...  
 Mais ¡que digo acordar? si te perdim!!!  
 Partenseme ¡ay! do corazon as cordas  
 Penso q' ainda aquí estás... louco de min

N' outono... pois con alegría moita  
 Nos ibamos ó longo castañal  
 E a rebaladas eu guindaba froita  
 Mentras ti regalabas me eu cantar

E tamen cando... ¡pero a qué memoria  
 Fago de tempo aquel? ¡ay! calarei!!!  
 Mira-me, Sabeliña, desde a groria:  
 Por ti de cote triste chorarei.

## APPENDICE 4.º

GLOSSÁRIO DE ALGUMAS VOZES ANTIQUADAS, MENOS  
CONHECIDAS, QUE SÊ USAM NESTAS CANTIGAS.

*Abbreuiaturas*: *A. S.*, Alonso el Sabio; *D. D.*, D. Diniz;  
*Ber*, Berceo; *Al.*, poema Alexandro; *Arc.*, Arcipreste  
de Hita; *F. J.*, Fuero Juzgo; *M.*, Dicc. de Moraes.

**ADUBADO**, disposto, de-  
cidido (*F. J.*).

**ADUR**, Apenas (*M.*).

**ADURAR**, Durar. O em-  
prego da prothese é  
tao' frequente, se  
bem que nem sem-  
pre se encontre a  
particula unida, que  
evitaremos compre-  
hender outras mui-  
tas palavras analogas  
a esta.

**ALLUR**. A outra parte  
(*D. D.*).

**ANCOBRIR**, Encobrir.

**ANDURAR**, Vej. Endu-  
rar.

**ANVIDOSO**, Envejoso,  
desejoso.

**AORA**, Agora.

**AQUESTE**, O, Este, isto.

**AR**, Algures, agora (*D.*  
*D.*).

**ANSANDECER**, Ensande-  
cer.

**ASCONDER**, Esconder.

**ASCUITAR**, Escutar.

**AVIDAR** OU **AVINDAR**,  
Compor os desavin-  
dos. Este verbo, que  
falta nos dictionarios  
portuguezes, é quan-  
to a nós, o que pro-  
duziu *avindor* e *avin-  
deiro* que hoje se  
empregam.

**BONA**, Boa (*A. S.*).

**CAB**, Perto de; *En cab*,  
por fim.

**CABO**, Ao fim; v. gr.  
*Cabo da Maia*, ao fim

ou nos confins da Maia, isto é no Doiro. A Maia antigamente segundo Lavanha (p. 117) se chamava a toda a extensao' do Lima ao Doiro.

**CHA.** Ainda hoje é voz gallega; contracção' de *Che a* ou *Xe a* (Vej. *Xe*) (*Cura de Fruime*, p. 316 e 320, e a poesia do Sr. Camino, p. 329 deste livro).

**CHUS.** Esta voz (p. 160, lin. 17) tambem se encontra no livro velho de linbagens. Veja-se Lavanha, p. 134, nota C. Igualmente se encontra em Berceo. Em Segura encontra-se *jus*, com a sign. de *debaixo* do frances *sous*. *Chus* pareceria vir do latim *plus*, mas ás vezes faria mais sentido se significasse *menos*. Ignor. a signif.

**COMENDAR,** Encomendar (A. S.).

**COSIMENTO** ou **COUSIMENTO**, Acolhimento.

**COUSIDOR**, Acolhedor.

**COUSECER** ou (A. S.).

**COUSIR**, Acolher.

**DESGUISADO**, Nao' aguisado.

**DESMYGADO**, Desamistado? ou mal comigo? p. 202.

**DESO**, Disso.

**DIGI** ou **DIXI**, Disse (na 1.ª pes.).

**DISSO**, Disse (na 3.ª pes.).

**DISTES**, Lê-se na p. 287 talvez por engano.

**DOLER**, Doer.

**DÓRMIO**, Durmo.

**DUR**, *De dur* se lê, talvez por engano, na cant. 129.

**EN.** Contracção' de *Ende*, que significa por isso, ou seria tomado do frances *en* que significa o mesmo. Daqui veio o adverbio *porém*.

**ENDURAR**, Aturar.

**ESCACER**,

**ESCAECER**, ou

- ESCAESCR**, Esquecer.  
**ESPEDIR**, Despedir.  
**EST** ou **ESTE** (do lat.) É.  
**ERGU**, Ergo, senão, exepito.  
**FAL**, Falha ou falta, pela liberdade poetica dos trovadores que sem sujeição a regras grammaticaes accomodavam as palavras segundo lhes convinha.  
**FAZENDA**, Lida, procedimento (A. S.).  
**FEZO**, Fez. Tambem se dizia *fege*.  
**FIGE**, Fiz (na 1.ª pessoa).  
**FILLAR**, Tomar, tirar.  
**FIUS** ou **FIUZO**. Confia-do, seguro.  
**FIUZA**, Confiança (*Berc. e Al.*).  
**GRACIR**, Agradecer (*M.*).  
**GRADERER**, Agradecer. Na 1.ª pessoa do pres. ind. *gradesco*.  
**GUARIR**, Guarecer, curar, sanar.  
**GUARVAYA** ou **GUARUAYA**, Sign. inc. (p. 305).
- JUDGAR**, Julgar (*F. J.*)  
**LEZER**, Vagar, lazer.  
**LOAR**, Louvar.  
**LONGADA**, Vida —; duradoira.  
**MACAR** (*Fr. Malgré*) (A. S.). Depois se usou *maguer*. Apezar.  
**MAIS**, Mas, porem.  
**MALO** (*Do lat.*) Antes quero (p. 204).  
**MANSEDUME**, Mansidão.  
**MAS**, Mais. *Mas* se diz hoje no castelhano.  
**MENÇO**, Minto.  
**MESURA**, Prudencia, commedimento.  
**MI**, Me.  
**MIGO**, Comigo.  
**NEMBRAR**, Lembrar (*D. D. e A. S.*).  
**NEUN** ou **NIUN**, Nenhum. Tambem deixamos alguma vez separado *Ni um, ni un*, etc., e não sabemos qual seja a mais exacta orthografia.  
**NOSTRO**, Nosso.  
**NULLO** (*Do lat.*), Nenhum

- NUZER**, Fazer mal, dan-  
 nar (Do lat. *nocere*);  
*nocir* dizem *Berc.* e  
*Al.*; *nucir*, *F. J.*; *nu-*  
*zer* ou *nuzir*, *D. D.*;  
*nocente* vem em *Mo-*  
*raes.*
- OBRIDADO**, Olvidado.  
 Vem em Alonso Sa-  
 bio.
- OSMAR**, Esmar, orçar  
 (*D. D.* e *Alex.*).
- OVI**, Houve na 1.<sup>a</sup> pes-  
 soa. *Ouvi* diz *A. S.*
- OVO**, ou *OUVU*, Houve  
 na 3.<sup>a</sup> pessoa (*Alex.*).
- OUTRE** ou **OUTRI**, Ou-  
 tro.
- PER**, Prefixo a varios  
 verbos, muita vez só  
 para auxiliar o me-  
 tro.
- PERDUDO**, Perdido.
- PERPIA**, Perfidia.
- POIDE** vej. **PUYDE**.
- PRAN**, De —, de pla-  
 no, com intento. (*A.*  
*S.* e *D. D.*).
- PRAZER**, Aprazer.
- PRECAR** (Do lat.), Rogar.
- PRENDER** (*Fr. Prendre*),  
 Tomar.
- PRÊTO**, Perto (*A. S.*).
- PREZ**, Preço, merito  
 (*A. S.* e *D. D.*).
- PREZER**, 3.<sup>a</sup> pessoa do  
 futuro de *prender*.
- PROFFAÇAR**, Improvi-  
 sar?
- PROUGUER**, Aprouguer,  
 3.<sup>a</sup> pessoa do fut.  
 subj. do v *prazer*.
- PRUGO**, Aproveu 3.<sup>a</sup>  
 pessoa do perf. indic.  
 do v. *prazer*.
- PUÑAR**, Pugar.
- PUGE**, Puz na 1.<sup>a</sup> pes-  
 soa.
- PUYDE** e **PUDI**, 1.<sup>a</sup> pes-  
 soa do pref. indic. do  
 v. *poder*.
- QUESTO**, Esto.
- QUIS** (Do lat.). Cada  
 um. It. Quiz na 3.<sup>a</sup>  
 pessoa.
- QUIZO**, Quiz na 3.<sup>a</sup> pes-  
 soa
- QUIX** ou **QUIJE**, Quiz na  
 1.<sup>a</sup> pessoa.
- REN** (Do lat.) Coisa.
- SA**, Sua.
- SÁBIA**, Saiba (*A. S.*).
- SABOR**, Desejo.
- SANDECE**, Sandice.

**SEJO**, Sou (*D. D.*).

**SEN**, Sentido, ainda que  
uma vez diga o tro-  
vador

... «Sen, nem sentido»  
foi obrigado pelo metro.

**SENÇO**, sinto.

**SENTIRIGO**, Sig. incert.

**SESERIGO**, Id.

**SODES**, Sois (*F. J.*).

**SOIO**, 1.<sup>a</sup> pessoa do  
pres. ind. de *soer*.

**SOL**, Somente; ou *soe*.

**SOLER**, *Soer*.

**TALLADA**, Ben —, de  
boa figura (*D. D.*).

**TOLLEITO**, Tirado, rou-  
bado.

**TOLLER** (Do lat. *tollere*).

**TORTAR**, Fazer torto,  
tirar (*Cid*).

**TORTO**, Mal, injustiça  
(*F. J.* e *D. D.*).

**TOVER**, Tiver.

**TRAGE**, Trouxe na 3.<sup>a</sup>  
pessoa.

**U**, Onde; muita vez  
para mais clareza ac-  
centuámos *Ú*.

**UEL** ou **VEL**, Ignor. a  
signif.

**ULLO** (Do lat. *Ullus*), Al-  
gum (*Cid*).

**Us**, Vos (Em cast. *Os*.)

**VELIDO**, Corpo *velido*.  
e dona *velida* diz  
tambem *D. D.*

**VOLO** (Do lat.) Quero.

**VOSCO**, **VUSCO** ou

**VOSQUE**, Comvosco.

**XE**, *Se*, pronome, ou  
tambem *Che*, empre-  
gado por *A. S.* (*Ge* e  
*Je* no *F. J.*) Algumas  
vezes parece empre-  
gar-se por *seja*.

**Y**, *Ahi* (*Berc.* e *F. J.*);  
às vezes conj. *e*.

## ADVERTENCIA FINAL

Aqui deviam seguir-se, segundo nossa primeira intençao', algumas notas a varios logares obscuros do texto, e a certas dúvidas que se nos occorreran durante a impressao'. Algumas dessas dúvidas sobre pontos em que era necessario volver a consultar o codice, podémos ja tirar, por intervençao' de alguns amigos. Occorrem-nos porem agora outras, e para nao' demorarmos a publicaçao', nem tao' pouco a deixarmos incompleta, resolvemos guardar as poucas notas que temos para as reunir as outras que devem resultar de informaçoens que vamos pedir. Assim essas notas formarao' uma especie de parergo, que se distribuira ou se remettera no principio do anno que vem aos que ora tomarem algum exemplar, e quizerem deixar indicaçoens para esse fim.

A vista desta declaraçao' nao' faltará quem nos increpe nao' havermos feito esta edicão' no mesmo logar em que se acha o original manuscrito. Ora alem de que isso nos era impossivel,

cremos que a nossa estada em Madrid nos proporcionou occasiao' de averiguar certos factos, como talvez nao' houveramos conseguido em outra parte.

Repetimos a presente nao' é mais que uma edicao' de ensaio e de estudo. Nem se quer tem pretencoes em seu formato. Nós mesmos hoje que vemos um exemplar della em limpo advertimos occorrencias que nos fora impossivel n' um exemplar de Stuart, e mui difficil duraute a revisao' das provas, em que a tanto havia que attender. Um dos nossos maiores cuidados era a verdadeira separacao' das cantigas, pois quando estas tinham no fim o que chamavam *vollas*, estas veem-se escriptas como para serem cantadas por nova musica, e quasi se unem ao começo da cantiga seguinte. E apezar de havermos destas advertido varias antes da impressao', v. gr. no principio das C. 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> etc. e nas 161, 177, 220, 221, 232, etc., notamos agora duas que escaparam nas paginas 229 e 235: os tres primeiros versos que se acham nas cantigas 219 e 244 devem considerar-se *vollas* das duas anteriores respectivas. Uma das mesmas, que está incompleta, julgámos nós ser fragmento de nova cantiga, e por isso a destinavamos para o 2.<sup>o</sup> Sup.; mas deixámos de a comprehender nelle, logo que nos persuadimos ser a *volta* incompleta

da cantiga 99 , em cujo final se deve ler do modo seguinte :

Ca pois m' eles non queren amparar  
 E me no seu poder queren leixar  
 Nun. . . . .

Tambem nessas reflexoens sobre as notas que promettemos , daremos rasao' de certos saltos ou faltas que no texto se notam. Quanto aos dois nomes Joao' Garcia e Joao' Coelho (cant. 146 e 197 in fine) devemos advertir que elles vem mencionados no Nobiliario de Lavanha , ainda que é possivel que este ultimo seja o celebre trovador Joao' Soares Coelho , de quem vimos, como de outros seus contemporaneos, algumas poesias copiadas em Roma.

De Guiomar Affonso Gata (pag. 150) vem clara mencao' no mesmo nobiliario (p. 192 e 350). Dos outros e outras de quem se faz mencao' no texto pouco agora poderiamos dizer de seguro ; e por isso por esta occasiao' aqui concluiremos.

## POST SCRIPTUM.

### NOTAS.

E' chegado o dia de cumprirmos a promessa que fizemos ao público de acrescentar algumas paginas a este livro. Escrevemol-as com mais confiança ao saber, directa ou indirectamente, que apreciam nosso trabalho as pessoas que á instrucção' reuñem a posse de um character nobre e desapaixonado, posse essencial a todo o que se propoe a ser juiz ou critico. Augmenta-se essa confiança ao vermos que o tempo não' faz mais que radicar em nosso animo certas opinioens, que timidamente emittimos, algumas das quaes se fortificaram muito quando tivemos outra vez occasiao' de ver em nossas maos o codice original, e de o confrontar com um exemplar da nossa edicção'.

\*

Nunca esperámos, falando francamente, que essa modesta edição encontrasse no publico europeu tanto acolhimento; — sendo-nos sobre tudo sensível o que lhe deram varias corporações, incluindo a Academia das Sciencias de Lisboa, a qual, com seu juizo favoravel, veio generosamente gratificar e estimular as vigalias deste socio apartado do seu scio.

Ao despendermos, com um trabalho tao pouco ameno, o tempo de alguns mezes distrahido das nossas leituras, ora quasi exclusivas sobre a historia e litteratura do vasto Continente americano, onde a mao' de Deus quiz collocar nosso berço, nao' tinhamos miras de ganhar opiniao' neste ramo de estudos, e menos as podiamos ter de sacar da edição qualquer outro proveito, quando sabiamos com certeza que o producto do consummo ficaria muito áquem do seu costeo, como succedeu. O que, porem, tinhamos em vista era fazer populares as poesias, enunciando desde logo as conjecturas que pelo estudo aturado dellas haviamos formado, as quaes conjecturas podem systematicamente ser apresentadas do modo seguinte.

1.<sup>a</sup> *Sao' as poesias de um so auctor ou de diversos?*

R. No adoptarmos a opiniao' de que sao' de um só, nao' fizemos mais de que seguir a do grande philologo portuguez que citámos (Introd. p. iv), a qual é por certo de mais pezo do que a de nenhum outro contemporaneo. Eis as palavras formaes do erudito Joao' Pedro Ribeiro:

«O estylo uniforme das poesias deste cancioneiro *mostra ser antes todo obra de um auctor e nao' de diversos.*»

Quem tiver a vaidade de se julgar com bastante autoridade, para , só com ella , ir de encontro a tao' explicita opiniao', ha-de permittir que nao' consintamos que se perturbe a paz de sepulchro ao grande mestre de Diplomatica, e se contradiga, com altivez e sem razoes, o que elle modestamente nos ensinou, e se ouse asseverar grosseiramente que elle (e nao' nós) *improvisou* um poeta.

Em quanto nao' se apresentem razoes convincentes em contrario, em quanto nao' se prove que parte das poesias do codice do Collegio dos Nobres sao' de varios trovadores antigos, teremos muita gloria de acreditar no grande mestre, e até de errar com elle.

Plagios sim haverá abi, quo eram a elles avezados os trovadores, a ponto de transcreverem muitas vezes cantigas inteiras alheias,

se ellas quadravam bem á declaracão' amorosa que queriam fazer ; mas , ainda quando alguns daquelles plagios se provassem , ficaria subsistindo a opiniao' de que as cantigas foram na totalidade a expressao' da paixao' de um trovador , e constituem por isso uma verdadeira novella , a mais antiga que possui a litteratura portugueza.

2.<sup>a</sup> *Sao' as poesias dirigidas a uma só dama ou a muitas ?*

R. Concedido que nos seja que as poesias pertencem a um só trovador , temos quasi por seguro que ellas sao' na maior parte dirigidas a uma unica dama ; e isto nao' só em virtude da convicção , que , pelo sentimento e pela razao' , se apodera de quem como nós as lê com attenção , e encontra nellas e nas referencias de umas ás outras , e no repetirem-se da dama as mesmas qualidades , a ligacão' necessaria nas sensaçoes amorosas de um apaixonado , como especialmente em virtude da cavalheira lei de galanteria , seguida naquella epoca por todos os trovadores , de nao' abandonarem se nao' por morte a dama uma vez preferida , ainda quando ( por casamento ou ausencia desta ) devessem soffrer muito.

3.<sup>a</sup> *Suppondo-se as trovas de um só auctor, que mais razao' ha para as crer do conde de Barcellos, que de el rei D. Diniz ou algum outro contemporaneo?*

R. Quatro sao' os principaes fundamentos que ha para isso :

A) De nenhum outro contemporaneo sabemos que escrevesse ao mesmo tempo sobre genealogia: ora o cancionero está unido, no mesmo codice, a um livro de linhagens escripto em estylo igual ao das cantigas, e com as mesmas locuçoens favoritas, copiado pelo mesmo amanuense, e retocado pelo mesmo punho; e é de crer que foi a unidade de auctor a causa unica porque assim se associaram e juntaram, no mesmo codice, doutrinas tao' heterogeneas. Mas esse livro de linhagens é, segundo o parecer do proprio bibliothecario (o qual parecer temos de sua lettra) o original do conde D. Pedro, logo deve tambem o cancionero ser o seu.

B) Sabemos pela biographia do conde que elle estivera em Castella, que ahi conheceu Alonso 11.<sup>o</sup>, com quem devia ter intimas relações, para lembrar-se delle em testamento, legando-lhe as cantigas; ao passo que as poesias tambem nos revelam alguns destes factos; pois o trovador vai a Segovia, visita a *casa d'etrei*, e deste se lembra quando o compara ao mar, etc.

*C)* Leem-se na orla exterior do codice as palavras = REI D. DINIZ = palavras a que ao principio nao' démos nenhum pezo, por nao' nos occorrer logo o argumento que ellas hoje nos ministram. Ainda quando aquelle disticho se achasse na lombada, que foi sempre o logar reservado em um livro para o nome do auctor, nao' podiamos crer que disso se devia concluir ser o mesmo livro obra do rei D. Diniz, pois que alem de nao' constar que este compozesse tambem um tratado de linhagens, o que ali está é, como vimos, o do conde D. Pedro, e o cancionero que nos deixou o rei, e foi ultimamente encontrado na Vaticana, ja é hoje conhecido pela imprensa. Alem disso o trovador esteve em Segovia, e d'elrei D. Diniz nao' accusam as chronicas tal jornada. Logo o tal disticho só indicava o possuidor, o que vai conforme ao uso de hoje em dia, sobre tudo nos collegios. Ora a circumstancia de haver pertencido o codice á livraria del rei D. Diniz, nao' seria jamais contraria, mas antes favoravel, á opiniao' de ser della auctor seu filho querido o conde de Barcellos.

*D)* O fazer-se mençao' em uma das cantigas do nome desta villa de Barcellos serve tambem de argumento, quando os anteriores nao' fizessem já bastante força.

4.<sup>a</sup> *Como podem chegar a lembrar-se da Rainha D. Maria, para supporser ella a dama do trovador?*

R. Concedendo-se que as poesias são do conde de Barcellos, e pela maior parte dirigidas a uma só dama, já esta não pode ser senão a mesma Rainha. Nenhuma outra daquella epoca encontramos parenta e natural do conde, a quem este houvesse tratado nas salas ou estrados de sua mãe, antes que a fim de a elevar a casasse, e a trouxessem a Castella, para viver em Segovia, desposada com quem alias della não era digno. Até, para se darem todas as circumstancias a favor de nossas conjecturas, o auctor quiz-nos quasi revelar o nome de *Maria*. Quanto dizemos são induções sacadas só das trovas; mas, para nós, é argumento de não menor força o legado do livro dellas, feito pelo conde ao casal da mesma Rainha. E isto sem offensa á memoria desta dama, que antes nas trovas teria ella uma grande defensão, pelas suas respostas sempre negativas, das accusações que lhe fazem mui notaveis historiadores.

5.<sup>a</sup> *Concedidas ou não concedidas as referidas conjecturas, por que razão varidmos a ordem das poesias?*

R. Repelimos a afirmativa de termos va-

riado *ordem* alguma. Ao que sim nos propo-  
mos, *para mais ordem*, foi a nao' seguir a *des-*  
*ordem* em que está o tal codice que hoje per-  
tence á livraria da Ajuda, *desordem explicada*  
*na Introduccao'*.

Entendamo-nos: o nosso fim nao' foi publi-  
car bem ou mal os *Fragments do Codice*: isso  
ja estava feito pelo inglez. O nosso fim foi di-  
vulgar as *Trovas e cantares de um codice do*  
*seculo 14.º*, para que ellas se entendam e se  
estudem melhor; para que se decida em que lin-  
gua estao' escriptas, e finalmente para que, á  
vista da *confusao'* em que se acha o tal codi-  
ce, e das duvidas que sempre se hao'-de susci-  
tar sobre o logar em que devem entrar as folhas  
encontradas em Evora, cada qual possa (tendo  
em vista a tabella que publicamos na pag. 326)  
dispol-as, para seu uso, como melhor lhe acomode.  
No exemplar de que nos servimos as temos  
alfabeticamente segundo o seu começo. —

Um anno apenas vai decorrido depois que  
offerecemos ao público a nossa edicao', que cha-  
mavamos de ensaio e de estudo; e já bastante  
se tem adiantado em saber-se o que seja o, até  
agora mysterioso e quasi illegivel, cancionero  
antes chamado *de Stuart*.

Quanto á linguagem delle, é nossa opiniao'

(e sempre ha sido) que ella é a portugueza do districto em que se criara o auctor, salvando as variaçoens do estylo familiar ao poetico, no qual devia entao', ser condemnada a trivialidade, como ainda é hoje, e como sempre foi. Sentiremos profundamente se nesta parte nos nao' podermos conciliar com o Sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Arango, que n' outro tempo tinha a tal respeito diversa opiniao', a qual conservava ainda ao publicarmos o Cancioneiro, no anno passado, quando nos diz em carta de 8 de maio que nao' levará a mal que aqui transcrevamos: «Eu nao' sei se lhe disse alguma vez uma idea mais estrambotica do que o *guarany* do trovador, e é que o cancionero nao' é escripto em portuguez, isto é no portuguez falado; mas n'uma certa lingua *immove*l, convencional e puramente litteraria, etc.» Pela nossa parte, sem deixar de acatar tao' enorme autoridade, temos, pelo contrario, por mais natural que naquella epoca de revoluçoens e conquistas nada haveria de mais mobil, de mais vario, do que os differentes romances hispanos, entre si mui parecidos, os quaes, quer falados, quer escriptos, seriam tantos como os districtos ou pequenas porçoens de territorio, a cuja extensao' se circumscrevia o trato dos habitantes. — Assim nol-o fazem crer até os poemas

publicados por Sanchez e pelo Sr. Pidal, os textos varios do Fuero Juzgo e outros escriptos contemporaneos, cujas linguagens differem conforme as terras. — A nossa edicao' proporciona ao publico occasiao' de pronunciar por si mesmo o *verdicto* sobre serem ou nao' as poesias escriptas n' uma especie de lingua improvisada. Nós , nao' julgamos tal.

Dos meritos ou demeritos desta humilde edicao' nada diremos, nem nada ja queremos ouvir; pois tardias viriam quaesquer reflexoens a quem como nós nao' se propoem a fazer uma nova. Se alguem se quiser dedicaç á esse bom serviço, desde já nos offerecemos a concorrer com quanto esteja em nós para que aquella saia mais aprimorada: e nao' podemos dissimular que para tal primor já concorrerá nao' pouco este nosso trabalho, com o qual deixamos indicados e quasi desemmaranhados os passos difficeis e espinhosos. Seja-nos permittido porem, por zelo pelas poesias, a que já agora para sempre nos associámos, pedir que se façam novos esforços para encontrar essas folhas, ainda nao' reunidas ao codice truncado, que houve quem visse em Portugal. Essas novas folhas ineditas e os fac-similes das dezeseis vinhetas imperfeitamente coloridas, que no codice estao' desenhadas

(junto ás cantigas 2, 36, 37, 149, 157, 170, 173, 184, 190, 231, 233, 249, 253, 255, 259 e *k*) dariam ja grande realce á futura edicao' que poderá ser feita com todo o luxo. Anhelamos vel-a effectuada em nossa vida, pois que se tivessesmos que replicar a alguma observaao' etc., fal-o-iamos por um 2.º post scriptum a este livro.

Nao' pediremos desculpas por alguns desalinhos de estylo ou impurezas de fraze que hajamos comettido. Malévolo e de mui pequena alma seria o leitor que com isso se entretivesse, sem levar em desconto o havermos passado annos falando outras linguas menos a nossa, e o haver-se impresso o livro em paiz estranho, — circumstancias que occasionaram algumas erratas marcadas na tabella. — Do que sim pedimos desculpa é de nao' entrarmos aqui em explicaçoens acerca dos personagens nomeados nas trovas, de alguns dos quaes fizemos menao' na pagina 338. Mas, tao' incompleto julgamos o trabalho que a tal respeito ora poderíamos apresentar, que preferimos convidar a elle, como aqui convidamos, algum antiquario mais applicado e sabedor que nós em doutrinas de genealogias e nobiliarios, para as quaes nao' nos quiz Deus dar vocaao'.

Porem em vez dessa tarefa deixaremos feita outra que mais nos incumbe como editor.—Julgamos de nosso dever dar aqui as explicaçoens seguintes:

1.<sup>a</sup> O estribilho da Cant. 18 nao' se pode inteirar porque se cortou um pouco o pergaminho no original.

2.<sup>a</sup> Na Cant. 111 nao' se nota no codice o claro que deixamos, no terceiro verso, por julgarmos que falta ahi uma palavra.

3.<sup>a</sup> A' Cant. 132 cremos deve pertencer o 1.<sup>o</sup> verso que demos injustamente á 133.

4.<sup>a</sup> Na Cant. 140 leem-se no codice mui claramente do modo seguinte os dois ultimos versos do estribilho:

Que sempre ben quige or sachaz ue ro  
Ya men que ie soy uotr ome lige

Estao' estas ultimas palavras em lingua estrangeira, na provençal quicá, ou houve como n' outras partes inexactidoens do amanuense.

como julgámos, para as produzir como estão no nosso texto? — Confessamos que não podemos entender o

. . . . *or sachaz ue ro*

e pelo que respeita ao verso immediato, devemos crel-o exactamente copiado, ao ver que no codice se repetem á margem, em cursivo contemporaneo, as palavras:

*que ie soy uotr ome lige*

5.º No estribilho da C. 151 parece repetir-se indevidamente a palavra « Señor »; porem assim está, sem indicio de correcção, a qual afoitamente propomos que se faça.

6.º No verso 6.º da C. 173 deixamos em claro uma ou duas palavras que no texto se saltaram tal vez, pois evidentemente faltam para acertar o verso.

7.º Na C. 180 duvidámos tanto de tres palavras nos versos 13, 14 e 19, que não havendo tido resposta sobre a pergunta que de Madrid fizemos para Lisboa a tal respeito, antes quizemos substituil-as por pontos que deixar

correr o que julgamos resultado da má leitura. Assim se verificou no ultimo dos citados versos, pois se lê em Stuart *uiuiu* a palavra que falta, e que verdadeiramente pelo original se devia haver lido *niun*, isto é, *nenhum*. No verso 13 a palavra de tres letras é evidentemente *uay*, e pode corresponder á interjeicão' dolorida *guai!* A outra palavra tambem de tres letras lê-se *aua*: seria *ana* por contracção' de *anda*?

8.<sup>a</sup> O 1.<sup>o</sup> verso da C. 184 lê-se no codice, quanto a nós menos correctamente

Gran cojta soffre uoa negando

9.<sup>a</sup> A C. 189, que no nosso texto está como no original, parece-nos errada em tres logares:

a) no segundo verso do estribilho que para fazer sentido talvez devia ler-se

Como vej' ora em vos veer.

b) no primeiro verso da 3.<sup>a</sup> copla que julgamos tem um *eu* de mais, e se deve ler

Des que vos vi, mia Señor, me deu

c) e no verso que se lhe segue, onde nao' faz sentido

*Gran coit' des cada que vos non vi*

10. No verso 4.º da 3.ª copla da C. 192 que no nosso texto, como no codice se lê

. . . . pois *la vi* mi a dada

o verso ficaria errado escrevendo-se *vida*, e e' provavel que o poeta só empregasse a primeira syllaba, pela liberdade que para isso tomava, e que em vao' hoje trataríamos de desculpar por synalefas ou apócopies.

11. A Cantiga 227 está, segundo hoje non parece, falta de principio; e o estribilho tambem nao' está completo, pois só assim se escreveria com a primeira rima.

12. A 235, por nao' ter principio, foi abi impressa por engano; pois, seguido os bazes que adoptamos, pertence ao nosso 2.º supplemento.

13. Na 238, o ultimo verso deve ser con-

siderado principio do estribilho modificado; pelo que devia imprimir-se mais reintrante, aspado, e tal vez com os mais versos do estribilho, do modo seguinte :

« Meu amig', ar direi que non:  
Nunca vos eu farei amor  
Per que faça o meu peor »

14. No 2.º verso da 3.ª copla da C. 240 se lê em Stuart (fol. 87)

e dereit e dandar de sempr andar assi

O amanuense que copiou as folhas para a impressao' nao' advirtiu que no texto se acha riscado o *dandar*.

15. Tambem riscar -se devia em nossa opiniao' no estribilho da C. 241 um « *assi and' eu* » pois lá está cinco vezes, quando os dois versos, para ficarem correctos, se contentam que só se cante, como vai no nosso texto, quatro vezes aquella fraze.

16. Na C. 248 acham-se raspadas no codice as palavras que se seguiam a

Ú vos non vejo

no primeiro verso da 2.<sup>a</sup> copla.

17. Os dois primeiros versos da C. 267 nao' lhe devem pertencer ; pois sao' verdadeiramente a volta final da C. 26<sup>b</sup>, onde se hao'-de ler. 6/

18. Nao' entendemos o *distes* do 1.<sup>o</sup> verso da C. 279. Assim está no original.—

19. Na C. 285 dá o amanuense do codice uma prova de que nao' era elle muito adestrado no seu officio. — No verso 3.<sup>o</sup> repete a syllaba *pod* antes de *poyd*, e no 5.<sup>o</sup> repete as syllabas

Ca me que

20. O fragmento *m* (pag. 310), que havia sido aproveitado a custo, da folha de pergaminho que estivera grudada, como *guarda* interior, contra a capa de madeira do codice, vai quasi ora a deixar de ser fragmento, graças aos novos

exames a que submettemos essa malfadada folha, e ao auxilio que ainda, por meio de um espelho, conseguimos sacar das lettras que se haviam repintado sobre a taboa da capa, onde unicamente hoje se acham depositados alguns dos versos que vao' quasi inteirar o numero de trovas da cantiga de que é parte o fragmento *m.*— Eis até onde alcançaram os nossos esforços para a restaurar :

E que ouvesse de morrer  
 Señor vendo . . . . ar  
 Que mais soubesse amar  
 De quantas Deus quizer fazer  
 Eu non podéra mais viver,  
 Ú vos foron daqui fillar  
 A guisa de vos elevar  
 E vos non puyd' ay valer  
 . . . en que me vi andar.

Pola . . . a que vos prender  
 Vi, e quisera antes sofrer  
 Mort úa vez ja ca ficar  
 Vivo por aver . . . estar  
 E tan grave pesar veer,  
 . . . nunca no mundo viver

Des aqui ja mais gozar  
E sempre mi a . . . ag. . . ar

E Deus pois el esto quer  
Mays . . . . . de veer  
Que Deus que m' esto foi amostrar  
Por en me leyxa de matar  
Que aja sempre que doer  
E que . . . . . possa toller  
. . . meus ollos de chorar  
. . . vos e vosso . . . . .

Que nunca me ad' esquecer  
E no meu mal sempre . . . ar  
Ben me posso maravillar  
Por mia morte nõn adurar  
E nunca deus queira prazer  
Que nunca el queira mostrar  
A null' ome tanto pesar  
Quant' el poderia sofrer

21. O até agora fragmento n tambem fica  
uma cantiga completa, lendo-se do modo se-  
guinte (e nao' como vem na pag. 311 errada

★

em razão da muita dificuldade que apresentava a leitura) a primeira quadra e o estribilho:

Ora começa o meu mal  
 De que ja non temia ren,  
 E cuidava que m' ia ben,  
 E todo se tornou em mal:  
 Ca o dem' agora d' amor  
 Fez fillar outra Señor. —

22. Finalmente na lin. 12 da pag. xxxv da Introduçao' referindo-nos á adopçao' feita pelos Godos do latim escripto, dizemos que este se tornaria por essa occasiao' *um pouco godo*, e nao' cremos por isso cair em contradicçao' com o mais que asseveramos; quando é sabido que só á influencia dos invasores barbaros se attribue nao' só a degeneraçao' da lingua da Peninsula no latim, propriamente chamado *barbaro*, do 7.º seculo, como tambem a introducçao' de muitos vocabulos que se acham apontados em Aldrete e Duarte Nunes. Os Godos já antes de entrar em Hespanha, e desde a mesma Tracia talvez, usavam por lingua franca de um latim barbaro, isto é, *um pouco godo* ou *tartarogermanizado*.

Havendo conseguido, por occasiao' de uma excursao' que fizemos á Galliza, reunir mais alguns escriptos no dialecto dessa provincia, aqui juntaremos n' um 5.º Appendice: 1.º Um villancete do Natal; 2.º Algumas quadras dos *Rogos* contra a inquisicao'; 3.º O principio do entremez gallego de Fandiño intitulado = *A Casamenteira*. = E agora nos cumpre declarar que hoje estamos persuadidos que Alonso Sabio empregou nas cantigas a linguagem que outr' ora se falava na Galliza; e que talvez em gallego estivessem<sup>3</sup> muitas das composicoens que Santillana julgaria portuguezas.—

Concluiremos este post scriptum, ou antes *post editum*, recomendando ao leitor que faça attencao' ás novas erratas que o acompanham.

Madrid Novembro  
1850.

*F. A. de Varnhagen.*

## APPENDICE 5.º

CONTENDO EM ADDITAMENTO AO 3.º MAIS ALGUMAS  
TROVAS GALLEGAS.

## I.

## VILLANCETE PELO NATAL.

- 1.º gallego. Toquen us gallegus,  
E canten us cregus;  
Tocae galleguiño,  
Que nace o deusiño.
- 2.º Eia pues : tocae!
- 3.º Nun queru:
- 2.º Queru eu ;  
Que dias pode bir por bispo de Tuy
- 1.º Toquen as gaitas Godois e Xan Ruy  
Que nus domingus e festos se tocan
- 2.º Ao neno cantae ;  
A Deus festexae ;  
Folgae e folgae!
- 3.º Nun queru :
- 2.º Queru eu ,  
Que deus é gallego que nace entre  
bois.—)
- 1.º Toquen as gaitas Xan Ruy e Godois.  
Festexae en pás  
U rei guarridiño  
Que viste d' armiño

2.º gallego. Nun cayas a dar  
 Voltas, galleguiño  
 Que chora u deusiño.  
*Todos.* Toquemus, bailemos  
 Xuntos adoremos  
 O neno que vemus. —

## II.

## O RIGOR DA INQUIZIÇÃO'.

O marido está na cama  
 Coa muller que Dios lle dou,  
 E o solteiro no seu leito  
 Alleo dua traíçon.

E aló pola media noite  
 Despois que o galo cantou,  
 Un gran vando de vixâtos  
 Rodéa-lle a habitaçon

Tocan a porta, e decindo:  
 ¡O SANTO OFICIO!! o tembror  
 Entra na xênte, que deixâ  
 Franca a entrada e a posesson.

Cando ven Dios, ven con paz;  
 Coa falsedade e traíçon  
 O santo oficio: ¿e diremos  
 Que é santo e cousa de Dios?

A min San Pedro me leve  
Que nunca con mais valor  
Frances matára que a un  
Esbirro da inquisiçon.

Pois nin francés, nin xúdio,  
Nin o mesmo Napoleon,  
E capaz de dar ó susto,  
Que causa un inquisidor.

Entra o alguacil larpeiro  
Coa máscara de santón,  
E ao pobre que está no leito  
Fánnosuar coa calore.

Trae a venera por diante,  
Máscara de devoçon:  
Móstra-lla, e o pobre inocente  
Pensa que é cousa de Dios.

Bóta-lle logo á gadoupa  
Como fai coa pomba ó azór:  
Perde a fala o cuitadiño,  
E lévano á inquisiçon.

Padre, irmáo, muller nin fillo  
Desde que o corvo o levou,  
Non volben a saber de él  
Nin si está ruin, ou está bô.

....Védelo, que xá o presentar  
En aquel sitio de horrore

Donde lle tembran as carnes  
Có o medo do asador.

Logo os xúeces sin nomar-lle  
O pícaro que o acusou,  
Nin descubrir-lle os testigos  
Que ganar pudo un traidor.

Collen na man un proceso  
E trabucando á espesson,  
Fán-lle cargos e preguntas  
Sobre o que fixô e falou.

O home vólve-se tolo;  
Pérde-se a imaxinaçon;  
E tén-se por gran milagro  
Descubrir a o acusador.

Con esta máscara infame  
Piden a declaraçon,  
Como si ouvera xústicia  
Donde hay engano e traçon.

Si nega, mais que a verdade  
Diga, sobre dun ponton  
Átano, e dán-lle tormentos  
Que decilos causa horror.

## III.

## DIALOGOS GALLEGOS.

*Personagens.*

Tia Goraz, *velha.*    Xan Rouco, *velho.*  
 Técola, *rapariga.*    Perucho, *filho de Rouco*

- Perucho.*    Tecoliña meu encanto,  
 Pouco importa nos amemos,  
 Se parece que os mesmos démos,  
 Pois non pode ningun santo,  
 Pertenden o separarnos,  
 Que para min he morrer.
- Técola.*    ¿Qué che puido suceder,  
 Home, para tanto pranto?
- Per.*        Apenas podó contalo,  
 Mais atende o que me pasa:  
 Xâ sabes que â miña casa  
 He moi levada o bandallo  
 Da tia Goras de Rabál,  
 Aquela gran zalameira,  
 Embolvedora è embusteira,  
 Que vive por noso mal:  
 Pois esta boa mullér  
 Propuxô hai tempo á meu pai,  
 Que para casarme hai  
 Convenencias a escoller.  
 Entre varias que apuntou,

Dixô que a ama do crego  
 Sería o mellor emprego,  
 O que meu pai aceptou.  
 Sin rapi-ô demo eu saber  
 Cousa algun-a, o vello onte  
 Díxome á noite «desponte,  
 Que vou a darche mullér.»  
 Anque algo me turbou  
 O xúdas da novedá,  
 Caléi; hastra esta mañá  
 Que consigo me levou.  
 Fomos à casa do crego,  
 Que achamos moi galloufeiro,  
 Amais ô gran lambaceiro  
 Do irmao da ama Xân Prego.  
 Almoozamos grandemente,  
 E sin preguntarme nada,  
 Deron por feita e acabada  
 A boda correntemente.  
 Prá domingo as municións  
 Dí meu pai que han de correr:  
 Eu toléo, esto he morrer:  
 Volva por nosoutros Dios.  
 Por min fai o que quixéres;  
 A ama do crego ten:  
 Que se o ganou mal, ou ben,  
 No-o deben decir mulleres.  
 Teu pai está por medrar;  
 A tí pouco che debin,  
 Cando sin decirmo a min  
 Te foches a concertar.  
 O termo hastra aquí encuberto

Téc.

## POST SCRIPTUM.

- Foi un-a gran picardia :  
 E o decir que no-o sabias .  
 Eso, Perucho, n' he certo.  
 Quixênche moito, e enganéime,  
 Servirame d' escarmento,  
 Que para divertimento  
 Bastou ; arreptireime.
- Per.* Escolta, mira, detente,  
 Non seas desesperada,  
 Que, asi Dios me salve, nada  
 Souben hastra o de presente.  
 ¡Probe de min, non me oyeu!  
 Por un lado ten razon,  
 Que lle sobra, pero non  
 En pensar que o sabía eu.  
 ¿ Como demonios faréi  
 Para empantanar o caso ?  
 Meu pai he duro e perrazo,  
 E por teima non ten lei:  
 O crego se ha d' enfadar  
 Se lle digo que non quero ;  
 E miña nai.....
- Rouco.* ¿ Que estás facendo rapáz ?  
 ¿ Por qué non te vas choér ?
- Per.* Prò que teño de comer .  
 Traballe quen tivér mans.
- Rouco.* ¿ En eso que qués decir ?  
 ¿ Ti tés algun-a delor ?
- Per.* Algun-a teño (*aparte*) ; o mellor  
 Será non a descubrir.
- Gor.* Ai Xán, á tua casa oxé  
 Non lle dá o vento un-a volta ;

Que axà a que queira revolta  
 Non hai medo que ela afroxè.  
 A nora que vas a traguér,  
 Ademais do que ela ten,  
 Fai de conta que tamen  
 O curato vas comer.

¡Quén te verá recoller  
 Po-lo agosto aquí a sincura,  
 E todo o ano a grosura,  
 Que será o que hai que ver!

*Rouco.* Estou contento co-a conta;  
 Que anque a moza he algo fidalga,  
 N-hai cousa sin sobrecarga;  
 Todo xunto non se encontra.

*Gor.* ¡Cal fidalga, toleirón!  
 Parece así por bonita;  
 Que o demais, non se lle quina  
 A palliña o seu bandón.  
 Se non fora para ti,  
 Non a lograba ninguén,  
 Que o crego séntea ben,  
 E val Dios que queda aquí.

*Rouco.* Oxè naciche, Perucho,  
 A tia Goras foi boa.

*Per.* Non sei eu qué hastra o d' agora.

*Gor.* De cantos colle a campana,  
 Que xà ves que non he pouco,  
 Solo ó fillo de Xàn Rouco  
 Cede o noso crego a ama.  
 ¿E quen fixô este milagre,  
 Sendo que habia golosos,  
 E quedan tantos ganosos?

- Per.* A tia Goras, Dios llo pague.  
 Amais o demo tamen,  
 Que eu eso non llo encarguéi.
- Rouco.* Foi teu pai, que o mesmo ten.
- Per.* Pois eso non llo estiméi.
- Rouco.* ¿E ti que chata lle pós  
 Para estar tan descontento?
- Per.* Que todo he falar no vento:  
 Non quero, acabouse, a Dios.



## ERRATAS.

| <i>Pag.</i> | <i>Lin.</i> | <i>Por :</i>         | <i>Léa-se.</i>                                   |
|-------------|-------------|----------------------|--------------------------------------------------|
| III         | 7           | seu conteudo         | conteudo do livro                                |
| V           | 2           |                      | risque-se = nao = —                              |
| X           | 46          | cumpre-noso          | cumpre-nos attender a o                          |
| XI          | 2           | dois                 | nos dois                                         |
| XXIV        | 41          | da terra             | terrenal                                         |
| 18          | 40          | diss o               | disso                                            |
| 25          | 4           | e me                 | me                                               |
| 24          | 42          | e no                 | en o                                             |
| 56          | últ.        | oube                 | soube                                            |
| 58          | 8           | Vecla                | Veel-a                                           |
| 43          | 42          | m' e' or dereito,    | meor dereito                                     |
| 61          | 3           | tortar               | tortei                                           |
| 69          | 46          | risque a reticencia. |                                                  |
| 74          | 4           | se ende              | s'en                                             |
| 82          | 8           | crede                | creede                                           |
| 88          | 4           | meu                  | m'eu                                             |
| 400         | 6           | a quitar             | aquitar                                          |
| 440         | 47          | lli                  | ll' y (?)                                        |
| 442         | pen.        | Señor, deus          | Señor deus.                                      |
| 444         | 42          | desquando            | des quando                                       |
| 468         | 40          | forçada              | forçado                                          |
| 486         | 8 e 9       | precar               | preçar                                           |
| 497         | 46          | tan                  | tal                                              |
| 214         | 8           | mi.                  | mi                                               |
| 226         | 7           | O                    | A                                                |
| 552         | 42          | pag. 316             | T. 1.º pag. 516 e 522<br>e T. 3.º pag. 318 e 523 |
| 557         | 23          | 244                  | 224                                              |

**Encontra-se este livro em Madrid em casa de Mouier,  
e na livreria de Bailly-Bailliore.**

NOVAS PAGINAS DE NOTAS

ÁS

“TROVAS E CANTARES”,

ISTO É A

**EDIÇÃO DE MADRID DO CANCIONEIRO DE LISBOA,  
ATTRIBUIDO AO CONDE DE BARCELLOS.**



## NOVAS PAGINAS

DE

## NOTAS.

Quando, ha mais de dezoito annos, entregámos ao dominio público a nossa modesta edição do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, logo declarámos ser ella provisoria, e apenas “de ensaio e de estudo” \* tendo por fim divulgar as poesias, para que ellas se “estudassem melhor” \*\*, e para que depois os criticos podessem sentenciar, com conhecimento de causa, acerca de certos conjecturas que aventuravamos sobre o mesmo Cancioneiro, epoca das poesias, ordem em que deviam collocar-se, inclusivamente as das folhas que andavam extraviadas, etc.

No intuito de não afugentar leitores,—de pelo contrario facilitar quanto possivel a leitura, tor-

\* Vej. p. 346.

\*\* Vej. p. 346.

nando-a independente de noções paleograficas, apresentamos de offerecer as poesias sem abbreviaturas, com pontuação, e com a orthografia um tanto regularisada, afastando-nos completamente do nosso predecessor Stuart, que, alem de ter emprehendido uma edição previligiada e de mui poucos exemplares (de vinte e cinco segundo Raynouard \*), havia-a deixado quasi de tão difficil leitura como o proprio original manuscripto em lettra gothica, do qual conservára, não só as abbreviaturas e a falta de pontuação, mas até a falta de ligação nas syllabas de muitas palavras quasi como se estivessem escriptas para solfa. Deste modo se lê nessa edição (se assim estava no codice) *fazauer, miaren, pder, en ue ia*, em lugar de *faz aver, mi á ren, perder, enveja* etc.; systema mui facil para o editor (e que lhe tira toda a responsabilidade, a qual passa inteira ao copista e ao typographo) mas muito ingrato para o leitor, que se vê obrigado a estar soletrando palavras e a estudar onde acaba cada verso, operações puramente materiaes, que se lhe deveriam haver poupado, afim de lhe deixar a attenção descansada, e poder melhor apreciar as composições poeticas na sua essencia, ou descobrir de relance as passagens ainda menos bem interpretadas. — Ao apartarmo-nos de tal systema, — ao preferirmos apresentar desta vez as poesias com o aspecto menos barbaro e antiquado que nos fosse possivel, diziamos (p. XIV): “E’ claro que muito mais facil nos fôra imprimir

\* *Journal des Savants*, Agosto de 1825, p. 488—495.

o livro tal qual está; mas além de que houve já quem tomasse esse trabalho, sem que dahi resultasse grande vantagem, pelo illegivel que ficou, não quizemos sacrificar a um escrupulo de bibliophilo a convicção de que produziriamos assim livro mais util e comprehensivel." — A estas linhas acrescentavamos logo mais algumas (p. XX) testemunhando nossa gratidão pelo serviço previo de Stuart, e enunciavamos a opinião, de que o nosso trabalho, com todos os seus defeitos e incorrecções (providas umas de nossos escaços conhecimentos neste ramo da philologia hoje tão estudado, e outros do muito a que tinha a attender quem arrancava tantos versos, por assim dizer, ao mesmo tempo do cahos), contribuiria a "que se viesse a estudar mais facilmente o livro", — que até então quasi não se lia.

Realisou-se a nossa predicção, cumprindo-se em tudo os nossos desejos. — Ha deoito annos a esta parte o Cancioneiro tem sido sem questão muito mais lido e estudado, e com muito maior proveito para as letras do que havia sido nos vinte e seis annos, desde que saíra dos prelos da embaixada ingleza em Paris a parte delle, que então se conhecia. Ainda não se havia cumprido um anno depois de feita a nossa edição, e ja o até então "mysterioso e quasi illegivel cancionero" (como lhe chamavamos, p. 346), que antes apenas atrahira a attenção de uns poucos de philologos antiquarios, havia sido lido e apreciado por muitos litteratos e poetas, que na anterior edição mui a custo haveriam chegado a ler meia pagina.

Seguiram-se estudos mais profundos do livro, como nunca se tinham feito, fizeram-se-nos observações mui sensatas, já por escripto, já de palavra, que nos estimularam a novos estudos e exames, e hoje nos julgamos habilitados, senão ainda para empregar uma nova edição, para offerecer estas poucas paginas emittindo algumas opiniões diferentes das que tinhamos, e apontando varias correções que se devem fazer no livro.

E em primeiro lugar diremos que ante a evidencia dos factos, nos vemos obrigados a renunciar á opinião em que estavamos (cingindo-nos á do grande mestre João Pedro Ribeiro) de que todas as composições do cancionero fossem obra de um só poeta; opinião que já seis annos antes d' elle (em 1830) havia sido emittida na Allemanha por um douto philologo, \* que ate hoje tem seguido estudando com proveito o nosso Cancionero.

Pelas leituras ate agora por nós feitas no volumoso cancionero da Vaticana, de que temos copia completa (tirada em 1857 de um exemplar que existe na Hespanha e confrontada pessoalmente por nós com a de Roma em 1858), havemos ja encontrado os nomes dos autores de cincoenta dos cantares contidos no nosso codice, os quaes, com pequenas variantes, se acham ahi transcriptos, com os mesmos nomes designados.

Cumpra porém advertir que este facto, cuja possibilidade foi por nós prevista (nas pag. XIV e 341) não se opporia inteiramente a que, ainda

\* Fried. Dietz, em um artigo do "Jahrbuch für wissenschaftliche Kritik", n.º 21 e 22, de Fev. 1830, col. 161—172.

assim, podesse o nosso Cancioneiro ser, com alguma probabilidade, considerado como o "Livro das Cantigas", deixado pelo Conde de Barcellos, se do exame dos fragmentos de Nobiliario, que a elle estava annexo, escripto em "letra que parece pertencer ao seculo XIV"\* nada se encontra que se opponha a consideral-os como uma genuina parte da obra, que a tal respeito estão concordes os autores ter sido redigida pelo Conde, e que, segundo parece provado, não passa de uma compilação de velhos alfarrabios sobre linhagens. Sendo assim, não era muito que o conde avesado ao officio de compilador, o exercesse tambem com respeito ás trovas alheias, cantadas não só em Portugal, como nas outras cortes da Hespanha, dando-se apenas ao trabalho de acomodar ao seu canto e musica as que não tinham côr local estrangeira (como tantas que ha no Cancioneiro da Vaticana), ou lhe convinham para fazer suas declarações amorosas. — Contribue a fortalecer esta idéa a circumstancia de apparecer o Conde neste ultimo grande Cancioneiro (ou por ventura collecção de pequenos Cancioneiros) em que ainda hoje, apezar de falto do principio, se contarão mais de mil trovas, com tão poucas composições originaes suas (tres de *amigo* ou eroticas, e seis de *escarneo* ou *mal-dizer*, e que hoje denominariamos satyricas) e essas de fraco merecimento, ao passo que tantas cantigas ahi se acham d' elrei D. Diniz, de João de Guil-

\* A. Herculano, "*Mem. sobre a origem provavel dos Livros de Linhagens*" etc. Lisboa 1854, pag. 7.

lade, de João Ayras, do clérigo Roy Fernandes e outros, que parecem mais fecundos ou de mais estro.

Na pequena amostra de varias trovás desse Cancioneiro, que (acompanhando uma noticia e descripção d'elle) entregamos ao prelo ao mesmo tempo que esta folha, incluimos tres das mencionadas composições do Conde, só pela circumstancia de serem suas. Que o mesmo Conde teve, no seu tempo e ainda depois, nomeada como trovador não ha a minima duvida; e ate julgamos que a elle, denominando-o "rimante d'elrey", se refere um trovador seu contemporaneo, que depois de elogiar ao rei de Portugal (Affonso 4º. provavelmente) diz:

E al do Conde falemos,  
 Que é rimante d'elrey:  
 E muito bem d'el diremos,  
 Segundo como assi sei.  
 Se fosse seu o "Thesouro",  
 Que elrey de França tem,  
 Tambem prata com ouro  
 Daria todo o seu sen.

Se porém para tanta nomeada concorreram muito as circumstancias de fazer elle collecção de trovás e de ser v. gr. dotado de boa voz e ouvido musico, isso é o que cumpriria averiguar. Se acaso resultassem ser de Alonso XI, seu contemporaneo, conforme começamos a suspeitar, e não do autor \*

\* Dissemos na pag. XXX da Introducção que tinhamos copia destas poestas d'Alonso Sabio, tirada do exemplar de Toledo. Projectavamos imprimil-as, quando conseguimos ver o exemplar do Escorial, acompanhado de solfa e de vinhetas coloridas, e fomos de voto que a edição só deveria fazer-se

das *Cantigas á virgem* como alguém imaginou,\* varias trovas que no mesmo Cancioneiro se dizem apenas de "elrey D. Affonso de Castella e Leon", talvez muita luz viesse a esse respeito em nosso auxilio. N' uma dessas trovas accusa o rei a Pero da Ponte de trovar errado, diz que melhor fóra não se houvesse elle mettido a trovador, e acrescenta que dessas trovas erradas se aproveitava "D. Pedro"; e que ainda para mais o mesmo "D. Pedro" havia ido a *filhar* a Cotom, outro máu trovador:

Pois que se de quant' el troba errado  
 Serve D. Pedro, e non lh' y da en grado:  
 E convicto, ser enforcado  
 Deve D. Pedro, porque foy  
 Filhar a Cotom etc.

Do mencionado numero de cantares do nosso Cancioneiro que ate agora temos notado como transcriptos tambem no de Roma (numero que provavelmente se irá augmentando á proporção que elles forem sendo mais estudadas) pertencem a Fernão Velho as oito de n.º 92 a 99 (das Trov. e Cant.); a João de Guillade as outras, de n. 237 a 243, 248 e y de pag. 318; a Vasco Ro-

com auxilio da chromo-lythographia, para que o livro venha, como deve, a figurar não só como um monumento da poesia mas tambem da musica, e até dos trages e usos do tempo.

\* "Ferdinand Wolf, Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur, Berlin, 1859", pag. 702, segundo pelo Sr. Friedrich Dietz no seu livrinho "Ueber die erste portug. Kunst- und Hespoeie, 1863", pag. 13.

drigues de Cavello outras oito, pela ordem que ainda se acham no codice de Lisboa, e são as nossas *a* e *b* (de p. 297 e 298), n.º 117, 118 e 262 a 265; a João Vasques as quatro de n.º 272 a 275; a Pero da Ponte as outras (cinco) de n.º 112 a 116; a Pedro Solaz as n.º 123 e 124; a Pedro Barrozo as n.º 231 e 232; a Affonso Lopes Bayão as n.º 233 e 234; a Men Rodrigues Tenoyro as n.º 235 e 236; a Pay Gomes Charrinho as n.º 276, 278 e 285; a Ayres Vaz a 187; a João de Aboim a 271; e finalmente a Roy Fernandes as dos fragmentos *m*, *n* e *o*, que, conjunctamente com as 94, 99, 235, 248 e *y*, ora ficam completamente restauradas.

E' para notar-se que muitas destas composições se encontrem nos dois cancioneiros de Roma e de Lisboa collocadas pela mesma ordem, prova não so de que, nessa parte em que ellas se acham, o Cancioneiro de Lisboa tem ainda as folhas sem haverem soffrido o transtorno que soffreram outras, como de que um Cancioneiro (referimo-nos ao original de que o de Roma deve ter sido copia) ajudou a compor o outro; sendo provavelmente o plagio da parte do collecter ou rapsodista do de Lisboa, que omittiu os nomes dos *inventores* das trovas. Da confrontação entre as mesmas composições que se encontram nos dois codices, colligimos em favor dos do nosso algumas correções e retoques, das quaes passaremos a indicar as mais importantes, reservando as outras para a nova folha de erratas (adddicional á de pag. 369) que acompanha estas novas paginas.

**Correcções e variantes essenciaes subministradas pelo cancionero do Vaticana.**

c. 94.

Devem acrescentar-se no fim mais os cinco seguintes versos:

“Señor que eu vi por meu mal  
Pois eu de vós a partir ei  
E ir allur sen vós viver  
E logo ù m’eu de vós partir  
Morrerey, se m’y deus non val.”

Já se vê que o 2º e 3º são repetição do estribilho da 1ª copla.

c. 99.

Devem ler-se, correctos, os primeiros versos do modo seguinte:

“Meus amigos muito me praz d’amar  
Que entend’ ora que me quer matar  
Pois mi a min deus non quiz, nen mia Señor,  
A que roguei de me d’el amparar.”

E no fim ha que acrescentar a seguinte volta:

“Ca pois m’el non quer amparar

E me no seu poder quer en deixar,"  
Nunca muito emparado serei.

c. 117.

Lê-se na Vaticana no 2º verso *son'* (somno)  
em vez de *sol*, e no 3º *sempre* onde diz *muito*.

c. 118.

O estribilho lê-se assim:

Leixei-l-a terra por ll'y non fazer  
Pezar, e vivo ù non posso viver.

c. 187.

O 1º verso diz:

A dona que eu vi por *meu* mal.

Assim o 2º deve ler mais correctamente ler-se

E que me *grande* coita deu.

No principio da 3º. v. da 2ª. copla lê-se  
"Pois" em vez de "E".

c. 232.

Diz o 4º verso

E vedes Señor, por que non:

c. 235.

O tres primeiros versos deste cantar de Men Rodrigues Tenoyro apparecem aqui restaurados. São os seguintes:

“Señor fremosa, crede por min  
Que vos amo ja mui de corazon  
E gran derecho faço e gran razon.”

No 4.º verso da 2.ª. copla lê-se menos correctamente *fermosa* em ver de “Señor”.

c. 238.

Na cantigo faltam na 3.ª. copla, evidentemente por omissão, as palavras

quant' affan levei  
Por vós

Mas no fim repete-se o estribilho

Meu amigo etc.

c 239.

Começa muito mais correctamente:

Quando eu parti d'ù m'eu parti  
Logo eu perdi aquestes meus

Ollos de veer, e par deus  
Quanto ben avia perdi;

Os dois 1º. versos da 2ª. copla leem-se:

Ca non vej' eu, e pero vej' eu  
Quanto vej' eu non m' y mal ven.

O 4º. da 3ª. copla é

Se ben vejo, nen se ben ei —

c. 248.

Faltam, por salto manifesto, as palavras do  
3º. e 4º. verso:

vós poren de non  
Non amigo;

Completa-se porém a parte do 1º. verso da  
2ª. copla, raspada no codice de Lisboa, lendo-se:

U vos non vejo *non hei eu prazer.*

c. 262.

Falta a 3ª. copla.

c. 263.

Esta' errado o 1º. verso da volta:

*Cuide* muito mal,

Vem porém melhor que na nossa edição o 2º.

Por que *quer'* a<sup>r</sup> muy boa Señor bem.

c. 265.

Faltam as tres primeiras palavras do 3º verso; diz "*faz*" e não "*fez*" nas lin. 7ª. e 12ª., e *sofro* e *muitas*, em vez de *vivo* e *grandes* nas lin. 9ª. e 13ª.

c. 273.

Encontra-se na Vat. só a 1ª. copla; e o 1º. verso do estribilho diz

Que nunca eu pud' y veer.

c. 276.

Alem de algumas variantes, taes como *quem* por *qual*, *er cuidei* por *cuidava* etc., faltam na Vaticana os ultimos sete versos, que se acham na nossa pag. 284.

c. 278.

Faltam os nossos ultimos desesete versos; mas vem bem escriptos os primeiros, que devem ler-se da forma seguinte:

Oy eu sempre, mia Señor, dizer  
Que peor é de soffrer o gran ben

Ca o gran mal; e maravillo-m'en;  
 E non o pude, nen posso creer  
 Ca soffr' eu mal por vós, qual mal, Señor,  
 Me quer matar etc.

c. 285.

Na Vat. falta a volta final e está alterada a ordem entre a 2<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>. copla.

b (pag. 298).

Falta na Vat. a volta; e estão invertidas as coplas 2<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>., lendo-se o principio desta do modo seguinte:

E se soubess' en qual coita d' amor  
 Por ela viv', e quanto afan *eu ey*.

*m, n, o* (p. 310 e seg.).

A canção *m* bem como as duas seguintes, de que havíamos aproveitado a custo muitos versos das folhas que haviam estado pegadas á capa do codice de Lisboa, ficam completamente restauradas.

A primeira lê-se integra na Vat. do seguinte modo:

Se hom' ouvesse de morrer,  
 Señor, vendo o gran pesar

Da ren que mais soubess' amar  
De quantas (deus) *quiso fazer*,  
Eu non podéra mais viver  
Hu vos for (on) daqui fillar,  
A *forsa* de vos elevar,  
E vos non puyd' eu (y) valer.

Non me soub y conselh' aver,  
Per como podess' en durar  
A coyta (n?) que me vi andar  
Pola *forsa* que vos prender  
Vi, e quiser' ante sofrer  
Mort' ũa vez e acabar  
Vivo per haver a estar  
A tan grave pesar a ver.

E nunca no mundo prazer  
Des aqui ja mais aguardar,  
E sempre m' aver a queixar  
A deus, per el esto querer;  
Mais hũa ren posso creer  
Que des que m' esto foy mostrar  
Por en me leyxo de matar  
Q' aja sempre que doer,  
E que nunca possa toller,

\*

E que sempre já desejar  
Vós c' o vosso parecer.

Ca nunca m' a d' escaecer  
E no mal sempre cuydar  
Ben me posso maravilhar  
Por mha morte non aducer.

E nunca deus queyr' a prazer  
Que nunca el queira mostrar  
A nulh' ome tanto pesar  
Quant' el poderia sofrer.

Acerca da *n* confirma - se quanto dizemos na.  
pag. 358, lendo - se do modo seguinte a 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>  
copla e estribilho da

o (p. 312).

Que muyto que eu desirey  
De vos veer e de vos falar,  
E foi m' o Deus agora guisar,  
Senhor, e mays vos en direy:  
Non cuidára tant' a viver  
Como vevi, sem vos ver.

E des que m' y fes esse ben,  
Ainda m' outro ben fará,

Poys el quis que vos visse já,  
Mha Señor, ca per nenhun sen,  
Non cuidára etc.

y, p. 318 e 319.

Esta composição de Guillade, da qual o codice de Lisboa não contem mais que a 4.<sup>a</sup> copla, metade da 3.<sup>a</sup> e o 1.<sup>o</sup> verso do estribilho, se completa de todo pelo exemplar de Roma, que ate a traz repetida, sendo, segundo nossa numeração, a 28.<sup>a</sup> e logo a 35.<sup>a</sup> do Cancioneiro, advertindo que o 1.<sup>o</sup> verso falta da 1.<sup>a</sup> vez e só se encontra na repetição, a qual provavelmente teve logar, como outras vezes, por descuido, que até se deu com uma das do rei D. Diniz. Eis a integra dessa cantiga:

U. 33

Que muitos me perguntarán,  
Quando m' ora virem morrer,  
Porque moyr', e quer' eu dizer  
Quanto send' eu, pois saberán  
Moyr' eu por que non vej' aqui  
A dona que non vej' aqui.

E perguntar m' an, eu o sei,  
Da dona que diga qual é;

\*\*

E vos rogo, por boa fé,  
 Que nunca lhes er mais direi  
 Moyr' eu etc.

E diran me que parecer  
 Viron se (?) as donas mui ben;  
 E direy-vo-lhes eu porén  
 Quanto m' ora oystes dizer:  
 Moyr' eu etc.

E non dig' eu das outras mal  
 Nen ben, nen sol, nen falo y;  
 Nays pois vejo que moyr' assi  
 Digo est' e nunca direy al:  
 Moyr' eu etc.

Pelo que levamos exposto advertirá por certo o leitor que nos cantares 99, 118, 239 e 278 nos haviam escapado descuidos pelo que toca á verdadeira partição dos versos.

Ainda mal, não foram esses os unicos, que, já antes de alcançarmos copia do cancionero da Vaticana, haviamos advertido; visto que essa tarefa se nos tornou mais facil, desde que, por meio da nossa propria edição, vimos as poesias

destacadas do confuso cahos que se nota \*, assim no manuscrito, como nas paginas da edição Stuart.

Aqui passaremos a apontar por sua ordem tanto essas irregularidades, como outros retoques que concorrerão não só a melhorar a nossa edição, como a prestar algum pequeno contingente á immediata, que sem duvida será tanto mais acabada e completa, quanto mais haja antes sido por muitos estudado, depois de impresso, o mencionado cancioneiro de Roma, relacionado intimamente, segundo indicamos, com este, e repleto de informações, sobre a biographia dos Trovadores, os costumes e a vida das côrtes de Portugal e (principalmente) de Leon etc., as quaes poderão vir a designar o anno preciso em que algumas das nossas trovas originalmente se compuseram.

---

Passemos porem ás observações e retoques promettidos.

c. 34.

O 7º. verso deve separar-se, passando a ser o 1º. da 2ª. copla, sem o ponto depois de "aver".

\*. Quando nos lembramos do tal cahos, quasi nos admiramos que tanto a este, como a outros respeito, não saiu a nossa edição muito mais imperfeita.

c. 50.

A 4ª. copla deve acabar no verso

Pois poder á de lle valer

pondo ponto e virgula no verso anterior.

c. 68.

O ultimo verso da 3ª. copla parece dever ser o 1º. da 4ª., que nesse caso fica completa.

c. 78.

Lêa-se como 3º. verso:

Non haja ren de me valer.

c. 133.

O 1º. verso parece pertencer a outra cantiga; mas não á anterior, como dissemos na pag. 350.

c. 139.

Lêa-se:

Des' oge mais já sempr' eu rogarei  
Deus, por mia morte etc.

c. 148.

- Nunca tan coitad' ome por moller  
 • Foy com' eu por ãa que me non quer  
 Fazer ben, pero se mi o non fezer  
     E' cousa guissada  
     De non viver nada  
         Se me deus non der  
     Ben tallada,  
     Nen vida longada  
         Non mi a min mester.

E mellor me será a mi de morrer  
 Ca senpr' assi como vivo viver  
 Coitado pola que non quis dizer  
     A mi n' outro dia  
     O per que guaria,  
         Per que gran prazer  
     Ela me faria,  
     Par Santa Maria,  
         Non mi o quis fazer.

E poil-a eu vi, senpre a vi puñar  
 En me de seu preito e de se quitar,  
 Mais agora ja por me mais coitar;

Por ende me disse  
 Que a nunca visse  
 En logar estar  
 Que ll' eu non fogisse,  
 E que a non visse  
 Por m'en me matar.

c. 174.

Começa:

“Quando eu podia mia Señor  
 Ver ben, desejava enton.”

c. 203.

O estribilho deve ler-se em 3 versos:

Ja nunca dela cuidei al  
 Aver por deus que pod' e val'  
 Erg' esta coita que me ven.

c. 221.

Supram-se algumas virgulas etc. que faltam.

c. 258.

Lêa-se:

Non me poss' eu, Señor, salvar

Que muito ben non desejei  
 Aver de vós, mais salvar m' ei  
 etc.

---

Pelo que respeita á cantiga 140, que tanto nos deu que fazer (v. p. 350), parece confirmado que estão dois versos della em provençal; e devem, com os dois anteriores, ser lidos, segundo o Sr. Dietz, que hoje consideramos como primeira autoridade nestas materias, do modo seguinte:

Dizer-vos quer' eu ãa ren,  
 Señor, que sempre ben quige,  
*Or sachaz veroyamen,*  
*Que ie soy votr' ome lige.*

Com o mesmo venerando philologo estamos dispostos a admittir que as palavras *mal'* e *volo*, poderão não ser mais que erros, de leitura ou dos manuscriptos, por *val'* e *vol-o*; tambem admittimos que *aveer* não signifique *avir*, que, no 4º. verso da 3ª. copla da c. 192 (p. 353), se deva ler

“... pois la vi,” etc.

e finalmente que não e' indevida a repetição da palavra “Señor” na c. 151 (v. p. 351, 5º). —

Não podemos porem concordar com o mesmo Sr. Dietz quando julga que *avidar* deve ter sido erro de leitura por *ajudar*. O verbo *avidar* se

encontra tambem em poesias do Cancioneiro da Vaticana. Tão pouco julgamos que *perdito* e *nan* sejam erros de copia por *perdido* e *nen*; visto que esta última palavra ainda é empregada pelo povo (quando v. gr. diz *nan-ja-eu*) e o *perdito* se lê tambem no Cancioneiro de Roma, bem como outras vezes *perdud'*.

Do mesmo modo não podemos concordar com o Sr. Dietz a respeito da importancia que liga ao escrevermos *vos* para designar o possessivo, que algumas vezes os antigos escreviam *vus*, a fim de o distinguir do pronome pessoal *vós*, que escreviam sem accentto. Assim por convenção os antigos escreviam *vus* e *vos* e nós hoje *vos* e *vós*; mas no fundo a pronunciação seria a mesma que actualmente; pois que todos sabem que o *vos* possessivo sôa hoje em Portugal quasi como *vus*, que tem o inconveniente, sem vantagem marcada, de contribuir a dificultar a leitura e de dar á linguagem uma feição mais barbara e agallegada do que a verdadeira.

Assim desde já aqui advertimos que nos trechos que citamos do cancionero da Vaticana não hesitamos em escrever sempre *vos* (sem o accentuado) onde encontramos *vus*, accentuando o *o*, onde a leitura pedia evidentemente um *vós*. Ao menos seremos sempre neste ponto consequentes; ao passo que nos manuscriptos não encontramos sobre isso nenhuma regra fixa; o que se nota principalmente na repetição dos estribilhos, onde, sendo os mesmos versos e as mesmissimas palavras, se vê n' um delles escripto *vus*, e n' outros *vos*.

E já que falamos dos estribilhos, diremos que ainda a outros respeito, tanto no codice de Lisboa, como no de Roma, elles nos servem a comprovar a incuria com que foram copiadas as trovas, a ponto de haver logares em que só, digamos assim, ás apalpadelas, é que se chega a poder quasi que *advinhar* pelo sentido certas palavras. Nos estribilhos, notam-se muitas vezes erros tão grosseiros, evidenciados na repetição, pelo menos das primeiros palavras delles, que nos explicam como, nas coplas que se não repetem, terão elles escapado, sem haver meio de os rectificar. Tudo isto faz arraigar cada dia mais em nós a convicção de que só mediante o trabalho perseverante de muitos, \* ajudando-se uns aos outros, é que se chegará a conseguir que para o futuro as lettras venham a possuir, com a correccão possível, as trovas e cantares dos dois Cancioneiros, monumentos da nossa lingua e da poesia provençal nas Hespanhas.

\* Sempre foi esta a nossa opinião, segundo se pode ver na Introduccão pag. XIII.

**F. A. de V.**

## Erratas manifestas.

| <i>Pag.</i> | <i>Lin.</i> | <i>Onde se le :</i>   | <i>Lea :</i>                |
|-------------|-------------|-----------------------|-----------------------------|
| 13          | 4           | en                    | eu                          |
| 21          | 1           | ni um                 | nium                        |
| 31          | 10          | seu veja              | s' eu veja                  |
| 47          | 17          | Fez em ar             | Fez, e m' ar                |
| 52          | 20          | d' estorvar           | destorvar (v. p. 120 e 223) |
| 91          | 22          | morrei                | morrerei                    |
| 94          | 7           | coita                 | coit' a                     |
| 99          | 7           | morrei                | morrerei                    |
| 104         | 7           | grand' apoer          | grad' a poer                |
| 107         | 8           | d' amor               | amor                        |
| 119         | 4           | poderiades            | podéra                      |
| 120         | 12          | en                    | eu                          |
| 121         | 5           | conselho              | dá conselho                 |
| 122         | 5           | E                     | A (Vat.)                    |
| 122         | 9           | deus                  | d' eu (Id.)                 |
| 126         | 2 e 8       | comigo                | ch' amigo                   |
| 160         | 15          | s' eu en              | s' eu                       |
| 190         | 12          | ne                    | nen                         |
| 203         | 7           | escacer               | escaecer                    |
| 203         | 19          | meu mui               | m' eu mui                   |
| 204         | 12          | mal'                  | val'                        |
| 218         | ult.        | valera                | valuera                     |
| 219         | 4           | tante y               | tant' ey                    |
| 233         | antepen.    | fazer,                | fazer.                      |
| 245         | 15          | valla                 | vall' a                     |
| 256         | 17          | oje, derei vós        | oj', e direi vos            |
| 264         | 4           | encobrir ;            | encobri ;                   |
| 269         | 19          | m' entr'              | mentr'                      |
| 283         | 9           | é. de muito ben e via | é de muito ben, e vi-a      |
| 283         | 13          | moiro,                | moir' é (Vat.)              |
| 284         | 10          | En ũa                 | Hũa                         |
| 287         | 2           | dístes                | dissestes                   |
| 299         | 15          | guisada               | guisado                     |
| 316         | 13          | dias                  | deus                        |
| 317         | 12          | valer                 | valver                      |

## Correcções que se propõe:

| <i>Pag.</i> | <i>Lin.</i> | <i>Onde diz:</i> | <i>Deve talves diser-se:</i> |
|-------------|-------------|------------------|------------------------------|
| 1           | 7           | dê la            | dê d' ela                    |
| 26          | 14          | Pois             | Pois vos                     |
| 42          | 11          | quan             | quanto                       |
| 46          | 20          | Ja               | Ja a                         |
| 52          | 14          | Mais vós         | Mais                         |
| 67          | 15          | E de             | de                           |
| 114         | 2           | de min           | e de min                     |
| 118         | 5           | grand'           | en grand'                    |
| 133         | 13          | E eu             | Eu                           |
| 142         | 3           | leixe            | leixe de                     |
| 149         | pen.        | vos              | vos o                        |
| 159         | pen.        | mi               | m'                           |
| 189         | pen.        | vos              | vol-a                        |
| 194         | 11          | des              | deus                         |
| 198         | 10          | a min deus       | deus a mi                    |
| 216         | 12          | scharei          | eid' achar                   |
| 221         | 15          | de senpre        | senpre                       |
| 237         | 4           | Ay               | À                            |
| 260         | 10          | coita            | coit' en                     |



**Vienna 1868: Na Imp. de C. Gerold Filho.**









UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 00835 5979

